

R. da Cunha



Leuz ao alto

OTJA ON SLE

R. DA CUNHA

LUZ AO ALTO

— MARIA DE ASSIS GOMES DA FONSECA —

R. S. C. M.

COIMBRA

1952

Nihil obstat.

Coimbra, 15 de Novembro de 1952.

CÓNEGO MANUEL D'ALMEIDA TRINDADE

Imprimatur.

Conimbricae, 17 Novembris anni 1952

† ERNESTUS, *Arch. Ep. Conimbricensis.*

INTRODUÇÃO

Luz ao Alto a arder e a alumiar as almas com reflexos da Luz de Deus, foi a sua vida.

E como foi só isto, e sempre fez por ocultar na sombra do seu humilde viver as graças que o Senhor lhe fazia e o bem que ela fazia aos outros, pareceria que tudo ficava dito só com o título do livro, o seu nome e... mais nada.

Mas Deus não quis assim.

De todos os lados, afluíram solicitações para que não se deixasse apagar no esquecimento esta lampada ardente, mas se pusesse à vista de todos, como lembra o Mestre, no Evangelho.

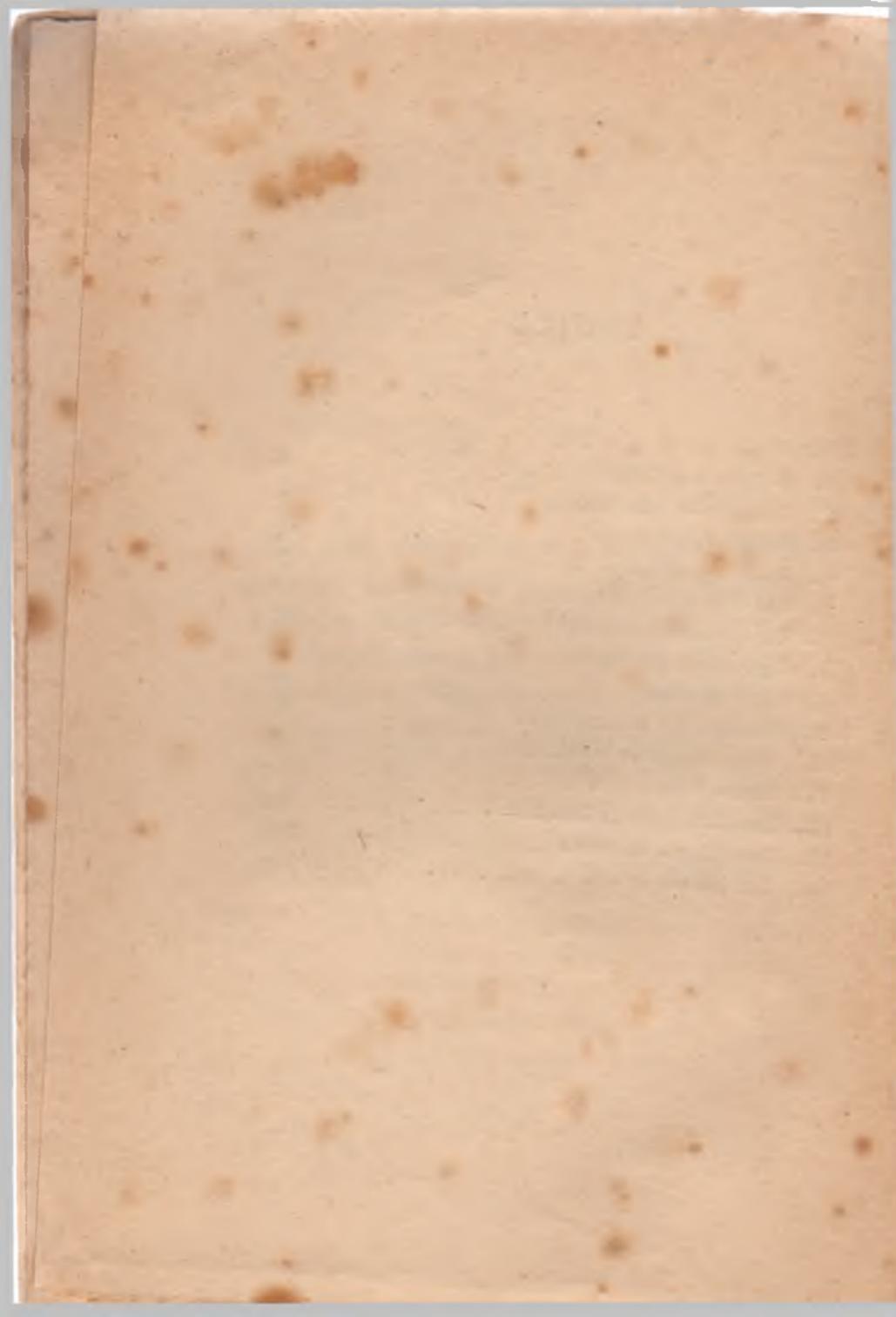
Isto se tentou fazer enfeixando em linguagem singela o que dela sabíamos e o que nos disseram as suas cartas, os documentos e testemunhos da família, as lembranças de suas irmãs em religião, a tradição recolhida entre os que a conheceram, em Portugal e no Brasil.

Pelo estilo e dramatismo de alguns quadros, poderá esta obra assemelhar-se a um romance, mas, pelo cuidado em assentar todas as datas e todos os factos sobre dados seguros, é uma autêntica biografia. Como prova disso, se indicam as fontes¹ donde provêm os elementos principais que nos serviram para erguer ao Alto esta luz que foi a vida da Madre Maria de Assis.

R. DA CUNHA

ÍNDICE

	Págs.
INTRODUÇÃO	V
1. O Lobo e o Cordeiro	I
2. Acendeu-se uma luzinha	9
3. Passos da mocidade	17
4. Cadeias quebradas	33
5. Em demanda doutro ninho	43
6. De degrau em degrau	57
7. Segredo duma vida	67
8. Obra de amor	79
9. O tempo das sementeiras	89
10. Sob o látigo da revolução	97
11. Pátria Nova	115
12. Brasil, missão de bençãos	135
13. Arregaçada de flores	161
14. Luz ao alto	183



O LOBO E O CORDEIRO

Rompendo a custo a barreira de neblina que se erguia das bandas do rio, começava o sol a espreguiçar-se pela encosta do Bonfim acima, quando o Senhor Abade recolheu à sacristia, a tirar os paramentos.

Os fiéis — gente pobre, na sua maioria —, foram desertando, pouco a pouco.

! Aquela Missa d'Alva, sob o olhar piedoso e triste do «Senhor da Boa Morte», de corpo desnudado e hirto cravado à cruz, de chagas a sangrar à luz frouxa de dois círios de promessa, irmanava-os estreitamente com Ele na dor e na pobreza. E lá se iam à vida mais aliviados das suas penas, mais animosos para os trabalhos do dia.

De cada vez que alguém saía, o vento, num arremesso de garoto impertinente, metia baforadas de nevoeiro glacial pela porta adentro.

— Jesus, *Sinhor*, sempre está um frio! — suspirou uma mulherzinha que ia a sair. E, aconchegando ao corpo arrepiado o chaile de lã puída, deu

de costas à rajada húmida que a transia, metendo ao rés do muro do cemitério.

Quase ao fundo da igreja, meio-oculta pela grade que rodeava o altar de Santa Clara, uma rapariguinha rezava com fervor. Que afinidades de alma a prendiam, há mais de uma hora, junto ao corpo incorrupto da jovem mártir? Que tormentos lhe oprimiam o coração, para lhos confidenciar com tantas lágrimas?¹

Bateu com estrondo a porta do guarda-vento.

Um rapazito dos seus onze anos entrou, apressado, a correr tudo com a vista, como quem procura alguém. Trazia os olhos encandeados pelo sol — que, àquela hora, já batia em cheio no lajedo do escadório, — e custou-lhe a descortinar a Rufininha.

— Tia, venha-se embora! — pediu, aflito, o Serafim.

Vendo que não dava sinal de ter ouvido, repetiu mais alto, puxando-lhe pelo braço:

— Venha, venha depressa! Olhe que já é tarde e, depois, o tio Aires bate-lhe...

Como quem regressa de muito longe, e se acha estranha na própria terra, a Rufininha voltou devagarinho o rosto e respondeu com os olhos azuis a reflectir toda a claridade que lhe ia na alma:

— Deixa lá, meu filho; Nosso Senhor ainda sofreu mais. O tio precisa tanto que rezem por ele!...

Daí a momentos, os dois desciam, a passo rápido, a rua Barros Lima.

Apertou-se-lhes o coração quando, ao chegar à rua do Heroísmo, deram de cara com o Aires,

que os esperava à porta da loja, de mãos nos bolsos e má cabedura.

— A boas horas vens! — rosou, ameaçador, para a irmã. — E tu, meu madraço, também me andas por lá a ouvir missas, com a beata da tua mãe? Logo, ajustaremos contas. Não perdem com a demora... — rematou, sarcástico.

Bem sabia a Rufininha que não havia nada que amansasse o irmão, quando lhe vinham estes des-temperos de génio. Baixou a cabeça, e entrou em casa pela porta do lado, a que dava para a rua do Barão de Nova Sintra.

O Serafim, esse esgueirou-se, ligeiro como um gato, para detrás do balcão, e pôs-se a pesar um quarto de açúcar a uma freguesa, como se nada daquilo fosse com ele... Ali, estava seguro. E, lá para consigo, entrou de filosofar que «enquanto o pau vai e vem, folgam as costas!»

! — Aninhas, o lume já está aceso? — perguntou, com voz sumida e inquieta, a Rufininha, encaminhando-se para o lado do fogão.

— Já, sim, menina. Venha ver! O caldo não tarda a ferver, e estou a acabar de descascar as batatas.

— Isso é que foi trabalhar! Vieram por cá os anjinhos ajudar-te? — E sorriu, mais aliviada das suas penas.

A pequena deu uma gargalhada consolada. Gostava tanto de afugentar umas nuvens de tristeza que, às vezes, toldavam o olhar da menina Rufina! Não deviam andar anuviados pelos cuidados da

terra uns olhos tão azuis que até pareciam feitos de pedacinhos do céu. E respondeu, a gracejar:

— Veio cá um anjinho, veio, mas foi antes de eu me levantar. Sabe quem é?!

— És uma tontinha! — e fez-lhe uma festa. — Anda, vai pôr a mesa, enquanto eu faço o almoço, — disse, a impontá-la, pois já adivinhava onde ela queria chegar. Como dormiam no mesmo quarto, a Aninhas surpreendia-a, muitas vezes, já vestida e pronta, antes de luzir a madrugada. Nesses bons tempos, era costume geral almoçar-se por volta das dez horas, e nunca a Rufininha saía para a Igreja sem deixar tudo a postos na cozinha, para, no regresso, preparar rápidamente o almoço.

Por morte da mãe, por quem ainda andavam de luto pesado, o Aires resolvera pedir a uns compadres que tinha no Porto, se lhe cediam a afilhadita para fazer companhia à irmã e dar um jeito na lida da casa. Mas, entre as horas que passava na Mestra e as que a idade reclamava para a brincadeira (a pequena ainda não tinha feito os dez), pouco tempo lhe sobrava para a ajudar.

Era, portanto, sobre a bondosa e sacrificada rapariga que, apesar da saúde débil, recaía a maior parte do trabalho, nesses anos que decorreram até a Aninhas ganhar corpo e juízo.

Bem gostaria o sobrinho de a aliviar, mas estava preso na loja, onde fazia as vezes de marçano. Só às furtadelas, e nas horas mortas em que não havia fregueses a atender, é que ia ter com a tia, às tra-seiras da venda.

O rapaz era esperto e activo e, não tivesse o tio ~~aquelle~~ desgraçado feitio de jogar as cristas com toda a gente, podiam viver como Deus com os anjos. Mas, se nem o próprio irmão, o Maximiano — que no génio bondoso e conciliador se assemelhava à Rufininha —, o pudera aturar! Mal se vira de posse de alguns cabedais, fora estabelecer-se, por conta própria, umas casas mais abaixo, na mesma rua onde o Aires tinha a mercearia.

Ora, uma manhã, o Serafim chegou muito revoltado à cozinha, a desabafar a sua indignação:

— Isto não se atura! Mal a tia põe os pés fora de casa, entra logo por aí adentro aquella mulher que passa agora a vida na loja. O tio parece que não vê outra coisa, mas olhe que ela tem má pinta... Não a posso enxergar!

— Cala-te, filho! A gente não deve julgar as pessoas pela cara.

— Ai, aquella não engana. Eu, um dia, enxoto-a que nem um cão! A tia vai ver.

— Credo! filho. Não faças isso. Reza mas é pelo teu tio, para que o Senhor o livre de más companhias.

Não se convenceu o pequeno. Todo o dia andou a remoer aquilo lá dentro, até lhe ferver o sangue na guelra.

— Ah! o tio não respeitava a casa onde a mãe lhe tinha morrido como uma santa, e onde a irmã — aquele manso cordeirinho! — levava, por via dele, uma vida tão amargurada?... — discorria o Serafim, a falar consigo próprio. — Pois ficasse

certo de que, apesar de ser um fedelho, ele poria cobro àquele desaforo!

Meu dito, meu feito. Na primeira ocasião em que a mulher lá apareceu, opôs-se-lhe à entrada com tal energia de gesto e de palavra, que a criatura abalou porta fora, enfurecida com a desfeita.

Nessa noite, o Aires sentou-se à mesa de viseira carregada, a ameaçar grossa tempestade...

Ninguém disse palavra, durante a ceia. A Rufininha interrogava o sobrinho com o olhar, a ver se descobria a causa da zanga, mas ele punha os olhos no prato, a fazer-se desentendido. Tão pesada estava a atmosfera, que inda bem não tinham acabado, já ela recolhia os pratos e ia refugiar-se na cozinha.

Depois de tudo arrumado, fechou-se no quarto, a rezar o terço com a criadita e, vendo-a a cabecear com sono, mandou-a para a cama, logo ao findar da «Salve-Rainha».

Aquele quarto acanhado e escuro, onde ardia sempre uma lamparina de azeite a alumiar os santinhos da sua devoção, era como que a *igreja* do austero convento sem grades nem votos, onde a sua juventude se esticlava, incompreendida e só.

A quem nele entrasse, dava logo na vista uma grande cómoda de castanho, coberta por um pano de croché às rosetas, com franjas entrançadas, a rematar. Entre duas jarras de porcelana, enfeitadas com *palmas* de flores artificiais, presidia à devota comunidade de imagens que se alinhava sobre a cómoda, um crucifixo antigo, erguido sobre uma peanha que imitava a rocha do Calvário.

A ardente devoção da Rufininha, falava bem mais alto o ingénuo realismo daquele Cristo toscamente encarnado em cores vivas, do que falaria a fúidez estética dum cruxifixo de marfim artisticamente lavrado.

Ali, na contemplação assídua do corpo chagado do Senhor, aprendia a macerar, pela penitência, o seu corpo inocente, e a unir à dolorosa agonia de Jesus a angústia de ver o irmão tão perdido do bom caminho...

— Menina Rufina, hoje não se deita? — perguntou a Aninhas, admirada com reza tão comprida.

— Dorme sossegadinha. Em acabando, já me deito.

Mas deu o relógio meia-noite e ela de joelhos...

Rançou a chave na porta da rua e o Aires entrou em casa.

Com surpresa inquieta, ela percebeu que, em vez de se meter no quarto, tomava a direcção da alcova onde dormia o Serafim. Daí a pouco, chegava aos seus ouvidos um ruído surdo de pancadas e de gemidos aflitivos.

— Deus lhe acuda, senão inda o aleija! — doeu-se a Rufininha, como se fora nela que estivessem a bater.

Tanta crueldade cortava-lhe o coração mas, para não irritar mais o irmão, ficou-se no quarto a rezar e a chorar.

Os lamentos eram cada vez mais angustiados...

Não podendo conter-se, gritou numa última súplica, a fitar o cruxifixo:

— Senhor do Bonfim, tende dó daquele pobre-zinho! — e correu a acudir-lhe, metendo-se entre os dois.

— Não lhe bata mais! — implorou, caindo de joelhos aos pés do irmão.¹ — Não vê que ele é uma criança e que lhe pode ficar nas mãos?... Bata antes em mim!!

— É para ele aprender a não se meter na minha vida! — e tornou a erguer a bengala, num desvairo ameaçador.

— Perdoe-lhe, por alma da nossa mãe, que ele não torna mais!

Turvou-se o olhar do Aires, ao ouvir falar na mãe.

A expressão dura abrandou um pouco. O braço descaiu lentamente. E, sem dizer uma palavra, recolheu ao quarto.

O cordeiro amansara o lobo...²

2.

ACENDEU-SE UMA LUZINHA

Um baptizado põe sempre em festa o céu e a terra. A Trindade Santíssima baixa à alma da criancinha, a fazer nela morada de amor. E a mãe, finda a cerimónia, recebe em seus braços o filho da sua carne transmudado em filho de Deus.

No dia 6 de Junho de 1864, era levada à pia baptismal de Longa a filha mais nova de António Gomes da Fonseca e de Isabel do Espírito Santo Almeida.

— Rufina de Alegria, eu te baptizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, — disse o senhor Prior, derramando a água, por três vezes, sobre a cabeça da pequenina.

Acendeu-se uma luzinha na igreja de Longa: havia, no mundo, mais uma alma em graça!

Então o sino largou a badalar alegres trinados; e o sol, em despique com o sino, enfeitou as paredes velhas da igreja com brocados de oiro tão vivo, que deslumbrava a vista de quantos por ali passavam...

Feitos os assentos, na sacristia, o modesto acompanhamento do baptizado foi até casa do António

Gomes. Ficava esta a pouca distância da igreja, mesmo à entrada da rua do Pátio. Baixa e de aspecto humilde, era bem avizinhada, confrontando, dos dois lados, com solares antigos, habitados por famílias de nobre ascendência.

— Toma lá a menina, Isabel! — gritou o António Gomes, todo prazenteiro, tirando a criança à madrinha e pondo-a no colo da mulher.

A mãe, estendeu os braços cobiçosos para o seu tesoiro:

— Ai, que linda a minha rica filha! — e cobriu-a de beijos.

— Agora já tem nome cristão; chama-se Rufina. Gostas? — perguntou o marido.

Passou uma sombra no rosto feliz da Isabel, mas não disse palavra, por então.

Sobre uma mesa grande, toda *asseada* para a festa, havia bolos e vinho. Foram comer e beber à saúde da menina e de seus pais. A mãe, desviara-se para um canto, a aleitá-la, toda embebida na filhinha.

Quando se foram os estranhos, não se teve mais:

— Com o que eu não engrajo grande coisa — a comadre desculpe! — é com o nome que me pôs à criança. Não dá certo com este anjinho tão lindo!

— Não digas isso, mulher, olha que é nome duma grande santa: foi virgem e mártir, mais a sua irmã santa Justa! — atalhou o António Gomes que, por ser versado em coisas de religião e ter estado, em novo, no convento de S. Francisco, em Lamego, dava pelo cognome de «o Frade».

— Eu também não gostei, à primeira, — meteu a avó, conciliadora, — mas a gente podia chamar-lhe Rufininha e já ficava bonito.

Bateram as palmas os irmãos, a chamar: Rufininha! Rufininha!

E foi tanto o griteiro, que a irmãzita abriu os olhos e fez beicinho.

— Ora vejam isto! — extasiou-se a madrinha, — com oito dias, já abre os olhos que nem uma pessoa grande!

Aconchegou-a a mãe a si e, daí a pouco, adormecia, mansinha e serena.

Aqueles dois nomes que a madrinha lhe escolhera, encerravam (mas quem o sabia, então?) um significado cheio de simbolismo: o primeiro, rescendia a penetrante aroma de lirial pureza; o segundo, dava a nota cantante da alegria, que havia de dominar, através da sua longa e provada existência.

Se dermos crédito a antigas crónicas, Tabuaço, a cujo concelho pertence Longa, data de eras remotas. Já se faz menção dessa vila e doutras freguesias adjacentes, nas famosas «Inquirições» de el-rei D. Dinis. Há pouco mais de um século, a própria povoação de Longa ainda gozava foros de vila e tinha *um juiz ordinário, dois vereadores, um procurador do concelho, um meirinho e uma companhia de ordenança.*

A colação do abade da freguesia, dependia, alternadamente, do Cabido da Sé de Lamego e dos Frades do Mosteiro de Tarouca, o primeiro da Ordem de Cister que S. Bernardo mandou fundar em Portugal¹.

A atestar a devoção deste povo e as suas arraigadas tradições religiosas, lá se vêem, ainda hoje, quatro capelas.

Nas faldas do «Muro» — cabeça de ásperas penedias, a Norte de Longa — a ermida de Santo Isidro, padroeiro dos lavradores.

Ao pé do cemitério, a capelinha de Santo António; e, à saída da aldeia, no caminho da Granja do Tedo, a de S. Miguel.

Nenhuma, porém, tem o encanto e as vistas da capela da Senhora da Saúde, a alvejar, toda airosa, na crista dum outeirinho, para as bandas do Nascente. Se olhamos em volta, a linha do horizonte assemelha-se a um círculo gigantesco, fechado num abraço contínuo de cadcias de serras. Se baixamos os olhos, poisam deliciados nas casinhas brancas aninhadas à roda da velha igreja de S. Pelágio, que já perdeu a conta dos anos, mas ainda ergue, altaneira, o seu esbelto campanário.

O recenseamento de 1864 não dá a Longa mais do que 480 habitantes e 103 fogos.

Gente boa, laboriosa e hospitaleira, viviam os seus habitantes do que a terra dava, ou dos misteres próprios da região. Farta em batata, cereais, legumes e fruta, dava também azeite e vinho que chegasse. Oliveiras e videiras, trepavam pelos outeiros vizinhos, a disputar, palmo a palmo, a terra argilosa dos cômoros².

Nem sempre fora Longa a pacata e ordeira povoação onde acabava de ver a luz do dia a criança privilegiada que havia de chamar-se, em religião, Madre

Maria de Assis. As lutas políticas entre Cartistas e Miguelistas, que puseram a ferro e a fogo todo o Norte do País, tiveram trágica repercussão nas províncias da Beira e do Douro. Nessas contendas fratricidas (que se arrastaram de 1820 a 1836), teve parte activa o povo do concelho de Tabuaço, «temido em toda a região pela sua turbulência e excessos de toda a casta, não trepidando ante o roubo e o assassinato», quando se deixava cegar pela paixão política⁵.

Não saía aos fogosos antepassados o pacífico e bondoso António Gomes, a quem todos estimavam por suas virtudes, e que mereceu este elogio à filha religiosa: «foi o homem mais piedoso e fervoroso que houve em nossas terras».

De Isabel do Espírito Santo (com quem casara em segundas núpcias), ficou igual memória de piedade e bons costumes. Compassiva e generosa, nunca um pobrezinho bateu à sua porta sem levar esmola e, se cozia uma fornada de pão para a família, um bom quinhão era para dar. «Os pobres são pedaços do Coração de Deus», costumava dizer a Madre Maria de Assis. Quem, se não a mãe, lhe ensinou tão lindas falas?

Nos mesmos princípios por que se regravam os pais, se iam criando os filhos. Infelizmente, nem sempre se recolhe o que se semeia! Dois dos rapazes começaram cedo a dar cuidados. Dir-se-ia que o sangue de algum avô mais impulsivo e violento se refugiara todo nas veias do Aires e do Alexandre, tão turbulentos e arrebatados de génio se mostravam, desde crianças!

Quando a Rufininha nasceu, já o mais velho, o João, andava a estudar para padre, no Seminário de Lamego. Corria com as despesas a Madrinha, mulher do Maximiano Sousa, que era família muito considerada na terra, e de mais haveres que os pais do seminarista.

Do tempo em que estivera com os frades, o António Gomes conservava o gosto pelas cerimónias da igreja. A miúdo o convidavam *para assistir aos officios divinos e ajudar na administração dos sacramentos*, como consta de um curioso documento em papel selado, escrito com a fantasista ortografia que, não raro, se lê em textos oficiais daqueles meados do século dezanove. Nessa petição, roga ele licença *de ozar de suberpeliz com Abito talar e croa aberta menor que de tonçura, por espaço de hum anno, pelo sumo dezejo que tem de servir a igreja e coadejuvar o seu R.^o Parocho*¹.

Tão piedosas inclinações levam a crer que ele se teria deixado ficar com os bons Capuchinhos de Lamego, se a iníqua legislação de 1833-34 não varresse brutalmente de seus habitantes os conventos ainda existentes nessa época.

Por isso, se revia todo no jovem seminarista e, lá no íntimo, tanto ele como a mulher, acalentavam uma inocente ambição — tema favorito das suas conversas, nos serões de inverno.

Noite fechada, depois da ceia e do «Terço» em comum — a que se seguia uma enfiada de «Padre-Nossos» e de «Ave-Marias» pelas intenções mais variadas, desde *as alminhas das nossas obrigações* até às preces *pelos que andam por sobre as águas*

— a pequenada recolhia à cama. Chegavam então, os dois para a lareira, aticavam as ~~suas~~ mortijas, e o serão começava. Enquanto ~~ela dava~~ uns pontos, ou fiava o seu linho, ele lia ~~passadamente~~, em livros antigos, algum trecho do Antigo Testamento ou das Vidas dos Santos. De quando em quando, metiam dois dedos de cavaco, por entre a leitura, e lá vinha o João à baila.

— Mais uns anitos e temo-lo a cantar missa na nossa igreja, — aventava o pai.

— Eu vem-me isto à ideia, António, que inda havemos de o ver prior de Longa.

— Hum, isso já será querer muito... — e rematava (como se a ele não lhe sorrisse tanto a ideia como à mulher!) — Fantasias de mãe...

— Este, está arumado. O pior são os outros... — suspirava fundo a Isabel.

— Aos outros, também se lhe há-de dar um jeito. Deus nunca falta aos seus!

Na verdade, oito filhos — dois do primeiro matrimónio e seis do segundo — eram pesado fardo para quem só tinha o seu braço para tirar da terra sustento e vestido para tão numeroso rancho. A sua Isabel, trabalhadeira e poupada, não parava em todo o santo dia a ajudar na lavoira e a cuidar da casa e das crianças, mas nem assim ameaçavam coisa que chegasse para prover ao futuro dos filhos.

— Inda se o Aires se fizesse aos trabalhos do campo, mas não há quem o vergue... — queixava-se o pai. — Qualquer dia, arrumo com ele p'ró Porto,

De tão boa escola, saiu aproveitada a discípula. Tinha, desde pequenina, um modo tão encantador de rezar, com as mãozinhas e os olhos erguidos ao Céu, que dava devoção a quem se punha a observá-la.

O que terá sido o primeiro encontro daquele coraçozinho ardente e puro com o Coração do seu Deus, na Sagrada Eucaristia? Sabia-o ela e o seu Anjo da Guarda! Não consta que jamais fizesse referência a esse grande dia.

Se o pai juntava os filhos, ao Domingo, para lhes ler naqueles cartapácios que os frades lhe haviam dado, ninguém escutava com mais atenção do que ela as histórias tão lindas do Menino Jesus e dos Seus amigos, os Santos.

E a graça com que ela as repetia, depois, aos companheiros de brincadeira! Até os mais estouvados se acomodavam, quietinhos, ao ouvi-la contar como fora que o Menino Isaac se vira livre da morte, por intervenção dum anjo, mesmo na hora em que Abraão já estava de cutelo alevantado para o imolar...¹ Ou, então, como protegera os três rapazinhos que um rei mau condenara a serem atirados para uma fornalha de fogo ardente, e que de lá saíram com a roupa intacta e sem que um só cabelo da sua cabeça se tivesse queimado².

E, além destes, quantos outros casos admiráveis não ouviu ler ao pai?

Pela vida fera, a Madre Maria de Assis havia de conservar o mesmo gosto pela leitura da Bíblia, e a mesma ingénua predilecção pelos episódios miraculosos. Dava até a impressão de que a sua

~~uma~~ simples e o seu profundo espírito de fé se sen-
~~tem~~ tanto mais à vontade quanto mais insondável
~~parecesse~~ um mistério, ou quanto mais extraordi-
~~ário~~ fosse um prodígio!

De toda a meninice, apenas consta que fizesse
~~uma~~ maldade — e que cara lhe ia ficando!...

A Rufininha perdia-se por andar a regar. Volta
não volta, ia ter com a Isabel, a irmã mais velha,
a pedir que lhe emprestasse o regador.

No pino do verão, Longa é muito quente. A cin-
tura de montes que a aperta em volta, não deixa
lá chegar nem um sopro de aragem fresca. Um
belo dia, pareceu à pequerrucha que as suas flores
(algum pé de sardinheira garrida, a debruçar-se
da varanda para o quinteiro) estavam tristonhas
e sequiosas.

— Coitadinhas! Quereis beber? — disse,
acariciando-as com a mãozita. E foge a cor-
rer para um quintal vizinho, a encher de água o
regador.

Quando viu as flores arrebitadas com a copiosa
libação, tornou para junto do poço.

— E se escondesse o regador dentro da água?...
Ali, ninguém dava com ele!

E a rir da boa partida que ia pregar, vira-o de
boca para baixo, e toca a empurrá-lo para o fundo,
com quanta força tinha. Mas, ai! atrás do regador,
mergulha a Rufininha... Nem tempo tem para
soltar um grito!

Por Deus, chegou a sede a uma jornaleira que
andava perto, a trabalhar. Ao dirigir-se para a

bica, dá-lhe na vista o vulto claro e as perninhas da criança a agitarem-se fora da água. O vestidinho fizera balão e não a deixara afundar!

Apressa-se a mulherzinha a salvá-la. Mais uns segundos e morreria asfixiada...

Nunca a Madre Maria de Assis esqueceria este episódio trágico da sua infância, não se cansando de louvar a Providência por uma graça que tinha quase por miraculosa.

Por volta dos oito anos, já tinha dois sobrinhos, que eram os seus encantos: o Daniel e o Serafim, filhos da Isabel. Por este último — aquele com quem viveria mais tempo —, conservaria sempre uma grande ternura, e ele, bem lho pagaria em amizade e veneração.

Antigamente, eram familiares, na pena dos biógrafos dos santos, frases no estilo desta: «desde os primeiros anos, deu sinais dessa eminente perfeição que, um dia, havia de atingir».

Sem exagero se poderia dizer o mesmo da Rufininha. São concordes os testemunhos da família e dos estranhos sobre a admiração que a sua precoce virtude despertava. Todavia, já não seria exacto afirmar dela o que se disse doutras servas de Deus (porventura com piedoso encarecimento!): «nenhum atractivo experimentava pelos brinquedos e passatempos próprios da sua idade...»

A alegria e a boa disposição foram sempre facetas características da Madre Maria de Assis. Em pequena gostava até muito de brincar e tinha tanto jeito para entreter as outras crianças que, logo que a

~~viam~~ assomar ao portal do quinteiro, corriam a ~~desafiá-la~~ para os seus jogos.

Jovial e simples, a tudo se prestava. Só o mal ~~he~~ inspirava tão viva repulsa que o revelava instantaneamente na mudança do semblante, e impunha o respeito em volta de si, mesmo sem dizer uma palavra. Se, porém, as circunstâncias o pediam, sabia meter a propósito um bom conselho ou uma meiga repreensão. Este modo de persuadir por meio duma firme suavidade, havia de ser, desde a infância, outra característica da sua personalidade, e um dos segredos da sua irresistível acção nas almas.

Com os anos, foi alargando o círculo da sua influência. Agora, já não era apenas sobre os sobrinheiros e os companheiros de brincadeira que o seu ascendente se exercia, mas até sobre as pessoas crescidas.

! Não havia outra como a Rufininha para *deitar* o «Terço», nas rezas em comum; para *andar os passos*, na devoção da «Via-Sacra»; ou para *entoar o falsete* nas modas de igreja.

Sabia de cor todos os versos da novena do Menino e era ver a pequenada à roda dela, a entremear os «Padre-Nossos» com estas e outras quadras ingénuas:

*Vinde já, vinde com pressa
À lapinha de Belém,
A ver como o Deus Menino
Nasceu para nosso bem.*

Quem viveu, há umas dezenas de anos, numa dessas povoações do Norte onde as tradições religiosas se mantinham intactas, sabe o cunho verdadeiramente inconfundível que tais usos imprimiam à época da Quaresma e da Paixão.

Longa era uma dessas aldeias.

A partir de quarta-feira de Cinzas, vestia-se roupa mais escura; suspendiam-se diversões e cantos profanos; novos e velhos observavam, em todo o seu rigor, a abstinência e jejum preceituados pelas leis da Igreja.

Às Sexta-feiras, saíam os homens, de noite, a percorrer, em grupo, os sete «Passos». A volta era grande: subiam da igreja ao alto do Calvário, passando pelas capelinhas de Santo António e da Senhora da Saúde. Começava o exercício pelo «Acto de Contrição», entoado em coro, antes da saída:

*Ó meu Senhor Jesus Cristo,
Aqui adorar-vos venho,
Com pesar das minhas culpas
Com que ofendido vos tenho.*

*Aceitai meus rendimentos,
Meus affectos virtuosos,
Com que venho recordar
Vossos passos dolorosos.*

A marcar as estações, havia, ora uma cruz, ora um retábulo de pedra com seu painel, que alguma vizinha piedosa se esmerava em *assear* com flores

e veloz. Quando chegavam à primeira, o homem que presidia (durante muitos anos coube esta função ao Jerónimo Nunes, cunhado da Rufininha) anunciava em voz forte:

— 1.^o passo: a sentença de morte de Cristo.

Feita a leitura da meditação e uma oração breve, seguia-se o canto:

*Adoro-vos, meu Jesus,
Pelos homens condenado
A levar a vossos ombros
Esse madeiro pesado.*

*Ó infinita bondade,
Que sofreis por meu amor,
Perdoai-me as minhas culpas,
Já que sois meu Redentor.*

E assim iam, de «Passo» em «Passo», a rezar e a cantar...

Eram ingénuos os versos e de feitura simples; dolente e monótona a melodia, mas a inspiração donde haviam brotado era tão genuinamente cristã que abalava a sensibilidade dos assistentes, e punha as almas a vibrar de sincera compaixão pelas dores do divino Padecente, e a doer-se das próprias culpas — causa de tão acerbos penas...

Durante a Quaresma, as cantigas que ordinariamente amenizam os trabalhos caseiros ou campestres, tomavam a mesma gravidade religiosa. Podia o *estilo*³ sofrer ligeiras variantes, de terra

para terra, o assunto, porém, era sempre baseado nos *Tormentos do Senhor*.

Nalguns sítios, eram os homens que entoavam o estribilho; às mulheres cabia *deitar os versos* em que ia perpassando toda a Paixão, numa sequência de quadros impressionantes.

A nota da gratidão era a primeira a ser ferida:

lento

Su-por-tou grandes tor-men-
tos tu-nos mar-ti-rios na
Cruz morreu pa-ra-nos sal-
var ————— Se-ja ben-di-to Je-sus.
- Je. Cadafaz da Serra (Cilveas) Ammudo Teop

Seguia-se a nota da compaixão:

Vossos santíssimos olhos
Verteram lágrimas ternas,
Para livrar nossas almas
Do fogo e penas eternas.

*Vossas santíssimas faces
Sofreram mil bofetadas
Por duros, feros algozes
Escarnecidas, pisadas...*

E, depois de comemorarem cada um dos tormentos do Senhor, rematavam com este verso:

*Vosso amável Coração
— Pois que o abriu dura lança —
Convida a que nele entremos
Cheios da mor confiança.*

Já as vozes se haviam calado, há momentos, e ainda o eco repetia, de quebrada em quebrada, o derradeiro grito de fé e louvor:

*Bendita e louvada seja
A Paixão do Redentor!*

.....

Quem sabe a influência que estas e outras práticas piedosas terão exercido na formação espiritual da futura religiosa!

Andava ela agora nos seus catorze anos. As feições graciosas, os modos agradáveis, o porte airoso e digno tornavam-na notada entre as raparigas da sua terra. Dizia-se até que os Sousas — compadres dos pais e muitos íntimos lá de casa, — viam com agrado a nascente inclinação do filho, o Severino, pela Rufininha. Na sua candura, só ela

de nada se apercebia. Trazia os olhos no Alto: alianças da terra não a seduziam!

Foi por esta idade que a convidaram para *fazer de Verónica*, na «Procissão dos Passos». Era honra que só merecia quem tivesse voz bonita e conduta irrepreensível.

Os pais acederam, lisonjeados com a escolha. Para mais, o pregador era o filho, o Padre João, que tinha cantado missa, ia já para três anos. À pobre menina não poucas lágrimas há-de ter custado o honroso convite... Não só por humildade, como por feitio, havia de ser sempre muito avessa a exhibições. Todavia, tão bem se desempenhou do seu papel que, dezenas de anos depois, ainda, em Longa, se falava no acontecimento.

A «Procissão dos Passos» é das mais comovedoras do ano eclesiástico.

Vergado ao peso da cruz, de túnica roxa, fronte coroada de espinhos, rosto macerado pelo sofrimento, vai o Senhor percorrendo, no seu andor, os passos principais da Paixão.

Precedem-no anjinhos e várias figuras religiosas, entre as quais sobressaem a Madalena e a Verónica. Trajam ambas de negro mas, no arranjo do cabelo e nos emblemas que empunham, diferenciam-se bem: leva uma os cabelos soltos e, na mão, um cálice doirado; vai a outra de cabeça coberta e ostenta, nas mãos, um alvo sudário.

Quando o andor pára nos diversos *poisos*, sobe a Verónica a um banco alto e, à medida que desenrola o sudário onde está representada a Face do

Senhor, entoar em latim, num cantochão melodioso e plangente, a comovedora *Lamentação* de Jeremias:

Ó vós todos que passais pelo caminho, atendei e vede se há dor semelhante à minha!

Neste momento, a Madalena prostra-se de joelhos, a contemplar o sudário do Senhor, e num gesto cheio de dramático simbolismo, ergue o cálice, a recolher o sangue que escorre da Sagrada Face.

A procissão continua e, ao virar duma rua, dá-se o emocionante encontro de Jesus e de Sua Mãe...

Param os andores, frente a frente.

Faz-se silêncio.

Dum púlpito improvisado, o pregador comenta a lancinante cena da 4.^a estação. E, se o orador é eloquente, ninguém fica de olhos enxutos, ninguém recolhe a casa sem levar a alma mais acesa em fé.

Nesse ano de 1878, deu-se uma volta inesperada na existência da Rufininha. Há, na vida, destas eventualidades aparentemente fortuitas e que, no fim de contas, são passos que a mão carinhosa de Deus nos leva a dar, para nos pôr no caminho por Ele traçado.

Razões que hoje se desconhecem (porventura a doença do pai, que a morte não tardaria em roubar-lhe) determinaram a mudança da família para o Porto.

O Aires, que, então, já devia contar uns vinte e sete anos, estava finalmente estabelecido na rua do Heroísmo (a Campanhã), com seu irmão Maximiano.

Lá se instalaram os quatro — os pais e as filhas mais novas, — nas traseiras da loja. Habitados

como estavam ao desafogo da vida sadia e tranquila do campo, quanto não devem ter estranhado, ao verem-se agora fechados entre quatro paredes, numa rua que a recente inauguração da *Estação Nova* tornara buliçosa e movimentada!

E não pouco terá contribuído para zumento de seu desgosto e saudade, o feitio duro e autoritário do Aires, e a atitude irreligiosa que lhe notavam — hostilidade disfarçada, diante dos pais; ostensiva e zombeteira, diante das irmãs...

Todavia, esperançadas nas melhoras do doentinho, lá iriam suportando resignadamente o novo teor de vida, com seu cortejo de tribulações.

Depois duma infância amimada e feliz, a Rufininha ia dar entrada, aos dezasseis anos, no *seu* caminho do Calvário...

Essas estações que, num Domingo de Paixão, havia percorrido com o Senhor dos Passos, pelas ruas da sua aldeia, voltaria a percorrê-las, pelos caminhos da vida, carregada com a própria cruz. E não mais deixaria de *fazer de Verónica*, consolando a Jesus Crucificado com a sua amorosa aceitação do sofrimento e o fervor das suas orações, durante o longo percurso de oitenta e sete anos, que durou a sua «Via-Sacra», na terra.

Entrando o inverno, foram-se aos poucos as esperanças de salvar o pai, e nem os cuidados nem os carinhos da Rufininha o puderam reter na terra. A 11 de Março de 1879, tinha a dor de o perder...

No ano seguinte, casava a Amália, na Sé do Porto. A Madrinha fora a irmã mais nova.

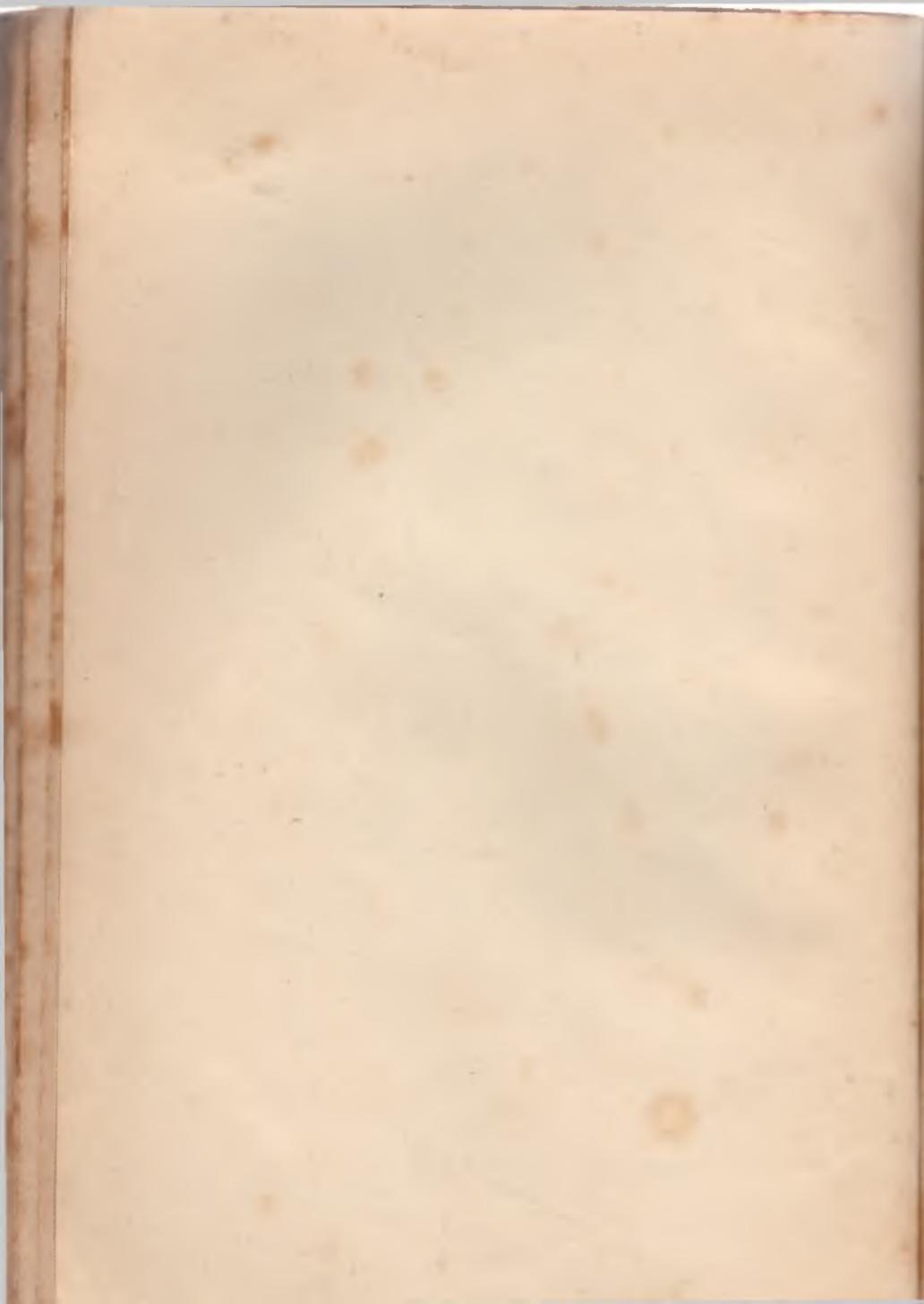
Doença grave, obrigava-a, meses depois, a ir a arca para casa do irmão Padre, nos Arcos. Ali se finava, a 11 de Maio de 1882, com cerca de vinte e dois anos, deixando um filhinho de meses...

Enfim, a 15 de Janeiro de 1883, um golpe mais doloroso ainda feria o coração da Rufininha: partia-lhe a mãe para o céu...

E a pobre menina, ao ver-se sem pai, sem mãe, e sem irmã, sentiu-se perdida como avezinha sem ninho, naquela grande cidade...



a «Rufininha»
aos dezoito anos



4.

CADEIAS QUEBRADAS

Nessa encosta do Bonfim — cena de renhidas batalhas quando os franceses sitiaram o Porto; e de lutas sangrentas entre filhos duma mesma Pátria, no período trágico da guerra civil —, viveu a Rufininha os dez longos e amargurados anos que antecederam a sua entrada em religião.

Outras batalhas não menos renhidas — e, por vezes, até ao sangue... — se feriam agora na *rua do Heroísmo*, nome com que fora crismada a velha rua do Padrão, após a vitória dos Liberais.

Por que ganhara o Aires tamanha cisma à irmãzinha e se atrevia a maltratá-la?

Porque a vida dela — inoçente e pura — contrastava gritantemente com os desvarios da sua?

Porque a brandura e carinho com que ela o tratava eram muda censura ao desabrimento dos seus modos?

Ou, talvez — quem sabe? — porque um remorso secreto o pungia ao comparar a sua irreligiosidade com o fervor angélico da irmãzinha?

S. Paulo já avisava os cristãos do seu tempo — e o aviso também vale para os de hoje:

*Todos os que querem viver piedosamente em Jesus Cristo padecerão perseguição...*¹

A vida, agora, era ainda mais triste e só para a Rufininha. Nem sequer tinha o conchego da companhia do sobrinho querido!

Depois daquela noitada trágica, em que o Aires dera tão desumana tarefa no Serafim, nem tia nem sobrinho puderam descansar, durante três noites e três dias.

O corpo do pequeno ficara numa lástima, não podia mexer-se nem deitar-se: permanecia de pé, amparado pelas mãos à barra da cama...

A Rufininha desfazia-se em lágrimas, ao fazer-lhe os curativos, e redobrava as suas orações para que Deus o aliviasse de tanto sofrimento.

Apenas se viu com algumas melhoras, o Serafim escapou-se, pela calada da noite, para casa dum irmão.

O Daniel assomou, cauteloso, à janela, a ver quem batia a tais horas.

— Sou eu, o Serafim. Abre depressa! — gemeu, lá de baixo, o pobre rapaz.

A caminhada deixara-o exausto. Cada passo lhe arrancara um queixume doloroso...

— Boa! tu, a estas horas?... que aconteceu?

— Abre, pelas alminhas! Já não posso mais.

Quando o Daniel o viu naquele lamentável estado, ficou como doido:

— Se isto se fazia! Há-de pagá-las!... Em sendo dia, já vou pedir-lhe contas. Aquilo não é um homem, é uma fera!...

— Deixa-o lá! — pediu o Serafim. — Vinganças, não! O castigo é Deus que o dá. Quando lhe vêm aquelas fúrias, fica tão cego que nem sabe o que faz.

Castigo de pai, é emenda do filho. Quando Deus castiga o corpo, tem em vista o bem da alma.

Caiu o Aires à cama, com uma hidropisia e outras complicações graves — doença prolongada e de sofrimento. A irmãzinha não lhe largou mais a cabeceira.

Que se passou entre ambos?

Um dia, a Rufininha apareceu em casa dos sobrinhos, a chorar de alegria e a pedir ao Serafim:

— Vem, filho, que o teu tio está arrependido do que fez!

Mas o irmão mais velho, interveio, severo e firme:

— Não, tia, desculpe, mas o Serafim não volta mais lá para casa.

Passado tempo, torna a tia com nova embaixada do Aires:

— O tio manda-vos dizer que está no fim da vida e que já se reconciliou com Deus. Mas, antes de morrer, quer fazer as pazes com o Serafim. — Ele que venha cá! — respondeu este, ainda temeroso pelo passado, e sem querer atender a que o doente há muito não saía da cama.

Volta a Rufininha, desconsolada, a dar conta ao irmão do novo insucesso. Não desanima, porém: Deus há-de ouvi-la!

No dia seguinte, acorda o Aires bem disposto. Manda chamar um caixeiro para o ajudar a vestir, e lá vai, de carro, até casa do Daniel.

A Rufininha, que vinha da Missa, vê-o passar e, estremecendo de felicidade, exclama:

— Foi Deus que o inspirou!

Acorre o Serafim, ao ouvir o rodar do carro.

Então, o tio, apertando-o ao coração, diz-lhe, com a voz embargada pelo choro:

— Perdoa-me, que eu não sabia o que fazia!

E voltaram os dois para a rua do Heroísmo...

A conversão do Aires — tão extraordinária e consoladora, — deve ter sido a primeira que o zelo de sua santa irmã havia de arrancar ao Coração de Jesus.

Nos últimos meses de vida, longe de lhe ralhar pelas saídas à igreja e pela demora nas orações, era ele próprio que lhe pedia que rezasse com ele, e a animava a ir às suas devoções.

A dois passos de casa, tinha a capela do Asilo do Barão de Nova Sintra. Lá cima, no Bonfim, a igreja paroquial.

O seu confessor era o Pároco, o Padre Manuel Ferreira Coutinho de Azevedo, que viria a falecer em 1906, deixando fama de santo.

Que tinha jeito para *fazer santas*, dão-no a entender as provas a que submetia a sua dirigida, para lhe experimentar a solidez da virtude. Ela própria contava, para consolo e estímulo de outras almas provadas, que, umas vezes, lhe negava a comunhão; outras, tendo-a autorizado a apresentar-se à Sagrada

Mesa, a passava adiante sem lhe dar Nosso Senhor, o que muito a humilhava e consumia.

Informado do seu atractivo pela vida religiosa, o Padre Manuel quis verificar se se tratava duma verdadeira vocação. Daí em diante, não perdia uma ocasião de lhe contrariar a vontade e de a exercitar na humildade e na sujeição. Este *noviciado*, a que simultâneamente a submeteu a prudência do confessor e a maldade do irmão — e a que ela se prestou com admirável espírito de fé, — muito concorreu para a formar na perfeitíssima obediência em que sempre primou.

De longe em longe, ia até ao Convento de Santa Clara², consolar-se com as boas freirinhas das delongas que punha a animosidade do irmão à realização dos seus projectos de se consagrar inteiramente a Deus.

Levava como companhia a Aninhas (nenhuma menina que se prezasse andava só, naquele tempo), e deixava-a ficar na igreja, enquanto ia conversar, para a grade do locutório, com as irmãs suas conhecidas.

Não eram muito do agrado da criadita estas visitas tão demoradas. Primeiro, porque a devoção não lhe dava para muitas rezas; segundo, porque tinha medo de que a sua menina por lá ficasse um dia. Ora, sem ela — que era o sol da casa, — quem poderia lá continuar a viver?...

Um passeio de que a Aninhas gostava mais era até às «Lázaras», na rua das Fontainhas³. Ao menos, aqui, não havia grades nem clausura. Podia

andar por onde quisesse e falar com quem lhe apetecesse. Por isso, não achava comprido o tempo que a menina Rufina passava na companhia daquela entrevadinha tão boa, que já em vida lhe chamavam a *santa* Bernardina⁴.

De cada vez que lá ia, a pequena vinha maravilhada com os *milagres* que dela lhe contavam as outras asiladas.

Certo dia, fora visitá-la uma senhora e levava consigo uma filha ceguinha. Pediu a mãe orações pela menina.

— Há-de ver, há-de ver... — respondeu a serva de Deus, afagando-lhe o rosto.

Chegam a casa, e a pequenita, apontando para um objecto que estava em cima da mesa, diz, a fitá-lo muito atenta:

— Minha mãe, se me desse aquilo!

Pasma a mãe com o pedido. Como podia ela saber o que ali estava?...

Observa-lhe os olhos. A ceguinha via!

Contava-se também que, no Hospital de Santo António (onde passara alguns anos, antes de ir para as «Lázaras»), sofrera, entre outras tribulações, o tormento de lhe negarem a assistência religiosa que ela instantemente pedia.

Uma manhã, aparece-lhe inesperadamente no quarto um sacerdote, a confortá-la com os Sacramentos.

Quem era?... Nunca se soube!

No hospital, ninguém o vira entrar nem sair...

Mais valiosos, porém, do que os prodígios que atribuíam às suas orações, eram os seus feitos de heróica virtude. Ao lado de sua santa amiga

Bernardina, aprendeu grandes lições a Rufininha. Com ela desabafava os seus anseios de perfeição; a ela confidenciava os seus temores de não chegar a ser esposa de Jesus.

— Sossegue, filha, que há-de entrar! — afirmou-lhe, um dia a entrevadinha. E havia tão sobrenatural convicção nestas palavras que não duvidou mais.

Não seria dela também certa profecia relativa à sua entrada para uma congregação dedicada ao *Coração de Maria*, à qual a Madre Maria de Assis, algumas vezes, se havia de referir veladamente, em conversa íntima com suas irmãs?

Ora, nesta época, embora essas religiosas se encontrassem já no Porto a dirigir o antigo Colégio da Miss Hennessey⁵, não as conhecia sequer de nome a Rufininha, nem pensava noutras que não fossem as Franciscanas de Santa Clara. Só mais tarde, havia de entender o sentido misterioso dessa predição.

Entretanto, a família ignorava tudo o que dizia respeito à sua vocação, e o Maximiano (que casara logo a seguir à morte do pai e vivia feliz com a mulher e o filhinho,) não podia ver que a irmã levasse vida tão recolhida e sacrificada, na idade em que todas as raparigas gostam de se divertir. Além disso, estando o Aires tão gravemente doente, pouco tempo podia durar, e o Maximiano entendia que era preciso assegurar o futuro da Rufininha com um bom casamento.

Aos Domingos à tarde, passava-lhe à porta, com a família, a tentá-la para dar uma volta até à Ribeira,

ou para se ir sentar num banco do Jardim de S. Lázaro a ouvir a banda militar. Mas ela, que não queria prender-se com os encantos do mundo, raras vezes aceitava o convite.

A festas, não consta que fosse senão uma vez, em todo o tempo que viveu no Porto. E, naturalmente, o que a levou à romaria de *S. Bento das Peras*, foi mais a função religiosa e a fama do pregador, do que o empenho em ver o arraial e o fogo de artifício...

Por este tempo, quem estava à frente da loja, era o Serafim, que já andava nos dezassete.

O Aires, acamara para não mais se levantar e, a 4 de Outubro de 1888, purificado o corpo por meses de resignada expiação, e a alma ungida de Graça, pela recepção dos últimos sacramentos, lá se foi para Deus...

Sereno e manso, ali estava ele agora a repousar entre os braços compassivos dum Senhor Crucificado, que a irmã lhe pusera à cabeceira do caixão. E, enquanto ela encomendava à divina Misericórdia aquela alma que tão duro resgate lhe custara, bem podia alternar com o «*De profundis*» a exclamação reconhecida de Salmista:

*«Quebraste, Senhor as minhas cadeias:
e eu vou oferecer-te um sacrificio de louvor!»*⁶

Mal chegara ao Brasil a notícia da morte do irmão mais velho, o Serafim Gomes tratara de arranjar passagem para o Porto. Pelas referências que a ele se encontram na correspondência da Madre

Maria de Assis, vê-se o carinho e a consideração que este irmão lhe merecia. Numa carta em que vão conselhos para um sobrinho que também emigrara, diz:

— «Não cuide só em ganhar dinheiro, mas também em ser bom católico e assim será muito estimado, como foi o meu santo irmão Serafim. Não ajuntou grande fortuna mas ajuntou muito para o céu e muita estima de quem o conheceu.»⁷

Era ele que ia ser, com o Maximiano, a providência da irmãzinha, por quem ambos tinham uma grande ternura.

Começaram pela liquidação do negócio do irmão falecido e apuraram que, por herança, apenas deixava dívidas...

Ao sobrinho, Serafim Nunes, empregaram-no, temporariamente, na loja do tio Maximiano. Mais tarde, também o Brasil o havia de tentar, e para lá iria em busca de fortuna. E a Madre Maria de Assis, tendo sabido que ele vivia descuidado de seus deveres religiosos, recordaria, entristecida, em carta para a família, esse tempo da rua do Heroísmo em que o sobrinho «era um anjo e muito amigo da tia».

Chegara o mês de Dezembro. Abandonada nas mãos de Deus, a Rufininha ia esperando que soasse a hora de realizar o acarinhado projecto de vida religiosa.

— Queres tu vir comigo para o Pará? — perguntou-lhe, um dia, seu irmão Serafim. E frisou insistentemente o gosto que teria em a levar para junto da mulher e dos filhos.

Bem lhe custava a ela desgostá-lo mas, enchendo-se de coragem, respondeu:

— Agradeço muito os cuidados que o mano tem por mim mas... se não lhe faz falta gastar dinheiro comigo, eu preferia entrar já para um convento.

— Para um convento?! — estranhou o irmão.
— Então não queres casar? O meu empenho era deixar-te arrumada; assim já ia sossegado.

— Não, Serafim, casar, não! Ir para um convento foi o meu sonho de sempre. — Baixou a voz: — E, então, desde que compreendi a necessidade de rezar pelos pecadores...

Calaram-se ambos a pensar no João e no Aires...

— Vou falar com o Maximiano, — disse o irmão, ao cabo duns momentos de silêncio, — mas ele não vai opor-se ao teu desejo. Já podes ir tratando do enxoval.

E saiu, para não mostrar como estava comovido.

Daí a dias, o Serafim precisou de ir a Braga. Como o passeio era bonito, levou consigo a irmã.

Muito admirada ficaria a Rufininha se, à hora da partida, alguém lhe dissesse que voltaria de lá decidida a trocar o burel das Filhas de Santa Clara pelo hábito azul das Religiosas do Sagrado Coração de Maria!

5.

EM DEMANDA DOUTRO NINHO

Era uma daquelas noites de Dezembro arrepiadas e escuras em que as estrelas, muito aconchegadas ao céu, parecem zombar do nosso frio e desconforto, cintilando maliciosamente umas para as outras, sem se importarem de alumiar cá para baixo.

O relógio da Sé deu as onze. E, como meninos de escola a dar a lição de tabuada, começaram os outros relógios a repeti-las, uns atrás dos outros.

Foram-se apagando as luzes, pouco a pouco, e Braga adormeceu no sono pesado das terras pacatas da província.

Quando a Rufininha (que chegara do Porto no comboio da noite, com o irmão brasileiro,) ia a atravessar o Campo da Vinha, deu-lhe na vista a única janela iluminada no vasto largo.

— Que casa é aquela? — perguntou.

— É o Colégio das *Inglesinhas*, — respondeu-lhe uma senhora, amiga da família, que vinha no grupo que os tinha ido esperar à estação.

Naquele instante, assomou um vulto à janela, a fechar as portas de dentro.

— São Irmãs! — exclamou a Rufininha. — Quem me dera conhecê-las!

— Eu venho cá amanhã contigo, — prometeu o irmão. Perdeu-se ao longe o ruído dos passos.

Agora, no convento e na cidade, já tudo descansava.

Só a Rufininha não conseguiu conciliar o sono, com o coração num alvoroço inexplicável, a adivinhar-lhe uma grande felicidade.

De manhã, lá estavam os dois à porta do «Colégio Inglês», a pedir para falar com a Superiora.¹

Trocadas algumas palavras de apresentação, a conversa correu como se há muito se conhecessem. O sorriso aberto, a simplicidade distinta e acolhedora da Madre São Ligório valeram pelo mais eloquente panegírico da Congregação. Quanto à jovem aspirante, não precisava de atestados escritos para se fazer valer: os olhos penetrantes da Superiora descobriram logo nela as características duma verdadeira e sólida vocação. E quando a boa Madre se ausentou por uns instantes, para ir buscar a lista do enxoval, a Rufininha abraçou-se ao irmão, a chorar de alegria:

— Serafim, sinto que é aqui que Deus me quer. Estou tão contente!

— Eu também estou — respondeu ele, com ar de evidente satisfação. — Não posso deixar-te mais bem entregue.

De regresso ao Porto, apressaram os preparativos. O Maximiano ofereceu-lhe o que lhe faltava para

o enxoval. O Serafim, deu-lhe *seiscentos mil réis* para o dote.

Pelo Natal, levaram-na à terra, em visita de despedida. Que linda lhe pareceu a sua Longa! Da noite para a manhã, a neve vestira-a de branco, como que a festejar a Rufininha pelos seus próximos esposais com o Senhor...

Deixou por lá muitas saudades e todos diziam:
— Foi-se embora a nossa santinha!

Andasse por perto ou por longe, também ela nunca esqueceria a aldeia que a vira nascer, nem a família e os amigos perderiam nunca o lugar de predilecção que haviam tido, em seu coração extremo, até à hora de os deixar.

É que, ao contrário do amor humano (que, ao dar-se inteiramente a alguém, costuma fechar-se num exclusivismo egoísta), o amor divino, ao aposar-se dum coração, abre-o generosamente a todo o affecto legítimo e santo.

Na sua correspondência, encontramos, a cada passo, expressões da mais carinhosa solicitude, pelos seus:

«Cá estamos nós na linda festa do Natal!»
— escreve ela, para Longa, quarenta anos depois da sua partida. — «Que o divino Menino vos encha do Seu Amor e vos dê muita alegria como a devem ter os filhos de Deus.

Todos os meus sobrinhos e sobrinhas continuam bem de saúde e de *tudo*? Deus queira que sim e que não adoeçam com o frio do inverno.

O nosso Jesus faça de todas as famílias dos meus, famílias santas, famílias que dêem glória a Deus.

Escrevo uns dias antes do Natal para que, no dia da consoada, já lá tenhais a minha carta. Eu já de véspera começo a pedir por vós. O meu pensamento lá estará convosco... Por todos pedirei junto do presépio, junto do Amor das nossas almas! Que o Deus Menino abençoe as nossas terras e encha as almas do santo temor de Deus para O amarem como Pai e não O ofenderem. Adeus!»²

A transcrição pouco valor terá quanto ao estilo (nunca teve pretensões literárias a boa Madre Maria de Assis!) mas não valerá como testemunho do que afirmámos? De resto, quem se der ao trabalho de auscultar o coração dos santos, debruçando-se atentamente sobre a sua vida, descobrirá em todos os mesmos sentimentos delicados.

Teresa do Menino Jesus — a figura mais atraente do agiologio moderno e que tão bem soube cobrir de rosas os espinhos do seu austero caminho, — confessou, um dia, com deliciosa simplicidade:

— «Eu tenho tanto amor à minha família! Nem posso compreender os santos que não amaram a sua.»³

A 12 de Janeiro de 1889, a nova postulante do Sagrado Coração de Maria acolhia-se à comunidade de Braga. Porém, na entrada do Outono, lá ia até ao Sul da França (como as andorinhas...) em demanda de ninho mais aconchegado ainda: o Noviciado da Casa-Mãe, em Béziers.

Um incidente da viagem podia ter acabado tràgicamente. Numa estação qualquer, além fronteiras, apeou-se a Rufininha com outra sua companheira. Quando quiseram voltar para a carruagem, já o comboio ia em marcha...

Na sua aflicção por se verem sós e sem dinheiro, em país estranho, desataram a correr atrás do comboio e, tendo este enfiado por um túnel adentro, continuaram a segui-lo, sem pensar no perigo a que se expunham! E já iam aos tropeções na escuridão e mortas de medo, quando lhes appareceu um homem com uma lanterna, que as guiou até à saída do túnel.

A Madre Maria de Assis, que sempre se encomendava a S. José, em suas viagens, ficou persuadida de que fora esse bom santo que — pessoalmente ou por um intermediário, — lhes valera naquele aflitivo transe. Na estação seguinte, encontraram as outras companheiras, que tinham des-cido do comboio para irem à sua procura.

Neste tempo, ainda vivia o Fundador, o Padre Gailhac.

Uma manhã, bateram-lhe discretamente à porta.

— Entre! — respondeu, de dentro, uma voz cansada e doce.

— É a postulante portuguesa, que chegou ontem à noite, — apresentou a Madre São Félix, indicando a rapariga baixinha e pálida que a acompanhava.

O doente soergueu um pouco, na poltrona velha, o pobre corpo dolorido e gasto.

— Parece uma criança! — disse, admirado com o aspecto juvenil da postulante. — Quantos anos tem, minha filha?

— Vinte e cinco, — respondeu a Rufininha a procurar, hesitante, as palavras de francês que tinha aprendido no Colégio de Braga.

O Padre Gailhac sorriu, agradado de tanta candura.

Então ela, vencendo a respeitosa timidez (tinham-na avisado que era *um santo* o Fundador!) deixou-se cair de joelhos e, como se já o visse nos altares, suplicou, de mãos postas:

— Dê-me a sua bênção, meu Pai!

Tinha agora oitenta e sete anos, o Padre João Gailhac, e estava no termo da sua longa e operosa carreira.

Poucos anos antes, na Páscoa de 1885, fizera a sua derradeira visita às casas de Portugal. E, fatigado como estava pelos trabalhos e pelos anos, a nada se poupava para deixar as suas religiosas ainda mais afervoradas na sua vocação.

A ambição suprema da sua vida de apóstolo fora *caldear as almas no Amor de Jesus Cristo, colocar-lhes bem diante dos olhos o Modelo Divino, e levá-las a copiá-lo pela imitação do Coração de Maria.*

Nesta espiritualidade as queria ver bem fundadas, porfiando, até ao fim, em incutir à sua família religiosa *o espírito de fé e de zelo ardente*, — carácter distintivo do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

A 13 de Novembro de 1889, último aniversário natalício que passaria na terra, celebrava também a última Missa. Agora, a vista enfraquecida já não lhe permitia a recitação do Breviário, e tão alquebradas estavam as forças que, só uma ou outra vez,

podia atender as filhas espirituais, na salinha onde passava a maior parte do tempo.

Todavia, a Madre Maria de Assis gostava de recordar a ternura paternal com que o santo velhinho a tratava e a felicidade que tivera de ainda se confessar com ele. Posta a falar da Casa-Mãe, dos Fundadores e das Madres antigas, nunca se lhe acabava o assunto — e que coisas edificantes e lindas ela contava!

A estada no Noviciado de Béziers, havia de deixarlhe a vida perfumada de suaves e persistentes recordações e nunca se referia a esse tempo — sobretudo à morte do Fundador, — sem, de novo, se comover.

Um dia, a Superiora Geral, viera chamá-las à porta da sala do Noviciado — contava ela, — e dissera-lhes, muito triste:

— Venham despedir-se do nosso Pai!

Entraram devagarinho na sala. As persianas corridas e as vozes abafadas davam ao ambiente um aspecto sombrio e fúnebre, que impressionava à sua mocidade despreocupada.

— *Ó minhas filhinhas, eu vou fazer uma grande viagem... Rezem por mim!*

A voz mal se ouvia mas, no olhar, que brilho!

Se é assim que morrem os santos, dá gosto viver como eles — foi o pensamento que veio às noviças.

Ninguém abriu as persianas, mas, agora, já lhes parecia que a luz penetrava a jorros, na sala...

.....
Ainda viveu alguns dias, o venerando Fundador, e as expressões que lhe acudiam aos lábios, revelavam bem os sentimentos que lhe iam na alma.

— *Façam tudo por amor!* — era a recomendação em que insistia, quando as religiosas o iam visitar. — *Para mim, peçam só a Deus que se digne triturar-me, crucificar-me, para me tornar digno de entrar no Céu...*

Fez-lhe o Senhor a vontade. As dores eram intoleráveis, e o mal-estar contínuo, mas nunca soltou uma palavra de queixa, nem esboçou um gesto de impaciência.

— *Diga às minhas filhas que lhes recomendo a união e a caridade entre todas!* — foi o testamento supremo que confiou à Superiora Geral.

E, contemplando ali, à sua cabeceira, a Madre São Félix — a única das primeiras colaboradoras que ainda existia —, todo o passado lhe terá vindo à memória, para o apresentar a Deus, em jubilosa acção de graças.

O Instituto — que nascera na mesma terra que ele, e à sombra da mesma igreja onde ele próprio fora baptizado; que tivera de afrontar, nos começos, tão violentas tempestades e que ficara privado de amparo da sua Fundadora, quando ia dar os primeiros passos no estrangeiro —, agora, tinha a consolação de o deixar em prometedor desenvolvimento, na França, na Irlanda, na Inglaterra, em Portugal e nos Estados Unidos da América.

Já podia ir descansar para junto do seu bom Senhor e, como Ele, também podia repetir humildemente ao Pai:

— *«Acabei a obra que me deste para fazer!»*⁴

Às seis horas da manhã do dia 25 de Janeiro de 1890, vinha o Senhor buscá-lo para junto de Si...

E, à voz de «morreu o santo!», a notícia correu pela cidade. Junto dos seus despojos mortais, começaram a passar centenas de pessoas de todas as classes sociais, em reverente preito de gratidão. Choravam as religiosas o seu santo Fundador; Béziers chorava o grande apóstolo, criador de obras, cuja vida fora uma epopeia de caridade⁵.

A postulantezinha portuguesa sentiu tanto a sua falta, que as pessoas que assistiam à passagem do cortejo fúnebre, diziam, ao ver o seu pranto desfeito:

— Deve ser uma das orfãzinhas pobres recolhidas pelo Padre Gailhaç!...

Naquele ano, a cerimónia de vestição foi a 27 de Julho. A saudade do santo que Deus lhes levara, havia apenas seis meses, turvou um pouco a alegria e brilho da festa. Dizia a Madre Maria de Assis que lhe tinha custado muito não receber o hábito das mãos do Fundador. Apesar disso, a sua alma cheia de fé, deve ter apreciado intensamente o cerimonial tão rico de simbolismo dos seus sponsais com Jesus:

— Minhas filhas, que desejais? — pergunta o celebrante às postulantes ajoelhadas ao pé do altar.

— O Santo Hábito das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, — respondem todas, a uma voz.

O programa que o celebrante traça às jovens candidatas, em nome da Igreja, é austero:

«Viver e morrer sob o jugo de Jesus Cristo e por Seu amor sòmente; calcar aos pés a glória e as alegrias da terra, para imitar a vida dos Apóstolos».

Estarão plênamente determinadas a cumpri-lo?
Perante a sua resposta afirmativa, implora, para cada uma:

—«*Deus que em ti o principiou, o leve a bom termo*». ⁶

Saem as postulantes, uns breves momentos.

Quando entram novamente na capela, já vêm revestidas de branco e azul — as cores de Maria, a cujo Coração Sagrado dedicaram os Fundadores o Instituto a que pertencerão, desde esta hora.

O coro salmodia em litúrgica e melodiosa toada:

Re-gnum mundi et omnem ornatum
saeculi contempsi
Propter amorem Domini mei Je-su Christi.

«*Desprezei o mundo e todas as suas vaidades
por amor do meu Senhor Jesus Cristo*».

E agora ressoa, em vibrante e triunfal harmonia, a formosa antifona:

quem vi-di, quem ama - - - - - vi,
in quem cre-di-di, quem di-le-xi.

«*A Quem vi, a Quem amei, em Quem confiei,
a Quem dei todo o meu amor*».

Prostram-se as noviças junto ao altar e a cerimónia prossegue.

— *Minha filha*, — diz o oficiante para a Rufininha, — *doravante chamar-vos-eis irmã Maria de Assis*.

E põe-lhe uma coroa de espinhos na cabeça e, nas mãos, uma vela acesa — imagens do holocausto de amor e de sacrifício em que devia consumir-se pela vida fora...

Talvez nenhuma noviça cantasse com mais entusiasmo o «Te Deum» da sua Tomada de Hábito como aquela irmãzinha portuguesa, tão humilde e fervorosa, a quem tinham dado o nome do «Povello» de Assis.

* * *

Quando chegara a Béziers o grupo de portuguesas em cuja companhia fora a Rufininha, havia seis anos que estava à frente do Noviciado a Madre Santa Constança Farret.

Fizera a sua educação com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, mas só pudera entrar para o Instituto depois de dez anos de espera, e bem experimentada já pelas lutas da vida.

Inteligente e viva, Marguerite Farret, veio a dar uma religiosa de têmpera enérgica e de sólida virtude. Como Mestra do Noviciado, formou, durante vinte e um anos, numerosos grupos de noviças — francesas e estrangeiras —, segundo a escola em que ela própria se havia formado: a dos venerandos Fundadores.

As noviças a cuja geração pertenceu a Madre Maria de Assis, já não tiveram a consolação de

conhecer a Fundadora, mas a sua Mestra ainda convivera com Ela, no Colégio, e pudera confiar-lhe as suas aspirações de vida religiosa.

A Madre São João-Cure — «pedra angular» do novo Instituto, — foi, por singular designio da Providência, modelo de todos os estados, pois viveu vinte anos solteira, vinte no matrimónio, e outros vinte no estado religioso.

O retrato desta admirável figura de jovem, de senhora, e de religiosa — que daria uma biografia tão interessante e oportuna —, apenas está esboçado nas obras que tratam da vida do Padre Gailhac⁷. As linhas que vamos transcrever dão-nos, em rápidas pinceladas, um bosquejo da sua fisionomia moral.

«Espírito de raro equilíbrio, bondade e senso prático, ânimo viril, vontade dominadora, temperada por uma profunda humildade, tinha todas as qualidades que a sua Missão requeria»⁸.

A princípio, a Fundadora e as suas primeiras companheiras só se dedicavam à educação de crianças e raparigas pobres. Sem descurar esta obra tão importante, e que sempre lhes mereceu o maior carinho, entendeu a Madre São João que deviam dar-se também à tarefa, não menos instante e grave, da educação da infância e juventude das classes superiores.

Compra um terreno ao lado da capela do Orfanato, manda construir uma casa grande e entrega a direcção da nova obra à Madre Santa Cruz Vidal — auxiliar preciosa por suas invulgares qualidades de educadora, e pela experiência do ensino, adquirida antes de entrar em religião⁹.

Dai a pouco, já tinham 140 alunas.

Assim nasceu, acalentado ao grande coração da Madre São João Cure, o primeiro Colégio do Instituto.

No dia 24 de Fevereiro de 1869, fazia vinte anos que Apolónia Pellissier-Cure, deixando uma vida independente e opulenta, consagrara a sua pessoa e a sua fortuna ao serviço de Deus e das almas.

Ao sair da missa, sente-se muito mal e, passados dias, é ela própria que anuncia a sua próxima morte¹⁰.

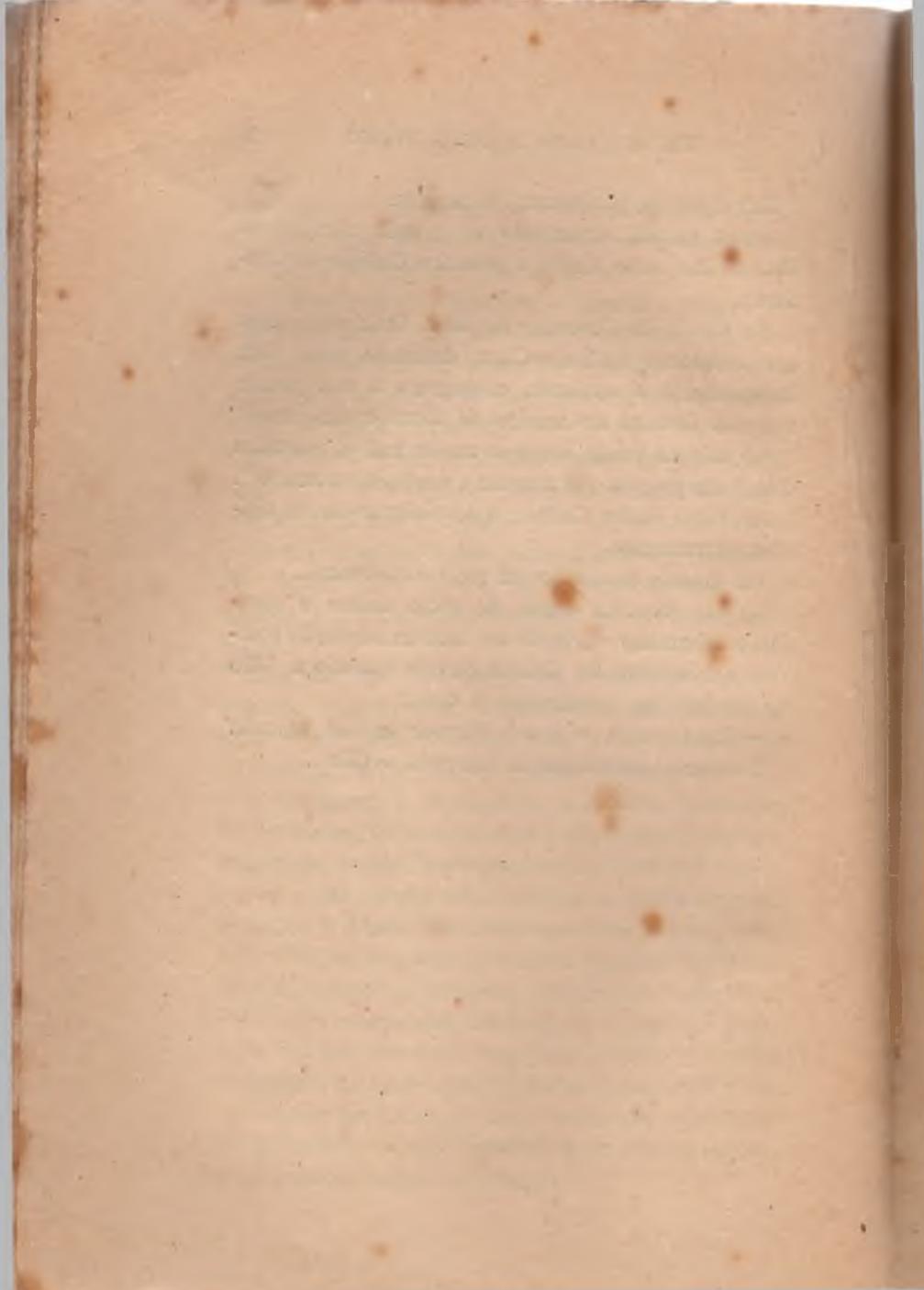
Acorre o Padre Gailhac a administrar-lhe os últimos Sacramentos.

Vai grande desolação em todo o convento...

Só ela, saudosa — mas de rosto sereno e coração conformado —, repete em face da morte, as palavras que sempre lhe tinham ouvido quando a Mão do Senhor lhe apresentava a Cruz:

— *Deus assim o quer! Faça-se a Sua vontade!*

! E nestes sentimentos se foi para o Céu...



6.

DE DEGRAU EM DEGRAU

Um convento é um mundo pequeno e, como no mundo grande — que lhe fica fora de portas —, há, lá dentro, acontecimentos variados e imprevistos, feitos e caminhos diversos, horas de tristeza e de alegria.

Nos princípios de Junho de 1891, chegou ao Noviciado uma grande novidade: a Madre São Félix estava de partida para Portugal.

Reeleita, havia pouco, para o cargo de geral do Instituto, aproveitava a companhia das Superiores vindas ao Capítulo, para ir visitar as casas do Porto, Braga e Chaves¹.

Puseram-se as portuguesas a escrever as cartas que a Madre Geral se oferecera para levar. E estava a Madre Maria de Assis de caneta na mão, a pensar nas notícias que havia de mandar à sua querida Comunidade de Braga, quando ouviu que a chamavam.

— Leve as suas coisas à rouparia, para lhe fazerem a mala, — ordenou a Mestra das Noviças.
— Parte amanhã.

Apertou-se o coração à pobrezinha: partir sem votos, quase na véspera da suspirada Profissão!... E pôs-se a discorrer consigo, desfeita em lágrimas: — Bem me parecia a mim que isto era felicidade de mais — o paraíso na terra! Não, eu não merecia tamanha graça... — Vão mandar-me embora como a outra...

— Valha-a Deus! quem lhe disse que se ia embora?! — interpelou, com o seu modo enérgico, a Madre Santa Constança. E pensou: que ideia! tomara eu mais noviças como esta!

— Como me mandaram fazer a mala...

— É que a Madre São Ligório julga-a muito mal e pediu para a levar agora, para a mandar tratar lá. «Não tem mãe, e os irmãos entregaram-na!» — explicou ela à Nossa Reverenda Madre.

— Coitadinha da Madre São Ligório! que boa que é! Mas eu não estou doente... E os meus votos? — perguntou, ansiosa.

— Fá-los depois, em Portugal.

Brilharam mais lágrimas nos olhos plácidos e claros da noviçazinha. Mas agora que já estava certa da felicidade de *se dar toda ao Senhor*, se chorava, era de saudade pela Casa-Mãe e de reconhecimento pela bondade das Superiores.

Assim ficou bruscamente interrompida a sua estadia em Béziers.

*

Ordinariamente, o tempo do Noviciado não tem história, porque a história é feita de acontecimentos exteriores e, destes, poucos há dignos de registo na vida duma noviça.

A Madre Maria de Assis não foi excepção à regra e, por isso, pouco sabemos hoje do que se passou nessas escassos dois anos que lá esteve. Podemos, contudo, avaliar do fervor e generosidade com que se terá dado ao trabalho da sua formação religiosa, pela formação que ela própria havia de dar às suas noviças — eco fiel dos ensinamentos e das práticas com que fora adestrada, na Casa-Mãe, pela austera e zelosa Mestra que lá tivera.

Muito psicólogo e experimentado na direcção das almas, o Padre Gailhac deixou-nos descrito, numa das suas obras, o programa que deve orientar essa mocidade entusiasta que, para mais intensamente viver, troca a vida agitada e dispersa do mundo pela vida recolhida e serena duma casa religiosa:

«Despojar-se da VIDA VELHA e dos antigos hábitos; obedecer alegremente e em tudo; deixar-se guiar como uma criancinha; eis a VIDA NOVA da postulante — vida que é fonte da paz que está acima de todo o sentimento, e da união com Deus por que suspira a alma».

E explica, numa análise breve e objectiva, porque se impõe aquela renovação e docilidade de espírito:

«Mesmo com uma verdadeira piedade, há defeitos de que não se dão conta as pessoas que vivem no mundo. É quase desconhecida a vida de sacrifício e de morte a si-próprio; fazem-se ou deixam de fazer-se as coisas, segundo a fantasia do momento; põe-se de parte o que incomoda,

contraria ou desagrada; atende-se sobretudo a si e seguem-se as impressões do momento».

E o Padre Gailhac, esclarece, noutra passagem:

«O POSTULANTADO é o primeiro crisol onde a alma se purifica de tudo o que nela resta de terrestre, de natural e de humano.

A VESTIÇÃO é o símbolo misterioso da transformação celeste que começa no Postulantado e que vai consumir-se sob esse hábito que reveste a futura esposa do Verbo de Deus feito homem.»²

Parece uma página arrancada à vida da Madre Maria de Assis, a passagem acima transcrita. Só já lhe resta subir ao 3.º degrau: a PROFISSÃO RELIGIOSA.

Mas, agora, deixemo-la ir a caminho de Portugal...

A Madre São Ligório anunciara a sua chegada a Braga para o dia 12 de Junho. Fora de dois meses a ausência e já temiam que não voltasse... Não se imagina, pois, o contentamento com que as religiosas e as alunas a abraçaram, quando se apeou do comboio. E, ao descobrirem a Rufininha atrás da Superiora — a fazer-se mais pequenina ainda do que era, por humildade —, recomeçaram os abraços e as manifestações de alegria. Ninguém esquecerá a postulante de Longa, tão alegre e pres-tável, tão simples e piedosa, que não havia quem não lhe quisesse bem.

— Até parece que cresceu, lá por França! — comentava-se, em volta dela.

— Olhem que bem que lhe fica o hábito! — diziam as meninas, umas para as outras.

— Então vem sem cruz? — perguntou uma irmã, apontando para o laço da romeira branca, onde as professoras trazem pendente a cruz de prata.

— Ainda a não mereci... — disse com um sorriso entristecido, a lembrar-se que, daí a umas semanas, as suas irmãs de Béziers iam receber cada uma a sua...

E soube então, com enorme surpresa, que uma noviça, há pouco despedida, levada por um triste despeito, assoalhara uma suposta doença da Madre Maria de Assis, esperando conseguir assim que a despedissem também a ela...

No dia 18, chegava a Madre Geral a Braga. Há seis anos que não vinha a Portugal; a recepção foi soleníssima. Reuniram-se as alunas em duas salas: as internas, muito apumadas, de uniforme branco e luvas, aguardavam a visitante, na primeira; as externas, estavam na outra a seguir.

O programa da festa foi ao gosto da época: de entrada, música a quatro mãos; cumprimentos de saudação, em francês; oferta de valiosas prendas; e, a encerrar, tocaram outra música. E narra a cronista da Comunidade — que nos descreve complacentemente todos os pormenores da recepção — que a «Quinhina» Marques fez chorar as religiosas e as meninas, com o seu comovente discurso.

A Madre São Félix, muito viva de inteligência e com grande facilidade de expressão, deixou as alunas encantadas com as palavras que lhes dirigiu.

No fim, beijou a todas afectuosamente. O melhor da festa (mesmo sem a cronista o dizer, adivinha-o quem conhecer a vida colegial!) foi o dia feriado que lhes concedeu.

Relíquia viva dos tempos da fundação do Instituto (pois que tomara o Hábito com a Madre São João Cure, a 13 de Abril de 1850), a Madre São Félix foi, não obstante a sua pequena estatura, uma grande figura de religiosa.

Zelozíssima pela conservação das Regras e Costumes da Congregação, passou os dias que esteve de visita aos Colégios portugueses sem um momento de repouso, sempre ocupada com as suas religiosas, a falar-lhes em particular e em geral.

As suas conferências eram muito apreciadas. «Falava tão bem e exprimia-se com tal clareza» — diz o *Diário de Braga*, — «que, mesmo as que não sabiam bem o francês, entendiam o que ela dizia».

«Às três horas da madrugada do dia 25 de Junho, saíram de Braga três viajantes: as Madres São Félix, São Ligório e Maria de Assis», — lê-se no *Diário* desta Comunidade. — «Era muito difícil a viagem para Chaves, nesse tempo. Não havia caminho de ferro até lá, e tinham de ir de carruagem. A viagem durou... *dois dias*, tendo-se visto obrigadas a passar uma parte da noite numa estalagem muito incómoda».

A fundação desta casa devia-se ao zelo da última Abadessa das *Capuchas da Conceição* (como o povo chamava às boas freirinhas da Ordem de Nossa Senhora da Conceição), cujo convento datava

de 1716³. Vendo-se carregada de anos, e com a comunidade extinta, resolvera entregar a casa a uma Congregação moderna e florescente.

Encaminhou Deus as coisas de forma a que fossem as Religiosas do Sagrado Coração de Maria que lhe realizassem os desejos e, a 1 de Maio de 1885, chegavam três irmãs a Chaves, para fundar um colégio e uma escola para pobres.

Era muito virtuosa e educada a Madre Abadessa e animavam-na as melhores intenções, mas «idosa como era, e levando, há meio século, uma existência completamente à margem das realidades da vida, não podia compreender as dificuldades em que as irmãs se viam para improvisar um colégio, neste convento meio-arruinado»⁴.

E foi preciso todo o tacto e optimismo da Superiora — a bondosa e jovial Madre Marie de l'Annonciation Lynch⁵ — para levar a bom termo a empresa de que viera encarregada.

Durou cinco dias a visita da Madre Geral a Chaves e, se algumas consolações levava, também devia levar não poucos cuidados pela situação melindrosa e incerta em que deixava a Comunidade, devido a um conjunto de circunstâncias externas, difíceis de remediar. E, contudo, ao chegar a Braga, não teve uma palavra de queixa acerca da viagem — tão molesta e fatigante como a anterior —, nem um desabafo sobre as suas preocupações. «Vinha muito satisfeita», — nota uma contemporânea, — «porque as suas religiosas tinham ali uma grande vinha para cultivar e muitas almas para salvar».

Simples pormenor, mas que revela a tèmpera desta digna discípula do Padre Gailhac, o qual dizia às suas filhas espirituais:

«Viver para Deus e para o bem das almas, deve ser toda a vossa vida».

«Assim como o fogo se desprende de si mesmo e, por meio da chama, chega a tudo o que pode atingir, assim a alma cheia de zelo se esquece de si, para comunicar a tudo o que a rodeia o amor divino em que se abrasa»⁶.

Naquela radiosa manhã do dia 30 de Setembro de 1891, toda a Comunidade do Porto se reunira, na grande capela do Colégio, para assistir a uma cerimónia de Profissão.

Lentamente, a noviça subiu, um a um, os degraus do altar e ajoelhou de olhos presos na custódia doirada, onde a fé lhe descobria, oculto, o Senhor que ia tomá-la por Sua esposa⁷.

Envolve-a um véu negro mas, dentro do peito, tem mais luz que o altar em festa, com todas as velas acesas.

Pergunta-lhe o oficiante, perante a assistênciã:

— Fazeis a vossa Profissão religiosa livremente e por vossa própria vontade?

— Sim, Rev.^{mo} Padre.

— Quereis ainda mais tempo para pensar?

— Não, Rev.^{mo} Padre.

É tão grande o acto que vai seguir-se que a noviça, compenetrada da sua pequenez e miséria, baixa-se até ao chão, a rezar o «Confiteor»...

Chegou o momento de se dar toda a Deus.

A Profissão religiosa — dizia o Padre Gailhac, — é o holocausto em que tudo fica consumado pelo fogo do Amor!»

Junto dela, a testemunhar o compromisso sagrado perante a Igreja, está, dum lado, o sacerdote; do outro, a Superiora — a Madre São Tomás, venerada como santa ⁸.

A Madre Maria de Assis ergue humildemente a cabeça. Com voz pausada e firme, pronuncia a fórmula em uso, e termina por estas palavras:

...faço voto e prometo a Deus, por um ano, POBREZA, CASTIDADE, OBEDIÊNCIA, conforme as Constituições do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, aprovadas pela Santa Sé.

— *Pois eu, — declara solenemente o oficiante, — da parte de Deus e conforme a sua inviolável promessa, se fordes fiel aos vossos compromissos, prometo-vos uma vida melhor: A VIDA ETERNA!*

E, a selar o pacto de doação, entrega-lhe um coração e cruz de prata, insígnias da sua Profissão.

Está consumado o sacrifício.

Lentamente, a professa desce, um a um, os degraus do altar.

Há lágrimas de alegria no seu rosto transfigurado pela emoção. Há vozes melodiosas no coro, a salmodiar versículos da Escritura. Mas de entre tão lindos textos, houve um, sobretudo, que lhe ficou a ressoar harmoniosamente na alma:

*Elegi abjecta esse in domo Domini mei Jesu Christi!*⁹

Sim, era esse o seu caminho: ser a última e a mais pequenina na casa do Senhor...

7.

SEGREDO DUMA VIDA

Mal se viam assomar a Nascente os primeiros alvares da madrugada, e a custo se distinguiam os contornos dos montes e das casas, quando o carro estropeou aos solavancos pela rua empedrada do «Convento das Capuchas».

Aparearam-se as religiosas, entorpecidas e sonolentas. A aldraba do portão bateu pesadamente, a chamar para dentro. E, no mesmo momento, tocou o sino a «Angelus», anunciando o fim da meditação.

Abriam as aulas naquele dia, e a Madre Maria de Assis tivera de partir com as suas companheiras para Chaves, logo depois da cerimónia da Profissão. O ano lectivo, mais comprido do que hoje, abrangia, então, dez meses cheios.

Em que a ocuparam, nestes dois primeiros anos de actividade apostólica? Naturalmente, no cuidado das alunas pequeninas e na instrução religiosa das crianças da escola gratuita. Como não frequentara colégios, era deficiente a sua instrução.

Da viagem do Porto a Chaves, vai informar-nos a jovem professa, em carta para o irmão Maximiano.

«Meu bom Mano

Aqui chegámos às seis horas da manhã de Domingo, sem outro incómodo mais que o cansaço da viagem. Sobretudo os balanços do carro incomodam bastante mas com o descanso tudo passa.

Em Mirandela tivemos uma surpresa muito agradável¹. No momento em que saíamos da estação, aparece-nos de repente a nossa boa Superiora que nos tinha ido esperar, querendo assim antecipar o momento de nos dar a alegria que nós tivemos ao vê-la, e ela ao abraçar-nos.

Não há mãe mais extremosa por seus filhos do que ela é por nós todas. Durante os dias que estivemos no Porto, ela não cessava de falar nas filhas que não via ao pé dela e, como tinha que nos mandar daqui um carro para irmos de Mirandela, meteu-se nele e foi-nos esperar.

Não imaginas quanto ela está agradecida por tudo o que me deste e do que fizeste na estação. Ficou admirada da tua bondade, quando as religiosas que vinham comigo lhe contaram tudo».

Algumas linhas abaixo, tem esta frase, que mostra a bondade do seu coração e a carinhosa con-

descendência do irmão em lhe satisfazer todos os desejos:

«A velhinha Sr.^a Madre Abadessa ficou toda contente quando lhe disse que tinhas procurado a Santa Bárbara e, como não foi possível encontrá-la, a ias mandar fazer».

E, depois a falar de várias pessoas de família, acrescenta, em *post-scriptum*:

«Ainda vou hoje escrever ao mano Padre, que já não estará muito contente»².

Nada mais acrescenta. Contudo, noutras cartas posteriores a esta, mostra-se cheia de cuidados por este irmão. Sente-se, através das alusões discretas às irregularidades da sua conduta, que as notícias que dele lhe havia dado o Maximiano, tinham deixado uma chaga aberta em seu coração de irmã extremosa e de alma consagrada a Deus.

«Como já te disse na minha última carta, submetamo-nos aos insondáveis decretos da divina Providência, e visto que da tua parte já fizeste o que podias por ele, deixemos agora o resto à misericórdia de Nosso Senhor, que tenho confiança nos não há-de faltar»³.

O assunto mencionado nestas linhas é delicado. Omiti-lo, porém, seria roubar à fisionomia espiritual da Madre Maria de Assis um dos seus traços

mais característicos, e deixar incompleta a sua biografia.

O Padre João — segundo testemunham quantos o conheceram, — era bondoso, cumpridor dos seus deveres paroquiais, e muito estimado como pregador, em todo o concelho de Tabuaço e suas redondezas. Da sua generosidade para com os pobres se conta, por exemplo, que, um dia, não tendo mais que dar, partiu a corrente do relógio e deu metade a um necessitado.

Sua irmã faz-lhe esta referênciã, na carta que acabamos de citar:

«Eu bem sei que está pobre, porque do que tem ganhado pouco juntava. Dizia que aos pobres não podia levar dinheiro e aos ricos devia favores e assim muitas vezes nem para pão tinha, como ele dizia a rir; porém isto não me aflige, o que mais peço a Deus é que lhe dê algum sossego de espírito e não deixe vencer o inimigo na terrível guerra que lhe faz».

Em Arcos (povoação vizinha de Longa, que o irmão paroquiou alguns anos), passou ela grandes temporadas, a fazer-lhe companhia, antes de ir para religiosa, «quantas vezes eu lá fiz a oração mental a esse povo e todos que podiam iam assistir», — lê-se na sua correspondência.

Amiga extremosa da família, como não havia ela de ter uma grande e respeitosa estima por este irmão que, por ser o mais velho, lhe fazia as vezes de pai e, pelo carácter sacerdotal, lhe representava Deus?

Deve ter sido, portanto, a dor mais cruciante de toda a sua existência saber que ele não era fiel aos compromissos sagrados tomados ao pé do altar!

Não consta que tenha confiado este desgosto a nenhuma de suas irmãs em religião. Todavia, certas expansões do seu ardente zelo e certas confidências feitas à família, deixam transparecer que a intenção sobrenatural que animava principalmente a sua vida era A SANTIFICAÇÃO DAS ALMAS SACERDOTAIS E A CONVERSÃO DOS PECADORES.

Com este ideal a queimar-lhe o peito, se lançou generosamente na sua carreira de religiosa educadora. Deve estar nisto o SEGREDO daquela heróica constância na oração e no sacrifício, que caracterizou a sua fisionomia espiritual.

Sessenta e dois anos viveu a Madre Maria de Assis, no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Só repartindo em três fases distintas este longo período, nos será possível abrangê-lo, numa vista de conjunto.

Chaves, Braga e Viseu, é a primeira *etapa* percorrida de 1891 a 1908, na missão de mestra e educadora.

Penafiel, Ubá, Tui e Braga, pode considerar-se a segunda *etapa* — a que passou, de 1908 a 1937, nos cargos de Mestra das Noviças, Superiora e Assistente do Conselho Provincial.

A terceira e última *etapa*, é a que vai de 1937 a 1951 — a menos activa, mas não a menos fecunda, certamente.

Da estada no Colégio de Chaves, poucas recordações nos restam. Todas as contemporâneas, foram abalando, uma a uma, para a Eternidade. Iremos ter com ela a Braga, onde chegou a 6 de Outubro de 1893.

Último dia de férias.

Numa sala espaçosa e clara, estão umas jovens vestidas de preto. Se não fora o ar semi-monástico que lhes dão a romeira e a touquinha, tomá-las-íamos por colegiais em recreio. Curvadas sobre uma mesa comprida, escolhem com amor o trigo de que hão-de fazer-se as hóstias branquinhas que vão ser consagradas no altar.

Logo que chegara, a Madre Maria de Assis tinha-se informado:

— Têm cá postulantes?

— Temos três. Quer vê-las?

Daí a pouco, lá estava junto delas, a abraçá-las, e a falar-lhes com entusiasmo da vocação a que o Senhor as chamara ⁴.

Em dois traços, temo-la aqui desenhada. Tal foi neste primeiro encontro com as postulantes da comunidade de Braga, tal havia de ser, em toda a vida, no trato com suas irmãs mais novas. Não têm conta as vocações amparadas por ela, nem as almas confirmadas, por meio dos seus conselhos, num caminho de maior perfeição.

«Falava-nos de tal maneira ao coração que conseguia tudo de nós», testemunha uma religiosa que a teve muitos anos por superiora.

Levar à generosidade pelo amor, era o sistema que ordinariamente adoptava.

Se via alguma alma a regatear qualquer coisa a Deus, ou com o coração preso demais às criaturas, ia ter com ela, e bastavam, às vezes, umas palavras singelas como estas, para a deixar decidida ao sacrifício:

— «Ele é mais teu do que tu és dEle...»

Ou, então:

— «Vive só para o Amor!»

A umas, animava ao reconhecimento pelo benefício da vocação religiosa, dizendo-lhes:

— «Devíamos andar sempre a beijar estas paredes que nos guardam; nunca agradeceremos bastante a Nosso Senhor por nos ter cá chamado!»

A outras, fundava-as na humildade, servindo-se de comparações como esta:

— «Nosso Senhor, o divino «Farrapeiro», andou a escolher, aqui e além, uns trapinhos sujos e rotos e atirou com eles cá para dentro, com o seu divino pé...»

Superiora em Braga, tinha cuidados maternais com as postulantes.

Numa sala contígua ao quarto da Madre Maria de Assis, dava aula às pequeninas uma jovem professora, que aparentava pouca saúde.

Pelo meio da manhã, a boa Madre chegava à porta, e fazia-lhe sinal para lá ir.

— Mete a cabeça aqui dentro, e toma este leitinho!

Apesar de andar tão doente e em dieta rigorosa, a Madre privava-se quase todos os dias do leite que a enfermeira lhe levava, para que a postulante se fortalecesse, antes de seguir para o Noviciado...

Chegado o dia da partida para Tui⁵, ela e outra companheira saíram tão cedo e tão precipitadamente, que não tiveram tempo de tomar nada. Já estavam no comboio, quando aparece uma pequena do asilo com uma cafeteira e um pacote de bolinhos, que mandava a Madre Superiora...

* * *

Do tempo que esteve superiora em Tui, contam-se inúmeros exemplos da sua inesgotável bondade.

— Ó minhas filhas, eu não mando nenhuma embora por causa da saúde, — costumava dizer às noviças. — Só vão as que não cumprirem a santa Regra e não forem humildes e obedientes.

Uma vez, o médico, depois de auscultar uma noviça, diz-lhe bruscamente:

— Quer um conselho amigo? Vá para sua casa!

Foi a noviça implorar a intervenção e as orações da Madre Maria de Assis, receosa de que aquela frase infeliz fosse causa de a despedirem.

— Não te aflijas!⁶ quem tem amigos não morre na cadeia, — gracejou com ela, a dar-lhe coragem. E foi advogar a difícil causa junto dos seus «amigos» do Céu. Passados dias, disse-lhe, em grande segredo:

— Já estás salva! — E a noviça ficou.

Noutra ocasião, perguntou a uma que tinha passado a noite a chorar:

— Que tens, minha filha?

— Disseram-me que me iam mandar embora...

— Não tenhas medo! Nunca sairás do Instituto, se fores boa religiosa. E ainda que a tua mala já estivesse em Valença, voltava para trás!

Havia, entre as noviças desse tempo, uma irmã que tinha um feitiço muito difícil de levar. Se lhe feriam o amor próprio, fechava-se, horas e dias, numa atitude de revolta e de desânimo.

— Vá à Madre Maria de Assis, — mandava a Madre Mestra, quando via o caso mal parado.

Ninguém sabia o que se passava entre as duas, mas, o que é certo é que a tempestade serenava, e a irmã voltava ao Noviciado transformada em cordeirinho...

Sempre cheia de paciência e de caridade, nunca a sua bondade degenerava em fraqueza. Queria as almas contentes no serviço de Deus, mas... também queria que Deus estivesse contente com elas. Nada lhe dava maior satisfação do que ver as suas irmãs fazerem progressos na humildade e na abnegação de si próprias.

— Tiveste um bom dia para oferecer a Nosso Senhor: Ele está contente contigo! — disse, em certa ocasião, a uma postulante, por lhe constar que ela sofrera, sem se justificar, uma calúnia que lhe tinham levantado.

Dois outros factos mostram o seu zelo e discrição:

No fim duma conferência que lhes fizera sobre a penitência — e que as impressionou profunda-

mente —, uma das postulantes foi ter com a Madre Maria de Assis:

— Mas, minha Madre, eu como hei-de fazer? Não tenho instrumento nenhum de penitência.

— Ai, bem me parecia que havias de tirar fruto do sermão! — respondeu-lhe, alegremente. E, com a simplicidade com que ela lhe falara, deu-lhe as explicações pedidas.

Doutra vez, a mesma, desejosa de fazer um sacrifício, foi pedir dispensa de comer dum prato que muito apreciava.

— Se é por estares doente, sim; se é por mortificação, vai e serve-te bem!

Ficou a Madre com os olhos nela, a ver o que fazia, e observando que obedecera, disse-lhe, no fim da refeição:

— Assim é que eu gosto! Nosso Senhor fica mais satisfeito com a obediência do que com a penitência.

Fiel a esse princípio, exigia uma obediência pronta. Uma vez, em Tui, uma religiosa das mais novas pôs dificuldade em executar uma ordem que acabava de dar-lhe.

— Minha filha, já perdeste o primeiro mérito de obediência...

— Perdoe-me, minha Madre! Eu vou já fazer o que me mandou.

— Sim, estás arrependida, mas o primeiro mérito já lá vai! — repetiu, com tristeza.

Esta advertência, feita com tanta firmeza e suavidade, causou vivíssima impressão naquela alma, que aspirava sinceramente à perfeição.

Nos domingos, à tarde, reuniam-se as noviças à sua volta, umas em cadeiras, outras sentadas no chão, ansiosas todas por lhe ouvir as lições, que amenizava com variadíssimos exemplos. Ia buscá-los à vida dos santos — sobretudo às dos antigos padres do deserto, por cuja austera virtude e evangélica simplicidade confessava uma particular predilecção —, ou, então, à História Sagrada, que conhecia a fundo, sabendo de cor os episódios principais.

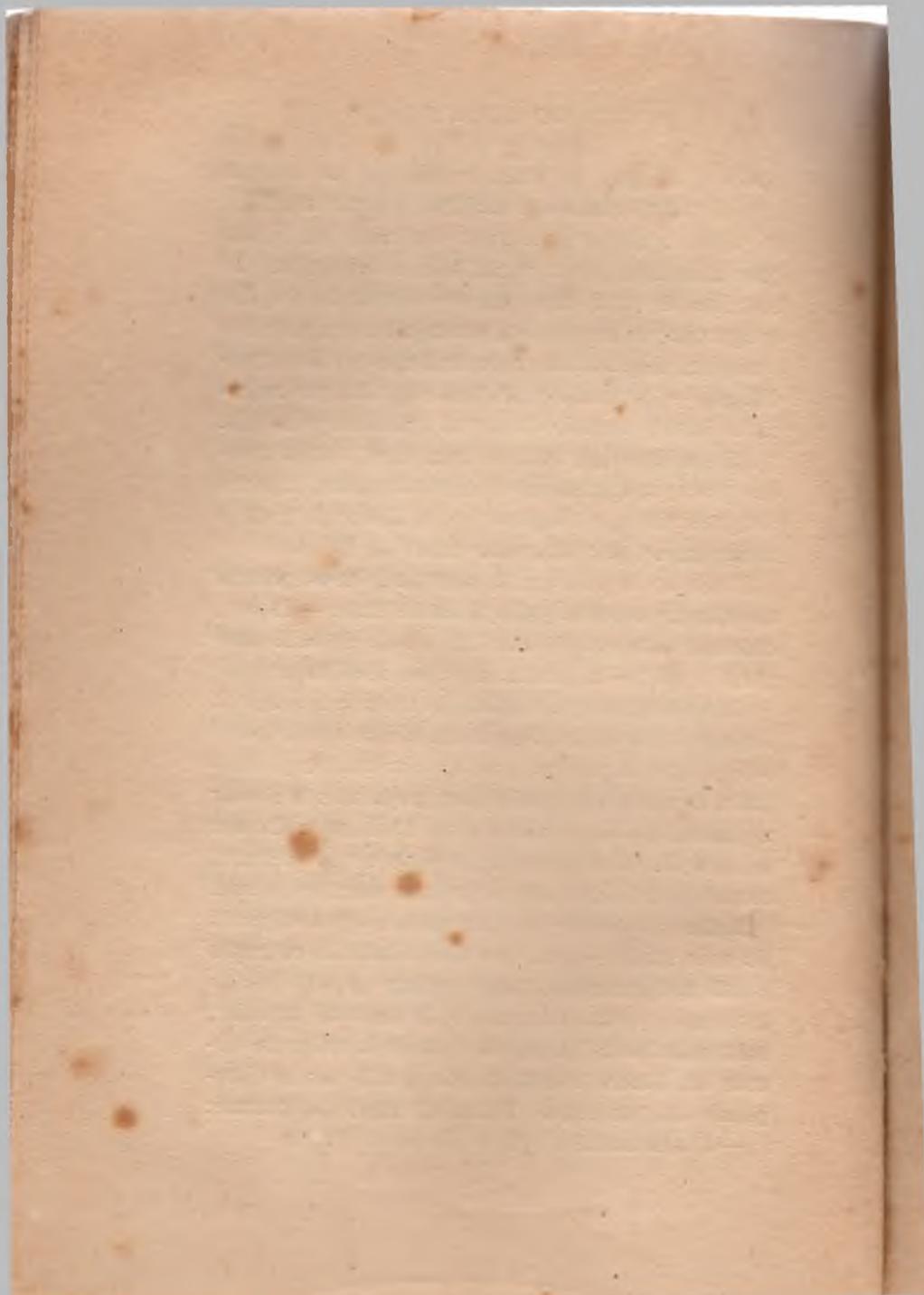
Ali estavam elas, mais de uma hora, com a atenção presa, e, quando as mandava embora, ficavam desejosas de que chegasse outro Domingo para a tornarem a ouvir falar das coisas de Deus.

E não só as suas irmãs, mas também as pessoas do mundo com as quais tinha de tratar — fossem, embora, de condição humilde ou de elevada categoria social, — a escutavam com idêntico agrado.

Como explicar esta fascinação que exercia sobre os ouvintes? Não possuía a querida Madre aquele brilho e correção de palavra que supõe uma educação cuidada, nem se lhe conhecia outra preparação a não ser a da sua habitual união com Deus, e a da sua ardente fé. Contudo, porque vivia o que ensinava, convencencia as inteligências e movia as vontades ao bem.

Podia acontecer — e isso deu-se com algumas de suas irmãs, — que, por diversidade de educação e de temperamento, nem sempre se concordasse inteiramente com o seu modo de ver e de proceder, mas, quando se tratava de apreciar a eminente virtude da Madre Maria de Assis, não havia divergência de pareceres. Todas, à uma, declaravam:

— *É uma santa!*



8.

OBRA DE AMOR

Na opinião do Padre Gailhac — que se revela, em seus escritos, pedagogo esclarecido e experiente —, *a verdadeira educação é a que eleva até Deus, confirma no Seu amor, e santifica a alma*¹. E resume todo o seu sistema em duas palavras lapidares:

«*Amai e fazei-vos amar!*»²

A Madre Maria de Assis que, a seu modo, e dentro da sua época, foi uma educadora invulgar, seguiu à risca este programa.

Não gastou tempo a manusear tratados de psicologia nem de pedagogia e, embora fossem seus contemporâneos um Pestalozzi e uma Montessori — inovadores de métodos que têm alguns pontos de contacto com os seus processos educativos —, nem os nomes lhes conheceu sequer.

Nada atribuía a si dos excelentes resultados que obtinha, e se estas linhas se tivessem escrito ainda em sua vida, parece-nos ver o sorriso de doce iro-

nia com que ela havia de ler estas referências ao seu método educativo.

De facto o método, que usava não tinha nada de original. Era o sistema tradicional na Igreja Católica, aquele que o Fundador do seu Instituto deixara recomendado:

Incutir um Ideal elevado no espírito da juventude e acender o amor de Deus no seu coração.

A sua *originalidade* — se assim lhe quisermos chamar, — consistia apenas na maneira de o aplicar. Uma mão cheia de exemplos fàcilmente no-lo comprovará.

Logo que chegou a Braga, em 1893, confiaram-lhe uma classe de pequeninas. Daí a pouco, em toda a casa se falava na transformação operada nessas crianças. Uma das pequeninas, de família distinta e muito delicadinha de maneiras, tinha uma vontade tenacíssima. Eram contínuas as cenas de teimosia e ninguém conseguia dobrá-la...

Muito viva e inteligente, já sabia ler quando foi para o colégio. Deu-lhe, porém, para mostrar que nem as letras conhecia... Um belo dia chega uma carta da mãe, na qual dizia que *a lesse* à mestra. Só então se descobriu o absurdo capricho!

— O Menino Jesus, que sabe tudo, deve estar tão triste com a Bertinha! — observou-lhe a Madre. E mostrou-lhe como tinha procedido mal, estimulando-a a aplicar-se, e a vencer-se no génio e na teimosia, para dar gosto ao seu divino Amigo.

Dentro de pouco tempo, a Bertinha já escrevia, fazia contas e até conjugava verbos!

Unindo a bondade à firmeza, a Madre Maria de Assis conseguira fazer daquela vontade rebelde uma força orientada para o bem.

Uma vez, estava a boa Madre numa sala com outra irmã, quando entrou uma mestra, trazendo-lhe, pelo braço, uma menina da sua classe. Queixou-se impacientemente de certa travessura que ela acabava de fazer. E saindo tão depressa como tinha entrado, deixou-lha entregue, para a castigar.

Atrapalhada e receosa, a pequena nem levantava os olhos do chão.

«Que grande *repiquete* vais apanhar!» — pensou a religiosa que estava presente. Mas a Madre Maria de Assis, para não a humilhar mais diante de gente, limitou-se, por então, a estreitar a si a culpada, dizendo: — que filhinha esta!...

Essa mesma testemunha³, que intimamente se deu com ela, desde os primeiros anos de vida religiosa, observou, muitas vezes, cheia de admiração, o domínio que tinha de si. Nunca falava bruscamente às alunas, nem lhes ralhava com aspereza. Se uma falta merecia castigo, levava-as a aceitá-la de boa mente, acompanhando-o de frases como estas:

— Minha filhinha, tens de ficar um bocadinho com este caderno à cabeça, para te applicares mais, sim?

— Falaste durante a lição? Pois, agora, vais estar um quarto de hora voltadinha para a parede, para não te distraires a estudar!

Razão tinha o Padre Gailhac para recomendar: «*amai e fazei-vos amar!*» Bem sabia ele que não havia

processo mais eficaz e, por isso, o inculcava tão insistentemente aos membros do seu Instituto:

«Uma vez ganho o seu amor, está tudo ganho. Já se corrigem com facilidade os defeitos das alunas, já se habitua à prática da virtude e já se consegue que façam pequenos sacrifícios por amor de Jesus⁴».

A Madre S. Ligório apreciava tanto a acção da Madre Maria de Assis, junto das educandas, que, depois de transferida, como Superiora, para o Colégio de Viseu⁵, não descansou enquanto não lha mandaram, para dirigir a «Classe do Menino Jesus» — numerosa *divisão* de crianças de cinco a dez anos.

A aula em que lhes ensinava o catecismo tinha uma larga porta envidraçada, que dava para um corredor muito frequentado. E havia quem parasse a contemplar a boa Madre com as alunazinhas sentadas à sua volta, e tão atentas à lição que nenhuma voltava a cabeça para ver quem passava.

A Carminho tinha cinco anos quando a meteram no colégio, e vinha tão amimada e afeita a satisfazer-lhe todas as vontades, que, a princípio, deu que fazer às mestras.

Uma tarde que andavam a passear perto da horta, exclamou, desolada:

— Ai, que grandes que já estão as favas! Daqui a pouco, temo-las no refeitório... E eu que não gosto nada delas!...

Ouviu-a a Madre «Sainte Foy»⁶, que coadjuvava a Madre Maria de Assis, na classe das pequeninas. E, por isso, qual não foi o seu espanto, quando, daí

a dias, a viu comer as *detestadas favas* como se fosse prato muito do seu gosto e tornar a servir-se, quando a irmã passou com a travessa, a perguntar se alguém queria mais!

— Isso o que é? Então a Carminho já gosta de favas?! — perguntou, a rir.

Fez-se muito corada a pequenita, ao responder:

— Quis oferecer uma florinha ao Menino Jesus...

Era também à Madre Maria de Assis, que, ordinariamente, confiavam as meninas da primeira Comunhão, durante os três dias de retiro que precediam a festa. Enternecia e edificava ver como aquelas crianças andavam compenetradas da sublimidade do acto para que estavam a preparar-se. E não mais se apagava na sua memória a funda impressão deixada pelas suas instruções, ou pelas histórias que lhes contava, amenizando assim os pequenos sacrifícios espontâneamente feitos como preparação para o grande dia.

Na capela — uma sala grande, mas que, a custo, comportava religiosas e educandas —, as meninas da Madre Maria de Assis tinham de ficar em torno do altar, durante a Missa.

— Devem incomodar muito a V. Rev.^a? — perguntou ela, um dia, ao capelão, Cónego Damasceno ⁷.

— Pelo contrário, até me afervoram com o seu recolhimento e piedade. São como uns anjinhos a acompanharem-me junto de Deus.

Ao pequeno almoço, seguia-se um recreio. Se o tempo estava bom, iam para a cerca. E então, era ver os *anjinhos* transformados em alegres e irrequietos *diabretes*, a rir e a brincar sob o olhar com-

placente da Mestra! Porém, ao primeiro sinal do sino, os *diabretes* tornavam-se logo *anjinhos*, e as pequenitas lá seguiam para as aulas muito direitas e caladinhas...

Poderiam multiplicar-se os casos — há tantos na memória de suas irmãs e alunas! — mas estes devem bastar. Recordá-los, é conviver, durante uns instantes, com a Madre Maria de Assis, educadora de crianças.

Haverá, talvez, quem ache antiquados e pueris tais processos educativos. Mas a formação duma alma — como, aliás, tudo o que há de grande e de belo no mundo, — não será, essencialmente, *obra de fé e de amor*? Educação a que falte este poderoso estímulo, embora orientada pelo mais moderno e perfeito sistema pedagógico, está condenada ao insucesso.

O Padre Gailhac escreveu algures — decerto com os olhos postos em almas humildes e simples como a desta sua filha espiritual:

— *Como é poderosa a santidade, e que maravilhas opera! É ela que atrai os corações e que os converte.*

Os que viveram ao lado da Madre Maria de Assis também assim pensavam:

«As meninas veneravam-na como santa e diziam que lhe tinham visto fazer milagres».

Este testemunho duma contemporânea não é mais que o eco duma tradição contínua, e dá-nos, em duas palavras, a melhor explicação da eficácia do método educativo da Madre Maria de Assis.

* *

Parecia deserto o colégio de Viseu, naquela primeira semana do mês de Agosto de 1908. Aulas, corredores, cerca, tudo mergulhara em profundo silêncio... Só à hora do recreio se ouviam vozes e risos, mais comedidos mas não menos alegres do que os das meninas, antes de partirem para suas casas. Era a Comunidade a gozar as suas férias, naquela despreocupação e jovialidade de espírito que remoja corpo e alma, e parece ser apanágio dos conventos, no mundo moderno.

Sentada no vão duma sacada, a Madre Maria de Assis ajustava cuidadosamente os remendos do hábito. Trouxera-o novo de Braga. Com os anos, porém, já estava a ficar puído pelo uso e desbotado pelo sol. Nada que se parecesse, no entanto, com o anterior (o que a Madre Maria José lhe mandara lá queimar — sem disso a prevenir...) e que, à força de lhe pôr remendos sobre remendos e passagens de diversos tons, mais se assemelhava a um *mosaico* variegado do que a discreta veste monástica...

O trabalho não era de absorver e, de onde a onde, fugiam-lhe os olhos para a formosíssima vista que se alcançava das rasgadas janelas da sala da comunidade. Pela vertente abaixo, a cidade a crescer, de ano para ano: casas e mais casas. Ao fundo, a estação e, passada a linha do comboio, campos, povoados, vinhas e pinheirais: a terra a desentranhar-se em frutos, — um louvar a Deus!

— A Nossa Madre Provincial chama-a, — veio avisar uma irmã.

— Muito obrigada! — E poisou imediatamente a costura. Uns instantes depois, estava a bater-lhe à porta do quarto, toda sorridente.

A conversa foi demorada, e saiu a chorar como uma criança, correndo a refugiar-se na capela...

No dia 13 de Agosto, a Madre Maria de Assis acompanhava a Madre Maria da Eucaristia para o Porto e, a 17 do mês seguinte, partia para a casa de Penafiel, carregada com uma dupla cruz: a de Superiora e a de Mestra das Noviças.

Compassiva e maternal, a Madre Maria da Eucaristia não só a foi levar, mas por lá se demorou cerca dum mês, a animá-la e a orientá-la, no desempenho das suas novas funções⁸.

À sombra dum pequeno colégio (pois que as leis vigentes desde 1834 não permitiam aos religiosos o recrutamento e formação de novos súbditos), tinha o Instituto do Sagrado Coração de Maria o seu Noviciado.

Penafiel é uma cidade pequenina e airosa. A casa, bem situada, mas não muito ampla, tinha o desafogo duma quinta grande, com muita fruta e sítios aprazíveis, onde a comunidade passava, em geral, os recreios. Era ali que a Madre Maria de Assis ia ficar até ao advento da República, em Outubro de 1910.

Tímida por feitio e, por virtude, muito humilde e descrente dos próprios méritos, sempre se considerara inapta para cargos de governo, e vivia

descuidada e feliz, persuadida de que as Superiores tinham a mesma opinião. Causou-lhe, portanto, a mais sincera e dolorosa surpresa a resolução da Madre Provincial.

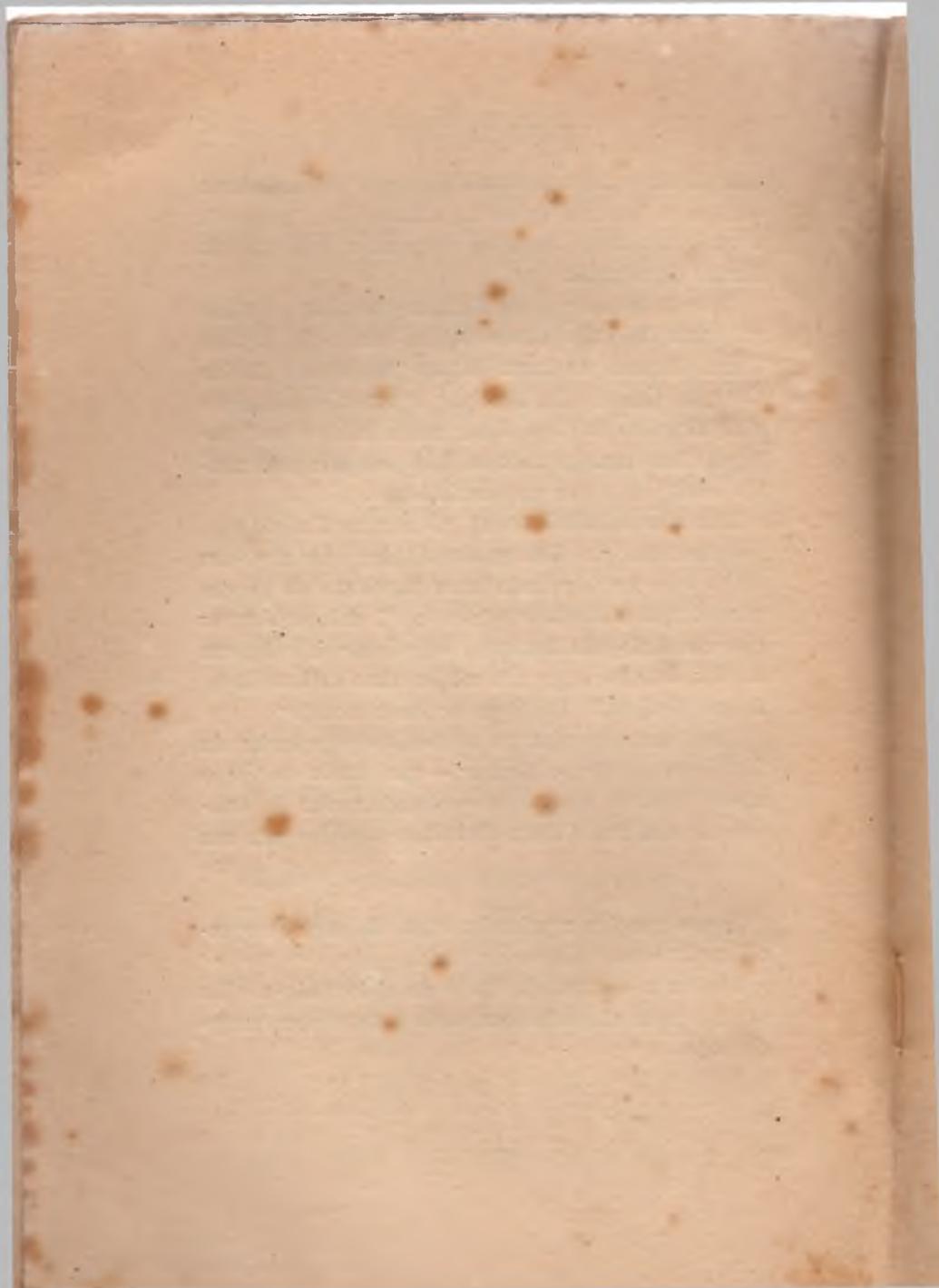
Quando pensava que a tinham precedido no officio religiosas do valor duma Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro e duma Madre Maria do Divino Coração Oliva, afligia-se por a terem escolhido a ela. Durante muitos dias, assim andou em tremenda luta consigo mesma, sem coragem para aceitar missão de tanta responsabilidade.

Não nos escandalizemos. O mesmo Senhor que, nos ardores da Sua generosidade, clamava «eu tenho que ser baptizado num baptismo de sangue e com que ansiedade o desejo»⁹, deixou escapar este desabafo tão humano, ao chegar às vésperas da Sua Paixão: «agora a minha alma está turbada. E que direi eu? Pai livra-me desta hora!»¹⁰

Recalcando, porém, as naturais repugnâncias da Sua humanidade, o Senhor — que havia de ser o nosso Mestre em tudo, — abandonou-se à vontade de Seu Pai. Nisto O imitou também esta sua discípula.

Estava vencida a primeira *etapa* da carreira apostólica da Madre Maria de Assis.

Mestra e educadora, havia de sê-lo toda a vida mas, a partir daquela hora, seria outro o seu campo de acção.



O TEMPO DAS SEMENTEIRAS

Quem apenas conheça a vida religiosa através de obras romanescas ou de filmes cinematográficos, não pode ter sobre vocação e noviciado senão um conceito superficial e fantasista. Aquilo que lhe parece morte e aniquilamento é, afinal, activa preparação para uma vida intensa e cheia. Não são tanto os que se afadigam numa actividade incessante e ruidosa, alheados das realidades supraterras, que *vivem integralmente*, mas antes os que, em qualquer situação onde se encontrem, cuidam de orientar a sua actividade de harmonia com os valores espirituais e eternos.

«A vocação,» — como disse alguém —, «é sempre *dom do Alto* e o Amor é, inquestionavelmente, o seu factor principal. Amor de Deus, que olhou com predilecção para aquela alma, e a chamou a tão alta dignidade. Amor da alma, que correspondeu fielmente ao chamamento divino, pronta a segui-lo à custa do sacrificio de tudo o que, no mundo, lhe era mais querido».

Para fazermos uma ideia aproximada do ambiente duma casa de formação religiosa, e do que foi a Madre Maria de Assis como Mestra das Noviças, vamos passar alguns momentos em sua companhia, ao Noviciado de Penafiel.

Uma fotografia dessa época, colhida numa expressão espiritualizada e docemente austera, vai servir-nos de apresentação. A descrição em traços bem delineados, que dela nos faz uma sua aluna e noviça, completará o retrato.

«Era a mais carinhosa das mães e a mais severa das mestras. Olhar perspicaz, intuição certa dos caracteres, conhecimento íntimo das almas, tacto especial para levar cada uma a realizar o ideal de santidade a que era chamada, pelos meios da força e da doçura».

Nestas linhas, frisa-se, pela primeira vez, uma característica do seu perfil de educadora: a severidade. A Madre era, realmente, inflexível quando se tratava do cumprimento da Regra e das virtudes religiosas.

Não havia quem amparasse as vocações com mais bondade do que ela. Se julgasse, porém, diante de Deus, que uma candidata não tinha os sinais duma verdadeira vocação, nem as qualidades requeridas para dar uma boa religiosa, nenhuns rogos ou empenhos a dissuadiam de a despedir.

Esta firmeza evidenciou todo o tempo que esteve Mestra das Noviças e Superiora. Em Penafiel, por exemplo, recusou a profissão a duas noviças, recomendadas por um sacerdote muito respeitável

e a quem se devia atenções, por entender que não podiam ficar no Instituto. Esta decisão trouxe-lhe não poucas sensaborias, mas sofreu-as com a sua habitual humildade e paciência.

Outro caso passado em Braga, bastantes anos mais tarde, mostra que, neste ponto, o seu critério nunca mudou: tinha entrado para o Comunidade uma rapariga que trazia fama de grandes qualidades e que se dizia, ela-própria, o braço direito do pároco da sua terra. A Madre começou a ouvi-la e a observá-la. A certa altura, percebeu que, nos serviços onde a empregara, era ela quem punha e dispunha e tinha sempre observações desfavoráveis a fazer acerca da irmã a quem andava a ajudar.

— Parece que anda demónio em casa... — comentou um dia, uma religiosa, na presença da Madre Maria de Assis.

— Anda, anda, — respondeu esta, na sua calma, — mas vai sair, e não tarda muito!

E recambiou a *talentosa* postulante ao Senhor Abade: tinha *qualidades de mais* para a vida religiosa...

Em se tratando de obediência, não deixava passar a menor falta sem a punir severamente. Com razão considerava esta virtude como o fundamento duma sólida formação religiosa.

Ficou proverbial um certo *auto de fê* que ela mandou fazer na sala do Noviciado — para escarmento de todas as noviças —, só porque uma se atrevera a fazer, sem licença, um caderninho para os seus apontamentos espirituais... A desobediente, depois

de ouvir severa reprimenda, teve de o queimar ali mesmo, à vista das companheiras!

Uma ou outra vez, não hesitava em exercitar as noviças na virtude, à maneira dos antigos monges. Nos anais do Noviciado, ficou também célebre a história dum certo vaso com uma planta de estimação que ela mandou regar com... água a ferver. Se a Mestra era arrojada na fé, a discípula não lhe ficava atrás em obediência e simplicidade. Dia após dia, foi buscar a água à porta da cozinha, tendo sempre o cuidado de se informar:

— Está a ferver?...

O caso já fazia rir as cozinheiras — jovens noviças como ela —, mas continuou a obedecer. E reza a tradição que a planta *não secou!*

A Madre Maria de Assis incutia-lhes muito a necessidade de impregnarem a obediência de espírito de fé: «Na voz da autoridade vejam só a vontade de Deus», recomendava insistentemente.

«O que importa é fazer o que Ele quiser e estar onde for da Sua Santíssima Vontade. O resto é com o Amor!» — lemos numa carta sua.

E como ela própria vivia deste espírito, exigia a mesma submissão de juízo das almas que lhe estavam confiadas, tendo um jeito especial para as formar nesta difícil virtude. Conta-se, entre outras, uma história engraçada sucedida em Tui, numa época em que a boa Madre ficara a substituir provisoriamente a Mestra das Noviças. Tendo-se apercebido do receio em que andavam de que esta não voltasse para o Noviciado, reuniu-as a todas e assegurou-lhes que não havia razão para tais apreensões,

pois a ausência da sua Mestra era apenas temporária.

Parecia arrumado o assunto mas, no espírito de algumas, a desconfiança persistia, apesar de tudo. Soube-o a Madre e, desta vez, o caso saiu sério! Cada uma das *incrédulas* teve de ir declamar no refeitório, durante vários dias, esta máxima em verso que nunca mais esqueceu:

*O espírito do Instituto é o espírito de fé,
quem o não tem, santa não é...*

Não era menos exigente na humildade, a Madre Maria de Assis, mas queria-a de dentro, e não de fachada somente. Sempre de atalaia, o seu olhar arguto e experiente descobria o orgulho, mal ele se manifestasse nas suas noviças, e movia-lhe guerra implacável...

A mortificação parece ter sido um dos seus temas favoritos. E compreende-se a insistência. Pois não é o Noviciado o tempo das sementeiras? Ora, o Apóstolo adverte: «Louco, o que tu semeias não se vivifica, se primeiro não morrer!»¹

É trabalho longo e penoso este da morte às tendências imperfeitas da natureza mas, na sua Mestra, tinham as noviças «um exemplo vivo de mortificação», como escreve uma delas, exprimindo o sentir de todas. Daí a autoridade das suas palavras e o rasto fundo que deixavam em suas almas.

Conta-se, a este respeito, que não tolerava mimálicas nas maneiras nem esquisitices à mesa. Comentava com tal energia o «abnega-te a ti mesmo» do

Evangelho², que talvez alguém chegasse a julgá-la um pouco dura. É que ainda não lhe conhecia o coração sensível e compreensivo que ela ocultava sob aquela aparência de severidade, mas que transparecia em muitos factos.

Um dia, fez uma conferência particularmente forte, visando, com a sua pontinha de ironia, certas noviças que parecia terem vindo para o convento «para fazerem as suas vontades e levarem vida regalada...» No fim, chamou a irmã dispensseira e recomendou:

— Trate-mas bem, ouviu? Olhe que não é nada com a irmã aquilo que eu acabei de dizer... Andam para aí algumas fraquitas. Dê-lhes tudo o que elas precisarem.

E, se alguém adoecia, que solicitude e carinho nos cuidados dispensados!

Saber temperar a severidade com a bondade foi o raro talento da querida Madre.

Uma vez por mês, havia, no Noviciado, um dia de retiro. Era rigoroso o silêncio, havia mais tempo de meditação, e estava o Santíssimo exposto, desde manhã até à noite. Mas, uma vez refeita a alma pelas longas horas de recolhimento, quantas vezes não proporcionava às suas noviças, ao fim da «Bênção», a agradável surpresa duma merenda na quinta!

E, então, toda aquela juventude se expandia em alegre convívio sob o olhar comprazido da Madre-Mestra.

Nos testemunhos que vamos citar — todos de religiosas que privaram de perto com a Madre Maria de Assis, — sente-se que a bondade era o traço mais saliente da sua fisionomia moral:

«Era doce, persuasiva, bondosa em extremo. Nunca a vi alterar-se».

«Se íamos dizer-lhe alguma falta, mostrava-se maternalmente acolhedora. Aplicava a devida correção com caritativa firmeza, de modo que ficávamos inclinadas a ir por diante na obra da nossa santificação».

«Quem se conhece já não é mau, costumava ela dizer, para nos estimular à correção dos defeitos».

«Todas a admirávamos por sua grande virtude, sobressaindo a bondade».

Numerosos depoimentos — e em especial os das suas antigas noviças, — testificam a viva impressão que a todas causava a atitude de profunda reverência e de angelical piedade em que a viam diante do Santíssimo Sacramento. E, sendo ela tão discreta no que dizia respeito à sua vida interior, e tão cuidadosa em esconder as graças que Deus lhe fazia na oração, traía, sem querer, a veemência dos seus sentimentos, ao falar de Jesus Eucaristia. E assim, nas conferências, ou em conversas mais íntimas, eram tão espontâneas e sentidas as expressões de ternura que lhe irrompiam do peito, que o fogo em que ardia pegava-se às almas!

Gostava de rezar com as noviças um «terço» da sua devoção em que, em vez da «Ave Maria», se dizia, em cada conta pequena:

— Senhor abrasai-me no vosso amor!

E, nas contas maiores, em vez do «Pai Nosso»:

— De amor abrasada eu quero viver, de saudades vossas, desejo morrer.

Esta forma ingénuo de orar, não era «a boca a falar da abundância do coração»?...³

Por vezes, iam dar com ela ajoelhada na grade da comunhão, a olhar para o sacrário, de mãos erguidas num gesto de irreprimível fervor. E ouviam-na murmurar, enternecida:

— Aquele *doidinho de Amor* que está ali por nós!... Ai, se Lhe tivéssemos um bocadinho só do amor que nos tem, já Ele se dava por satisfeito!

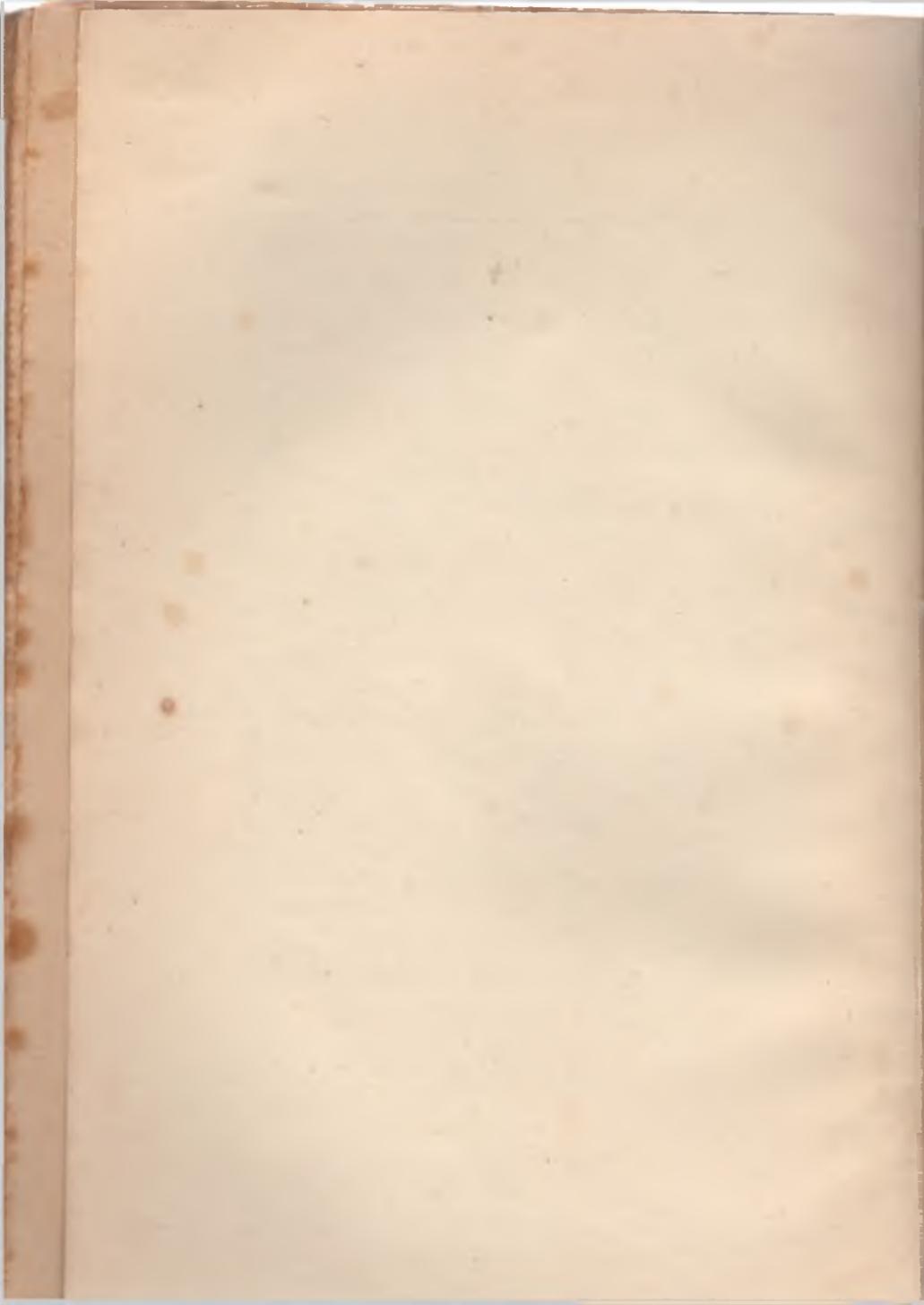
E foi assim, com singeleza e bondade, com humildade e fervor, que a Madre Maria de Assis lançou à terra *o bom grão*, no tempo das sementeiras...



Madre Maria de Assis Gomes da Fonseca

R. S. C. M.

aos quarenta anos



SOB O LÁTEGO DA REVOLUÇÃO

Fustigado por grossos cordões de chuva, o comboio avançava resfolgante e vagaroso, a abrir rasgões na densa cortina de nevoeiro que lhe embargava a carreira. Já costeavam o rio, há mais duma hora, e ninguém o enxergava ainda pelas vidraças, tão foscas se haviam posto com a humidade.

— A modos que a revolução também rebentou lá p'lo céu e virou as estações *às vexas!*... — agradejou um passageiro. — Inda o Outono vai a meio e já o Inverno a entrar por 'í adentro... Se isto se viu algum dia!

— Há muita coisa que nunca se viu e que se vê agora, — comentou um «gravata vermelha», olhando de soslaio para uma senhora que ia no compartimento. — Desde que a República limpou os conventos dos *parasitas* que os inçavam, só se encontram frades e freiras pelos comboios...

— Mais valia terem-lhes chegado um fósforo aos hábitos! — meteu um outro, por entre duas fumaradas de cigarro. — Isto é raça daninha: não há como o lume para dar cabo dela!...

Na carruagem, empestada pelo hálito e pelo fumo, cruzaram-se, por largo tempo, gargalhadas ordinárias e graçolas de mau gosto.

Aninhada a um canto, silenciosa e transida de susto, a Madre Maria de Assis bem se esforçara por passar despercebida, mas as vestes seculares não bastavam para lhe ocultar a profissão: tudo nela traía a religiosa... E foi com um suspiro de alívio que ouviu gritar a um companheiro de viagem:

— Cá estamos no Ferrão!

Era a estação que lhe ficava mais perto de Longa. Apeou-se, ligeira e, com um saquinho de riscado na mão, encaminhou-se rapidamente para a saída. Na margem esquerda do Douro, a diligência de Tabuaço esperava os passageiros que seguiam para aqueles lados. Dirigiu-se para a barca que fazia o trsbordo. E sentindo passos atrás de si, mais apressava o seu passo, a reccar que a prendessem, antes de chegar a casa da família...

* * *

Não era injustificado o receio. Mal o regime republicano se instaurara no país, começaram as violências e ataques ao clero e às casas religiosas, assaltos, insultos e assassinios...

Em Penafiel, aquele mês de Outubro de 1910, ficou lamentavelmente assinalado pelos excessos ali cometidos, a coberto das autoridades, por um bando de republicanos exaltados.

Ao primeiro rebate da revolução, a Madre Provincial dera ordem à Madre Maria de Assis para

todas as religiosas e noviças recolherem a casa das famílias, ou de pessoas amigas.

Quando os revolucionários assaltaram o colégio à mão armada, havia apenas duas horas que as últimas tinham partido.

A Madre Maria de Assis acompanhara a Madre Maria da Ascensão Miranda, que se fora hospedar em casa duma sua irmã, que vivia em Cepeda, perto da vizinha vila de Paredes.

Pertencia esta Madre a uma família muito considerada em Penafiel, e fizera, ainda há pouco, a primeira Profissão.

Ora, os Mirandas, passavam por affectos à religião e à monarquia, o que os tornava suspeitos aos partidários do novo regime. Por esse motivo não pudera recolher-se com a Madre Mestra, em casa do irmão, farmacêutico nessa cidade, sem correrem o perigo de serem reconhecidas e presas.

Mesmo em Cepeda, as duas refugiadas não estavam seguras. Urgia buscar outro asilo.

Uma manhãzinha, vestidas de chaile e lenço, fugiram, a pé, para o Freixo, povoação das cercanias de Marco de Canavezes.

Receosas que as reconhecessem, tomavam por atalhos desviados e de mau piso, andando e desandando caminho, por não se atreverem a interrogar os que passavam. Por isso, quando se viram fora do concelho de Penafiel, a salvo das represálias de que ali estavam ameaçadas, que acções de graças não ergueram a Deus as foragidas!

Dera-lhes carinhosa guarida uma tia da Madre Maria da Ascensão Miranda, que vivia sòzinha

com uma criada de idade. Contava a Madre Maria de Assis que se ofereciam, às vezes, para levar umas ovelhinhas a pastar, para a «Seara», fazenda próxima do Freixo. E aquelas horas passadas no remanso e solidão do campo, a conversar das coisas de Deus e dos seus cuidados e saudades, eram as melhores desse tempo de exílio.

Para todas as religiosas dispersas por esse Portugal além, as primeiras semanas após a revolução foram de ansiosa expectativa. Acerca dos conventos e das freiras, corriam os mais descontraídos e aterradores boatos. — E elas sem notícias da sorte que coubera às suas irmãs e às suas casas!

Apesar da relativa proximidade a que estavam de Penafiel, as duas refugiadas só mais tarde teriam conhecimento das cenas que se haviam dado no colégio, depois de o deixarem.

À face da lei, o edificio pertencia à Madre Maria do Coração de Jesus Mendes, natural daquela cidade, e muito conhecida do administrador que o novo governo acabava de nomear.

Logo que se proclamou a República, recebeu, no Porto, este enigmático telegrama:

«Maria, apresente-se».

Partiu no primeiro comboio. Ao chegar lá cima, ao Campo da Feira, e ao ver a tropa de guarda ao colégio, pressentiu o que a esperava, mas avançou, animosa.

Dentro, andavam, populares de revólver em punho, a remexer armários e gavetas, à procura de papéis comprometedores; a rebuscar os esconsos da casa,

das lojas ao sótão, na esperança de apanharem os Jesuítas que as irmãs lá tivessem escondido...

O acolhimento das autoridades foi hostil; longo e insidioso o interrogatório; grosseiras as ameaças com que pretenderam intimidá-la. «Como ela se negasse a responder a algumas das suas perguntas», — lemos em *Vidas Vivas*, — «encolerizaram-se e desabridamente a intimaram a sair de casa, sem demora. Era noite cerrada. Então a Madre Maria do Coração de Jesus, firme e digna, declarou que não saía àquela hora, a não ser que a fossem acompanhar a casa de pessoa de confiança. Lá lhe permitiram, então, que passasse a noite no colégio»¹.

De manhã, retirou-se para casa dumas amigas, aflita por ter de deixar Nosso Senhor no Sacrário, entregue a gente desvairada e capaz de todos os excessos. Sobre o peito, levava oculta uma custódia, para a subtrair a profanações.

À passagem, um dos guardas segredou-lhe: — Vá descansada, minha irmã, que eu vou chamar um padre para retirar o Santíssimo.

Com essa promessa, já se foi menos amargurada.

Daí a algum tempo, todo o recheio da casa era vendido em hasta pública. Às religiosas, não lhes foi permitido retirar nada do que era seu...

* * *

Com grande pesar da Madre Ascensão e da bondosa senhora que as hospedara, foi curta a demora da Madre Maria de Assis, no Freixo. Quando a tormenta lhe pareceu abrandada, resolveu partir

para a sua terra, e escreveu à família, a avisar do dia da chegada.

A diligência que a levou do Ferrão a Tabuaço era — como quase todas as desse tempo, — uma carripana puxada a muares estafadas e lazarentas, com as molas desconjuntadas pelos trancos e barrancos da péssima estrada que servia aquela importante vila. À pobre viajante, extenuada pelas emoções e pela fadiga, pareceu interminável o trajecto.

A meio da tarde, uma nortada varrera as nuvens e clareara o horizonte. Os caminhos, lavados pela enxurrada, convidavam a uma jornada a pé, até ao alto de Chavães. Dali, já avistaria, ao longe, as casinhas brancas da sua Longa! — pensou a Madre Maria de Assis. E sorriu, pela primeira vez, naquela atribulada viagem.

Ao chegar a Tabuaço, estavam dois sobrinhos à sua espera: A Josefa e o Manuel. Vendo-a tão pálida e desfeita, insistiram para que tomasse alguma coisa do que lhe levavam.

— Aqui, não, filhos; vamos embora para outro sítio mais afastado! — respondeu ela, receosa de que a estivessem a espiar.

Ajudaram-na, então, a montar para uma burrinha mas, no primeiro lugar aprazível e deserto, pararam, a comer todos três da merenda. Só ali, é que lhes perguntou: — quem sois vós, meus filhos?

— Somos filhos da Isabel e do Jerónimo Nunes.

— Ai, meus ricos sobrinhos, dai cá um abraço! E eu a julgar que ereis *uns casadinhos!*...

O sol começava a tombar para trás do monte.

Puseram-se, de novo, a caminho. Por entre fragedos e mato bravo, treparam a «Galgueira» que levava à aldeiazinha de Chavães, alcandorada a cerca de 1.000 metros. O carreiro era quase a pino; o terreno, escorregadio. E não levasse o Manuel a burrinha bem segura pela arreata, já se teria ido abaixo, nalgum tropeção...

Iam agora os três a pé.

Ao virar duma curva, a Madre Maria de Assis parou, tomada de respeito e admiração. O sol dava um último adeus à majestosa e austera paisagem daquele belo recanto do Alto-Douro, afagando-o com a luz branda dos seus raios de púrpura doirada.

— Bendito seja Deus! Mas que lindo!

E pôs as mãos, enlevada na contemplação do maravilhoso panorama...

— Tia, vamos, que se faz tarde!

E acomodaram-na, outra vez, na burrinha, embrulhando-lhe os joelhos num cobertor.

Ela, que já ia enregelada pela aragem fresca da serra, exclamou, reconhecida:

— Ai, meus filhos, foi Deus que vos inspirou!

Chegaram, noite fechada, alumiados por um lampião de azeite. Longa parecia adormecida. Mas logo que apontou no caminho a luzinha que traziam, outras luzes se acenderam e a família rodeou a viajante, a abraçá-la com exclamações de ternura e de alegria.

A Madre Maria de Assis chorava de comoção. Bem diz Nosso Senhor no Evangelho: «Ninguém há que tenha deixado casa, irmãos ou irmãs, ou terras por meu amor, que não receba cem vezes outro tanto, agora mesmo neste século...»².

Tudo isso ela deixara, há vinte anos, pelo amor de Deus, e agora vinha encontrar tantos braços abertos para a acarinharem, tantos lares a oferecerem-se para a receberem!

Hospedou-se em casa da irmã Isabel. Depois da ceia, a conversa prolongou-se pela noite adiante. Ninguém tinha sono. Choviam as perguntas de uns e outros. Ela, por sua vez, queria saber de todos, interessando-a tudo o que dizia respeito à sua gente e à sua terra.

A certa altura, puxou das contas, e todos ajoelharam com ela, a rezar o «Terço» a Nossa Senhora. Durante os três meses que ali se demorou, seria este o habitual remate daqueles serões tão agradáveis, passados em família.

A Madre Maria de Assis foi notando, com tristeza, que a sua Longa mudara muito e que havia por lá muita ignorância religiosa. Dos seus, uns tinham perdido a fé e já não praticavam; outros ainda a tinham, mas viviam desleixados dos seus deveres de católicos.

Uma noite, o Jerónimo Nunes³ atreveu-se a agradecer, ao passar pela sala onde estavam a rezar o «Terço»:

— Se não for verdade existir o céu para premiar os bons, a cunhada bem perde o seu tempo!...

A Madre Maria de Assis não lhe respondeu mas, no fim da reza, sempre disse, amargurada:

— Deus lhe perdoe, por Sua infinita bondade! Estas coisas confrangiam-na, e tudo era rezar e fazer penitência, para que o Senhor tocasse o

coração dos pecadores da sua família. E, já de regresso ao convento, respondia, quando lhe encomendavam alguma intenção:

«Não vos esqueço nas minhas orações mas não são elas que vos levarão para o céu, se vós não trabalhais para isso... As orações movem o Coração de Deus a nosso favor, para nos dar a Sua graça, mas, da nossa parte temos de trabalhar — isto é, fugir de tudo o que é ofensa de Deus e amá-LO com todo o nosso coração.»

Não eram menos desanimadoras as notícias dos que andavam por longe, e vamos encontrar este grito de alarme e de humildade numa outra carta:

— «Em que se fiarão os meus sobrinhos? Pensarão eles que as orações da tia os converterão? Isso será um engano do demónio! Porque, se as orações da tia valessem alguma coisa, seriam eles todos santos.»

A vida que levava, enquanto estive com a família, era a da mais recolhida e observante religiosa. A não ser para a igreja, ou para visitar alguma das capelinhas da aldeia, era raro sair, e escolhia as horas em que as ruas estavam desertas, — conta uma sobrinha. E a mesma acrescenta: «sempre muito concentrada, não havia nada que a distraísse da oração. No dia da festa da Senhora das Candeias, a Josefa perguntou-lhe, à saída:

— Minha tia, gostou de tanta luzinha acesa?

— Eu não as vi, minha filha. Enquanto rezo não vejo nada...

À chegada, vinha vestida à moda da época, de manta e capa preta. Depois, pediu um chaile e uma roupa mais velha e passou a trajar segundo o uso da terra.

Para comprazer com todos, passava uns dias em casa da irmã Isabel, outros em casa dos vários sobrinhos, que já haviam fundado o seu lar.

O Serafim⁴ casara, havia anos, com a Eulália Carvalho, filha duma sua amiga de infância. Só então o soube a tia, e foi para ela uma enorme alegria. Quando chegou a vez de a hospedarem, deram-lhe o melhor quarto e foram buscar à arca uma cama de roupa bordada e uma linda colcha que o Serafim mandara do Brasil.

— Tira-me isto tudo, filha! — instou a boa Madre, aflita. — Eu não posso deitar-me em cama de tanto luxo. Não sou mais que uma humilde serva de Jesus Cristo, para O servir e imitar no que puder!

E tiveram de lhe fazer a vontade.

Quando mudava de casa, constava logo onde era a pousada da «tia Rufininha» como teimavam carinhosamente em tratá-la, apesar dela manifestar o desejo de a chamarem pelo nome de religião.

De dia, era a pequenada que não a largava, a querer mais explicações da doutrina e a pedir mais histórias. À noitinha, era a vez dos grandes, que, só àquela hora, estavam livres dos seus trabalhos.

Tão ávidos de a escutar eram uns como outros, e ainda hoje há, em Longa, quem se recorde, pala-

vra por palavra, das exortações e casos edificantes, ouvidos nesses serões, à lareira.

Ler as suas cartas, é o mesmo que ouvi-la, tão singelo, familiar e emotivo era o seu estilo epistolar.

Pará a Ana — que era, de entre as sobrinhas, a mais inclinada à piedade — deixava correr a pena livremente, a dar saída às expansões do seu fervor:

«Ama muito ao nosso doce Jesus; caridade para com o próximo. Perdoa tudo, sofre tudo por Ele!...

Um ano, escreveu-lhe, no Natal:

«O divino Amor pequenino te encha de graças e te abraze e queime no fogo de que o Seu divino Coração está cheio!»

Desejaria a Ana seguir a vida religiosa, mas a saúde não lho permitia. E a tia escreve-lhe, a consolá-la.

«Nosso Senhor vai-te dando parte na Sua cruz! Não vais para o convento, porque o teu Jesus precisa de ti *aí* na nossa terra. O que Ele quer de ti, minha filha, não é que vistas um hábito, mas sim que O trates *a Ele* nos doentinhos, nas crianças, nos pecadores e peccadoras! Quer que o sirvas na tua casa, servindo os teus bons Pais e Irmãos.

Faze tudo isto com muito *amor* ao teu Jesus e terás maior recompensa do que muitas freiras que lhe não tenham tanto amor».

Insistindo no mesmo consolador pensamento, termina assim uma outra carta:

«Adeus, minha florinha de Jesus! Que sorte a tua tão boa: servires o Amor nessas crianças que ensinas, e nessas almas a quem mostras o caminho do céu e ajudas a meterem-se no caminho que ao Céu conduz!»

Depois de lhe contar uma «Hora Santa» a que assistira, escrevia-lhe, noutra ocasião:

«Se a minha querida Aninhas estivesse aqui, ficava abrasada!»

Mas logo ajunta:

«Não fiques com pena, porque as almas que são de Jesus, em toda a parte estão bem».

Em todo o caso, vai-a acautelando contra possíveis ataques do «inimigo», e animando-a a uma vida de fervor:

«Vigia sempre, e pede à nossa Mãe do Céu que vele por ti, para te livrar dos *ardis* de Satanás! Faze um bocadinho de meditação todos os dias, para cresceres cada vez mais no amor do nosso Jesus. Ah! se soubesses o amor que Ele te tem!... É verdade que ama todas as almas, mas muito mais as almas *virgens* que vivem só para Ele e para O fazerem amar e servir».

Quem poderia suspeitar,* vendo-a tão animosa, que a Madre Maria de Assis sentia um vivo desgosto por não ter nenhum sobrinho consagrado a Deus, no sacerdócio ou na vida religiosa?

Constando-lhe, mais tarde, que um dos irmãos da Ana mostrava vontade de ser padre, interessou-se pela sua entrada nos Beneditinos, e amparou-o, quanto pôde, com as suas orações e conselhos. Vindo a provar-se que não tinha vocação, tiveram de o despedir.

À sobrinha que lhe anunciara a triste notícia, escreveu:

«Não te aflijas! Mais vale termos um bom católico do que um mau padre. Eu, pelos meus pecados, não merecia ter um sobrinho padre...»

Contudo, não desanima de ver encaminhar-se para o sacerdócio um outro irmão da Aninhas. O pequenito, bem inclinado e piedoso, manifestava esse desejo, parecendo justificar as esperanças da tia. É encantadora a ternura que mostra por ele, os cuidados que tem com a sua saúde:

«Olha pelo nosso anjinho, para que se ponha forte,» — recomendava a Madre Maria de Assis à sobrinha. — «Se adoecer, lá se vão as nossas esperanças...»

Não há carta dessa época em que não apareça o seu nome e em que não lhe mande conselhos e «santinhos». Indaga da Ana se ele quererá ir para os

Jesuítas, mas vai lembrando: «é preciso que fique bem no exame e que tenha saúde».

Um dia, porém, desfez-se o belo sonho...

O mesmo aconteceria com duas outras sobrinhas, a quem já chamava «as nossas freirinhas», e que não chegaram a partir para o Noviciado...

Mas não havia decepção que abalasse o espírito de fé daquela santa alma! E, em vez de se expandir em lamentações estéreis, comenta, com admirável senso prático:

«Nós não estamos no mundo para todos serem frades e freiras, mas sim para todos amarmos e servirmos a Deus!»

Noutra carta para a sua Aninhas, lê-se:

«Tinha muito gosto de ter uma sobrinha religiosa; sim, tinha muita consolação, mas tenho ainda *mais* em ter uma sobrinha que renuncia à sua própria vontade, para em tudo se submeter à SS.^{ma} Vontade de Deus. Isto, sim, que é santidade: renunciar à vontade própria e fazer sempre a vontade do nosso Jesus!»

Na auscultação duma alma assim possuída pelo Espírito de Deus, há muito que aprender. Prestemos ainda atenção:

«Jesus tem muitos caminhos para as almas que chama à santidade. Ele é um doidinho de amor por nós! O que quer é amor. Se a

alma o ama, esteja onde estiver, Ele a encherá de graças e a fará santa».

E, depois de sugerir à sobrinha diversas formas de apostolado em que pode exercitar o seu zelo, rompe neste desafogo de humildade:

«Fazendo assim, podes ficar certa que, no céu, terás maior coroa do que a tua pobre tia a quem por amizade chamas santa... Eu devia ser santa, porque fui chamada a um estado de perfeição, mas tenho sido muito preguiçosa no amor a Nosso Senhor e em crescer nas virtudes... Por isso terei muito Purgatório, antes de gozar as delícias do céu, porque a quem Deus mais dá, mais há-de pedir!»

Não teria razão o escritor francês que afirmou: «o estilo é o homem»? Nestes breves excertos da correspondência da querida Madre, está toda a sua alma a palpitar.

* * *

No trágico findar daquele ano revolucionário, o maior cuidado da saudosa exilada não era, porém, meter os sobrinhos no convento, mas voltar ela própria para lá.

— Tia, então não está bem connosco? — perguntavam-lhe eles, todos tristes, ao ouvi-la falar em partir.

— Pois não hei-de estar? Vós sois tão bons para mim!

— Então porque se quer ir embora?

— Ah! meus filhos, é o coração a puxar-me para lá... Só quem o sente é que o pode entender!...

E as cartas para a sua Superiora Provincial — a Madre Maria da Eucaristia Lencastre, — faziam-se cada vez mais instantes, a suplicar que a chamasse para ao pé de suas irmãs. Ver-se em comunidade, nalgum cantinho do mundo, — por mais remoto e pobre que fosse — seria para ela «o paraíso na terra»!

O ano de 1911 entrara ameaçador e sombrio, carregado de leis e decretos que um estadista forjara à pressa para... acabar, «em duas gerações», com a Igreja Católica, em Portugal!

Vendo isto, as Superiores tentaram-se a ir fundar ao Brasil. Assim lhes tinha ensinado o Mestre: «Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra.»⁵

Em princípios de Fevereiro, começou a correr, entre a boa gente da Longa:

— A nossa «Freirinha» vai-se embora!!

E foi, em todo o povo, a mesma desolação de quando partira a primeira vez para o convento...

Acudiram a despedir-se. Alguns traziam-lhe os seus presentinhos: uns mimos para a merenda, roupa e géneros alimentícios — tudo o que lhes parecia jeitoso para a longa viagem de barco e os princípios duma fundação. A sobrinha Eulália convidou-a⁶ com uma libra de oiro, que o seu Serafim ganhara, lá nesse Brasil para onde ia a «tia Rufininha», não em busca de riquezas mas de almas para Deus.

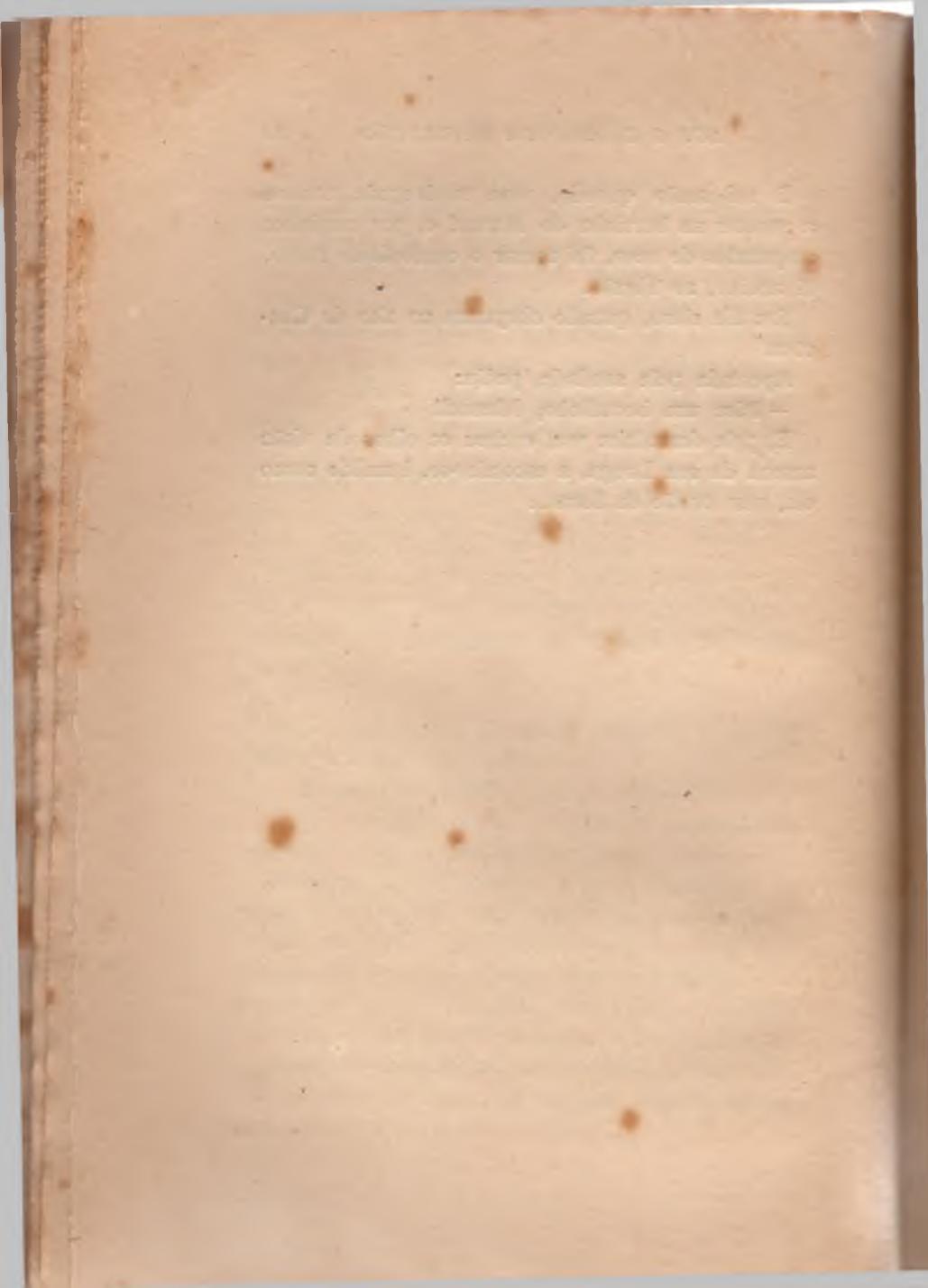
E vai senão quando, uma madrugada, tornou a montar na burrinha do Manuel e, por caminhos atapetados de neve, foi tomar o comboio do Porto, lá abaixo, ao Ferrão.

Era dia claro, quando chegaram ao alto de Chavães.

Apertada pela saudade, pediu:

— Pára um bocadinho, Manuel!

E, pela derradeira vez, encheu os olhos da visão amena da sua Longa, a esconder-se, humilde como ela, num covão da Serra...



11.

PÁTRIA NOVA

Três meses apenas experimentaram as exiladas as agruras do desterro — o tempo de germinar a semente arremessada pelo vendaval revolucionário para além-mar. Na abertura do seu primeiro colégio, em Ubá, estado de Minas Gerais, aperceberam-se logo que, afinal, tinham, no Brasil, uma Pátria Nova e, em cada brasileiro, um irmão adoptivo.

Fora, realmente, inspirado o eloquente filho do Brasil que, nessa hora histórica para o Instituto do Sagrado Coração de Maria, assim falou às Fundadoras:

«Vindes dos sobressaltos de uma revolução vitoriosa de que fostes vítimas inocentes. Ainda ecoam nos vossos ouvidos as derradeiras reminiscências de horrendo pesadelo, as vozes da turbamulta desvairada e perseguidora, os lampejos e ruídos das armas amotinadas, num selvagem encarniçamento contra a vossa debilidade assustada e contra os vossos pacíficos hábitos talaes. Tudo isso, porém — descan-

sai, Irmãs! — passou, desapareceu, fundido na treva espessa dos momentos maus. Hoje, na terra nova, nova pátria vos abre os braços maternos e vos adopta, para sempre!»

E o orador terminava assim a sua alocução de boas-vindas:

«Quando, no silêncio da noite, as saudades da pátria vos saltearem de súbito, no intervalo dos vossos piedosos exercícios, quando as recordações do vosso Portugal [...] invadirem o vosso coração amargurado, quando a nostalgia vos enevoar e entristecer a alma, que só vibra ao toque dos sentimentos delicados, abri as vossas janelas, Irmãs, e olhai o céu da vossa pátria nova! Para os lados do Sul, vereis palpitando no azul lavado e profundo uma cruz de astros, o Cruzeiro! E essa cruz altíssima engastada por Deus no firmamento dessa pátria nossa, como para testemunhar o desenvolvimento e a grandeza da expansão cristã entre nós, falar-vos-á ao coração magoado de uma pátria única onde não se perseguem os inocentes, [...] consolando-vos e alegrando-vos com as palavras de Cristo que vos estão gravadas indelêvelmente na alma:

*Bem-aventurados sois vós quando vos injuriam e vos perseguirem e vos caluniarem por meu respeito!»*¹

Os passos que a Providência dá quando tem em vista realizar alguma obra grande, com pobres ins-

trumentos humanos — que assunto para inefável meditação! E, por isso, antes de narrar a arrojada aventura de fé que ia ser a fundação do Brasil, sigamos alguns desses passos, rebuscando, nas páginas de *Vidas Vivas*, o que ali se refere dessa interessante fase da história da expansão do Instituto.

«Perdidas as esperanças de poderem dar-se em Portugal à sua missão de educadoras (de governo tão sectário que havia a esperar?...), a Madre Provincial vai à Casa-Mãe, a submeter ao Conselho Geral o projecto duma fundação no Brasil. Leva consigo a Madre Maria de Aquino, que andava empenhadíssima na realização desse projecto.

Na ida para Béziers, param em Lourdes, a buscar luz e conforto junto de Maria Imaculada.

— *Minha Mãe, para reunir a minha Comunidade dispersa, ofereço-me a todos os sacrificios!* — suplica, num grito de fé ardente, a jovem Superiora de Braga.

Lá longe, em Portugal, as religiosas, alvoroçadas pela esperança de tornarem a juntar-se, rezavam fervorosamente pela mesma intenção.

Hesitava a Madre Santa Constança — Superiora Geral desde 1906, — em conceder a autorização pedida, parecendo-lhe aventura arriscada uma fundação tão repentinamente planeada e efectuada, em país distante como o Brasil...

Por fim, pesou tanto, nas balanças do Céu, a oração e o sacrifício das generosas Superiores e de suas aflitas súbditas — dispostas a afrontar as privações e incertezas do desterro, afim de observarem em comum a sua Regra —, que a graça desejada foi concedida.

— *Coragem, minhas filhas, nós nos reuniremos outra vez!* — pôde escrever a Superiora do colégio de Braga às suas religiosas, no regresso de França». ²

À Madre Maria de Assis e à Madre «Sainte-Foy» coube a honra de constituírem, sob a direcção da Madre Maria de Aquino, a pequenina comunidade, pioneira das fundações brasileiras do «Sagrado Coração de Maria».

Não se descreve a agradável surpresa que ambas tiveram e a efusão com que se abraçaram, ao encontrarem-se, no Porto, na véspera da partida! Juntas haviam trabalhado nos colégios de Braga e de Viseu, juntas iam seguir para a missão longínqua a que a obediência as convidara, por lhes conhecer o espírito animoso e sacrificado.

Graças à generosidade do Conde de Alentém — irmão da Madre Maria da Eucaristia —, já tinham as passagens pagas e o lugar tomado a bordo dum vapor alemão, que devia aportar a Leixões, pelos meados de Fevereiro.

Nesses tempos, não eram tão complicadas como hoje as formalidades legais que os emigrados tinham de cumprir. No entanto, a chamada «folha corrida» pertencia, como é natural, ao número dos papéis exigidos — não fosse algum criminoso escapar-se às malhas da polícia... Portanto, à chegada de Longa, a Madre Maria de Assis teve de ir tirar a sua. O funcionário, depois de pesquisar num monte de papéis, informou, apresentando o certificado de registo criminal:

— Nada consta.

— Ai, não? Que pena!... — respondeu a boa Madre toda pesarosa. Na sua ingenuidade, não fazia a mínima ideia de que tratava a certidão pedida...

A 21 de Fevereiro de 1911, as nossas viajantes embarcavam para o Rio de Janeiro. Acompanharam-nas, a bordo do «Cap Vert», as Madres Maria da Eucaristia e Maria do Coração Imaculado.

Pelas nove da noite, ouviu-se um sinal. O barco ia levantar ferro. Muito comovida, a Madre Provincial abençoa as fundadoras, e despede-se com estas lindas palavras, que elas não mais esqueceriam:

— *Minhas filhas, vão das Terras de Santa Maria às Terras de Santa Cruz, levar o Sagrado Coração de Maria e fazer amar e servir o Senhor pelas almas que Ele lhes confiar!*

Perdeu-se, na escuridão da noite, a lancha que reconduzia a terra as duas Madres.

! As viajantes recolheram ao seu beliche.

Rezaram e deitaram-se, extenuadas pelos últimos preparativos da jornada e pelas emoções da despedida.

Um arranco forte abalou as suas camas. Aquele desprender de âncora e a largada do barco, mar em fora, na treva densa duma noite de inverno — que imagem impressionante da sua própria largada! Lá iam elas também para o desconhecido, à mercê da Providência, de amarras quebradas para o que lhes era mais querido...

Uma das viajantes celebrará essa Jornada de Esperança em comovente poema, escrito vinte e

cinco anos mais tarde, por ocasião das Bodas de Prata da Fundação do Brasil. A amenizar as notas da viagem, vão alguns excertos dessa obra de homenagem reconhecida

*...à alma sensível, meiga,
Generosa, hospitaleira,
Da grande Nação Brasileira.*

De manhãzinha, subiram ao convés e, aqui mesmo, fizeram as suas orações.

Esbatido pelo nevoeiro matinal, já começava a divisar-se o recorte espumado das praias vizinhas do estuário do Tejo. O livro para a meditação tinham-no ali aberto, ante os seus olhos extasiados. Não precisavam doutro.

Agora, o «Cap-Vert» subia, lentamente, pelo rio acima.

Sobre um fundo de azul e rosa, desenhavam-se, em relevo de maravilhosa nitidez, os contornos das colinas, as torres das igrejas, os telhados das casas, a mancha verde dos jardins.

E foi no enlevo da visão deslumbradora duma entrada em Lisboa, ao romper do dia, que as três religiosas encerraram, entre cânticos de louvor, a primeira meditação de bordo.

À hora da partida — para sempre? Deus o sabe!— :

*Tangem as Ave-Marias,
Com sua voz argentina,
Os sinos da Capital.*

.....

*As gaivotas, aos milhares,
Esvoaçam pelos ares,
E vêm as ondas beijar...
Dos navios ancorados,
Branços lenços agitados,
Em despedida, a saudar!*

O «Cap-Vert» desliza, sereno e majestoso, pelo rio abaixo, rumo ao mar largo:

*E o coração tão saudoso,
Diz à Pátria um terno adeus,
Entrega-se à Virgem pura.
Nas faces roreja o pranto,
Ao deixar todo esse encanto
Pelas almas, só por Deus!*

* * *

! Vestiam as Madres à secular. Percebia-se, no entanto, pelas atenções que lhes dispensavam, que, a bordo, todos lhe conheciam já a verdadeira identidade.

Para as Madres Maria de Aquino e Maria de Assis — muito provadas pelo enjoo —, a viagem foi um suplício. Passavam dias inteiros fechadas no beliche. Se o mal, porém, abrandava um pouco, logo reagiam corajosamente, e subiam ao convés, a refugiar-se nalgum canto isolado.

Diferentes no temperamento, diferentes eram os caminhos duma e doutra. Apesar disso, no atractivo pela vida de união íntima com Deus, e no cui-

dado em se esconderem aos olhos do mundo, eram bem irmãos estas duas santas almas.

Admiravelmente disposta, a Madre «Sainte Foy» desfazia-se em cuidados com as suas companheiras, e fazia o que podia para as distrair. De feitio muito observador, gozava com tudo, numa despreocupação de espírito que «fazia sorrir as duas torturadas», — segundo ela própria se exprime, em suas «Memórias» de bordo.

Lá vêm também narradas as peripécias da passagem no Equador, a que teve de assistir, com a Madre Maria de Assis, para comprazerem com os comenheiros de viagem. Do sacrifício que esta boa Madre faria, nada diz a cronista, mas adivinha-se bem, pois que, mesmo na mocidade, sempre vivera alheia a festas mundanas.

Depois de descrever o banquete servido por criados fantasiados, num salão engalanado a primor, com os convivas em traje de cerimónia; o cortejo de Júpiter com seu aparatoso séquito de deuses; e as outras diversões a que a travessia do Equador costuma dar ensejo, a Madre «Sainte Foy» acrescenta:

«Houve baile, no salão, e tudo correu na melhor harmonia», mas — não fosse alguém supor que se haviam excedido na condescendência até ao *escândalo* de presenciar um baile... — ajunta, logo: «soubemo-lo, no dia seguinte, por uma senhora brasileira».

Na manhã de 7 de Março, a Baía estava à vista. Acorrem, pressurosas, a saudar o Brasil!

*Surge a formosa Baía,
Ao toque do meio-dia,
Numa doce melodia
De amor, emoção e fé!
Eis as plagas brasileiras,
Com suas verdes palmeiras,
Belezas alvissareiras...
— Do mar, que lindo que é!*

Desembarcaram muitos passageiros, e também convidaram as religiosas para visitar a cidade. «Preferiram ficar, a deliciarem-se na contemplação do bellissimo panorama».

Antes de chegarem, já alguém lhes tinha dito: «a Baía, vista do mar, parece um presépio». Com efeito, alvejam as casas, por entre verdura, e as igrejas são tantas — dizem, — como os dias do ano...

*De novo, largou ferro a grande nave.
Qual gigantesca, imperiosa ave,
Outros céus demandou.
Variado cenário de belezas,
Da flora tropical as mil riquezas
Ante o olhar perpassou!
Vários dias ainda, mar em fora,
Sua rota seguiu.
Alfim vinha rompendo a bela aurora,
Quando a terra surgiu...*

Guanabara tem fama de ser a mais bela enseada do mundo. E tal encanto e formosura, tal riqueza e vastidão ostentava a feiticeira cidade do Rio, que

se quedaram, fascinadas, a contemplá-la, por largo tempo...

Por fim, vendo que não tinham ninguém a esperá-las, resolveram-se a desembarcar.

O dia 11 de Março de 1911 ficava a marcar, a partir dessa hora, um passo agigantado na história da expansão do Instituto do Sagrado Coração de Maria. E, por uma coincidência que sobremaneira comoveu as religiosas, esse toque às «Ave-Marias» que tão docemente lhes soara na alma, à despedida de Lisboa, e que as acolhera piedosamente, ao aportar à Baía, tangiam-no, agora, os sinos do Rio de Janeiro, ao pisarem, pela primeira vez, a terra brasileira!

Não parecia um presságio do maternal amparo que o Coração de Maria ia dispensar à Obra que, em Seu nome, vinham fundar?

* * *

Uma vez em terra, perguntaram o caminho para a igreja mais próxima.

Como não haviam de estar ansiosas por desafogar, à beira dum sacrário, as saudades do Senhor e os cuidados pelas novas fundações, se vinham, há perto de vinte dias, sem Missa nem Comunhão?

Quando se viram outra vez na rua, perdidas, naquela enorme metrópole, sem guia e sem abrigo, o desânimo esteve prestes a vencê-las...

Haviam partido fiadas na promessa que as iria esperar ao vapor o Padre Castanheira, capelão da «Beneficência Portuguesa», e que lhes arranjaría

hospedagem numa casa religiosa, mas... não aparecerá ninguém.

— Que teria acontecido?... — perguntavam-se, mutuamente, em meio de tão angustiada perplexidade.

E, de repente, a Madre «Sainte Foy» lembrou-se:

— Mas eu tenho um primo no Rio! E, por sinal, que somos muito amigos: em crianças brincamos juntos.

Era médico, esse primo, e, por felicidade, a Madre «Sainte Foy» sabia a direcção do consultório. Ali, disseram-lhes onde residia com a esposa e os filhos.

«Era longe», — conta a boa Madre, — «mas os brasileiros, muito obsequiosos, indicaram-nos os *bondes* que devíamos tomar, e lá chegámos, sendo muito bem recebidas.»

E regista este engraçado pormenor: O Dr. Maia Barreto ficou satisfeitíssimo quando lhe anunciaram a inesperada visita. Mas, como não via a prima há muitos anos, à primeira vista, não a reconheceu. Então, no excesso do seu contentamento, dava abraços às três religiosas, que sorriam ante a cordial exuberância da recepção...

Aceitaram, reconhecidas, a hospitalidade que lhes oferecia aquela bondosa família. Na manhã seguinte, foram levantar a bagagem.

A Madre Maria da Eucaristia, fidalgamente generosa, encherá-lhes as malas de paramentos, roupas de altar e outras alfaias litúrgicas. Eram muito elevados os direitos a pagar... Desprovidas de dinheiro como vinham, que teria sido delas, se o Director da Alfândega — concunhado do Dr. Maia

Barreto — não atendesse aos pedidos deste, e não se condoesse da indigência a que a revolução as reduzira?...

Nesse mesmo dia, foram visitar o Padre Castanheira, a quem vinham recomendadas por um seu antigo professor, o Padre Joaquim dos Santos Abranches, S. J.. Esclareceu-se, então, o motivo do involuntário desencontro: enganara-se no dia da chegada, o bom eclesiástico, e, quando fora esperá-las, já não as encontrara a bordo do «Cap-Vert», ficando desolado por não ter podido prestar-lhes os seus serviços. Outros lhes prestaria — e bem valiosos —, durante os anos em que, com inexcedível desinteresse e dedicação, teve gratuitamente a seu cargo a capelania do colégio do Rio.

Nos desígnios de Deus, a paragem na capital do Brasil era apenas uma das várias e atribuladas *estações* que haviam de percorrer, até se instalarem definitivamente em Ubá e no Rio.

Ao cair da tarde do dia 12, tomaram o *trem* para Ouro Preto, que fora, em tempos, a principal capital de Minas Gerais.

A máquina partiu à desfilada, como quem vai às cegas e aos tropeções, por carreiros atravancados de tojos e pedregulhos.

As carruagens entrechocavam-se, aos baldões, na via aberta em terreno acidentado, toda em curvas, túneis e viadutos. Ninguém podia dormir.

Aqui e além, paragens rápidas em estações toscas e mal iluminadas.

Este primeiro contacto com o interior do país, causou às nossas viajantes uma impressão de indefinível tristeza e desconforto. Era o Brasil de há quarenta anos, a tentar uns passos hesitantes no caminho que o levaria depois, em corrida acelerada, ao mais adiantado progresso.

Pela manhã, apearam-se em Ouro Preto.

O dinheiro começava a faltar-lhes. Em vez do almoço reconfortante que o seu cansaço e fraqueza pediam, resolveram tomar só um café quente. Serviram-lhes também pão com manteiga.

— Quanto é? — perguntou timidamente a Madre Maria de Aquino.

— Não é nada, — respondeu o dono do botiquim, que se sensibilizara com o ar modesto e afável das três senhoras portuguesas.

Ficaram muito comovidas. Era o primeiro gesto revelador do coração hospitaleiro da gente de Minas.

Mas o que é que trazia as Religiosas do Sagrado Coração de Maria àquela povoação sertaneja, outrora capital do estado de Minas Gerais, mas, há muito, decaída do antigo esplendor?

— Uma recusa... uma esperança!

Antes de embarcar para o Brasil, já sabiam que não podiam estabelecer-se no Rio.

Ao parecer do Cardeal Arcoverde, «já lá havia muitas congregações». Recusava-se, portanto, a recebê-las. E vinham a Mariana, cidade vizinha de Ouro Preto, esperando ser bem acolhidas pelo Prelado, D. Silvério Gomes Pimenta — o arcebispo preto —, cuja fama de zelo e virtude lhes chegara atra-

vés dum sacerdote Salesiano, que trabalhara muitos anos naquela vastíssima arquidiocese.

Nessa terra a que a fartura do oiro dera o nome, e se chamara, em tempos, *Vila Rica*, tudo era agora tão primitivo e pobre que tiveram de ir a cavalo para Mariana.

Duas montavam bem. Eram da Serra, e habituadas, desde crianças, a viajar assim. A Madre «Sainte-Foy», que era da beira-ria, e nunca usara tal meio de condução (ficava-lhe tão perto de casa a estação de Aveiro!) instou com a Superiora:

— Deixe-me ir a pé, minha Madre!

Impossível fazer-lhe a vontade. Era longe de mais o percurso. Os condutores, compadecidos da «moça que não sabia montar», deram-lhe a mula mais mansa, e sábias instruções sobre a maneira de se haver. E largando a mula a galopar, a intrépida Madre aguentou-se tão bem, que fez o pasmo dos homenzinhos e nenhuma das *cavaleiras* gozou como ela «a beleza daqueles campos verdejantes, ou do solo escuro, semeado de pedrinhas a brilhar ao sol»!

Pelas três horas da tarde, estavam à porta do Paço, com uma carta de recomendação de D. Manuel Vieira de Matos, arcebispo de Braga.

O acolhimento foi desolador e frio: D. Silvério esperava *hospitaleiras* e mandavam-lhe *educadoras!*...

— Queriam as Irmãs estabelecer-se em Sete Lagoas? O Vigário de lá — um zeloso sacerdote italiano, — andava a pedir-lhe religiosas para a sua freguesia.

À falta de melhor, a Madre Maria de Aquino aceitou a proposta. E, como ainda estavam sem

almoço, aceitou igualmente o convite para jantar no Paço. Depois do «Benedicite», um dos sacerdotes presentes fez leitura, em voz alta, num sermão do Padre António Vieira. Dado o sinal para acabar, o austero arcebispo entabulou, enfim, conversa com as suas hóspedes, e disse-lhes que já lhes mandara preparar dormida, no colégio das Irmãs de São Vicente de Paula.

Ali, o contraste do acolhimento, tão carinhoso e simples, reconfortou o coração das viajantes. À Superiora, irmã Clotilde Boissy — uma francesa muito amável —, pôde a Madre Maria de Aquino revelar a ansiedade que a torturava: um *vale* que deviam mandar-lhe do Porto ainda não chegara, e via-se sem recursos nenhuns... Esta, imediatamente pôs à sua disposição a soma necessária para as despesas mais urgentes. E as boas irmãs pareciam andar todas à porfia, a encher de atenções e de presentinhos as exiladas portuguesas, que tanto dó lhes faziam. Nem a merenda apetitosa esqueceu, à despedida!

Ao outro dia, lá tornaram a cavalo para Ouro Preto, a meter-se no *trem* para Sete Lagoas — essa terceira *estação* onde as angústias de alma, os dissabores, a perseguição e as privações iam pôr rudemente à prova a generosidade das Fundadoras.

Logo de entrada, desapontamento do Vigário: O Prelado avisara-o do «presente que o Céu lhe enviava, para o ajudar na sua missão, e mandara-lhe que tivesse casa preparada em condições». Entendendo, por estas palavras, que se tratava de

religiosos, resolvera hospedá-los em sua casa, até lhes arranjar residência própria.

Desolada com o equívoco, queria a Madre Maria de Aquino retirar-se logo, mas não lho permitiu o Dr. Sansão. Apresentou às religiosas as quatro sobrinhas e uma prima que tinha a viver com ele, e tais instâncias fez para que ficassem, que não houve remédio senão aceitar, ao menos provisoriamente, a hospedagem oferecida.

Sete Lagoas — hoje cidade importante e florescente, — era, em 1911, uma localidade com poucos recursos, de construções baixas e desconfortáveis. Entre todas, avultava apenas uma que pudesse servir para um modesto colégio de província, mas as donas recusavam-se a alugá-la.

Em construir, não se podia pensar. A maioria da população — incompatibilizada com o Pároco, por motivos políticos, — não se prestaria a coadjuvar uma iniciativa sua. Nem, de resto, a «loja» maçónica da terra consentiria na abertura dum *colégio de freiras*.

Não foram precisas muitas semanas para a Madre Maria de Aquino se aperceber que a esperançosa fundação era, afinal... um beco sem saída. E se contemporizou durante três meses, foi por gratidão pelas finezas recebidas da parte do Vigário.

Entretanto, chegava a bagagem que havia ficado no Rio. Deram-se pressa em vestir os queridos hábitos — foi uma festa em casa, naquele dia!

Logo no primeiro Domingo que passaram em Sete Lagoas, começaram a dar catecismo na igreja matriz. Era de cortar a alma a profunda igno-

rância religiosa de crianças e adultos. Com muito trabalho, conseguiram preparar um grupo para a Primeira Comunhão. A festa foi no «Corpo de Deus» e, na procissão, aparatosa e solene como nunca, tomou parte o povo todo. O Vigário rejubilava!

Todavia, para as irmãs, a situação tornava-se, dia a dia, mais crítica.

De cada vez que chegava de Portugal mais um grupo de exiladas, redobravam as preocupações para a Madre Maria de Aquino, que não conseguira ainda encontrar casa para a Comunidade.

Na primeira *leva*, vieram quatro religiosas. Fizeram dormitório na loja das malas — barracão pouco espaçoso, de telha vã, onde passaram não poucos sustos por causa dos lagartos e escorpiões venenosos, que abundavam em Minas. A Madre Maria de Assis rezava com fervor a S. Bento — invocado pelo povo contra as mordeduras de animais daninhos, — e fazia por lhes incutir a mesma devoção, assegurando-lhes que nada lhes aconteceria.

O medo, porém, era mais forte do que a confiança no Santo, e não as deixava dormir sossegadas...

Passada uma semana, chegou, de surpresa, a segunda *leva*: dez religiosas!

Na rua não podiam ficar. Estenderam colchões por toda a parte onde havia ainda um espaço vago, e lá se acomodaram as *dezassete*, conforme puderam, em santa alegria.

A situação, agora, começava a ser insustentável. Porque, se era aflitivo o problema da habitação, não o era menos o da alimentação daquela já nume-

rosa comunidade. O governo da casa estava entregue às sobrinhas do Vigário. Fosse por que fosse — minguia de recursos, inexperiência das juvenis dispenseiras? — a verdade é que as religiosas experimentaram, em Sete Lagoas, os duros rigores da fome...

A estas razões materiais, acresciam outras de ordem moral. A discrição e caridade da Madre Maria de Aquino, inexcelsível em delicadeza de sentimentos, impuseram-lhe o dever de se calar a respeito dumas e doutras, nunca tocando no assunto ao Vigário.

Aconselhou-se, por carta, com a sua Superiora Provincial, e decidiu partir. Tinha recebido pedidos de fundação, de várias cidades de Minas. Do Rio, vinham também notícias animadoras.

Foi uma luta renhida entre o Vigário — a teimar, sempre utopista, em seus irrealizáveis projectos de colégio, — e a prudente Superiora, a instar, em tom humilde e firme, para que as deixasse partir para terras onde pudessem dar-se à sua missão de educadoras.

Nada conseguindo com a discussão, tentou o Vigário intimidá-la com a ameaça:

— A Senhora Superiora vai desobedecer. Eu acuso-a ao senhor Arcebispo!

— Não, senhor Vigário, nós continuamos sob a obediência do senhor Arcebispo. Ele está informado de tudo.

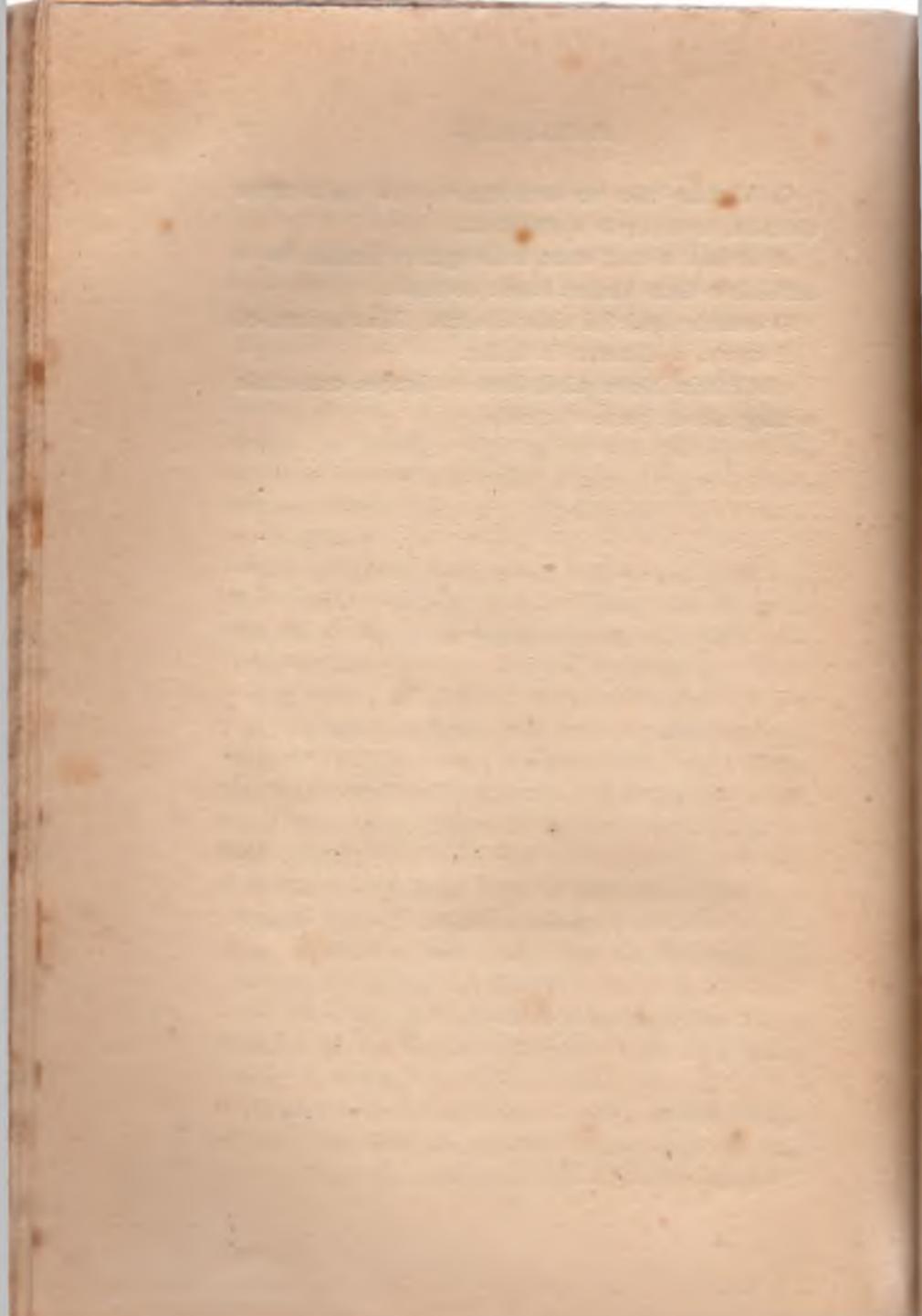
E seguiu nessa tarde para o Rio, com a Madre Santa Face Neves, deixando ordem para as religiosas partirem, mal recebessem carta a chamá-las.

O Vigário não se conformava. A cada nova abalada, nova cena tormentosa...

A última a sair, com mais quatro irmãs, foi a humilde e doce Madre Maria de Assis.

O embate final foi violentíssimo. Mas vencera-o. E agora, o desterro ia findar.

«A Pátria Nova abria-lhes os braços maternos e adoptava-as para sempre!»



BRASIL, MISSÃO DE BÊNÇÃOS

É tão cativante a história do primeiro colégio brasileiro do «Sagrado Coração de Maria», revela tão enternecedor carinho da boa gente mineira para com as religiosas, e tem um sabor tão caracteristicamente regional, que dá pena resumi-la nas escassas páginas dum capítulo.

Não é antiga a cidade de Ubá. A vasta região da zona da Mata onde está situada era inteiramente desconhecida até 1767. E consta que o primeiro a arrostar com os perigos do internamento por essas imensas matas virgens, foi um religioso português, Frei Manuel de Jesus Maria. No seu encalço, foi outro heróico desbravador das selvas, Guido Tomás Marlière, falecido em 1836.

Devido à importância das suas minas de ouro e diamantes, «num curto espaço de anos, Minas Gerais tornou-se o centro económico do Brasil, e este a mais rica de todas as colónias europeias da América.»¹ Porém, tão rápido foi o desenvolvimento como o declínio.

E na época em que lá se estabeleceu o Instituto, Ubá era uma cidadezinha pacata e rotineira, no tipo de tantas outras cidades do interior do Brasil, antes de se apoderar delas a vertigem de progresso que, em poucos anos, as transformaria nas vastas e modernas metrópoles de que se orgulham — e com razão, — os seus actuais habitantes.

Davam os nativos o nome de *ubá* à cana que abunda nas margens do ribeirão que banha o interior da cidade. Estendeu-se, depois, essa denominação ao povoado que, desde os seus princípios, se viria a chamar São Januário de Ubá.

Aos índios que Frei Manuel de Jesus Maria — fundador dos aldeamentos da Mata, — havia trazido ao Cristianismo e à Civilização, foram-se juntando os «brancos», vindos doutros lugares de Minas Gerais.

É, contudo, inegável que, de entre estes, pertence ao português o papel principal na formação do Brasil. Segundo escreve um ilustre historiador «o português forneceu com o sangue o elemento étnico preponderante. O português forneceu os elementos essenciais da civilização material e espiritual, e, acima de todos, a língua e a religião. O português trouxe igualmente os elementos essenciais da génese e formação política, pròpriamente dita.»²

Os habitantes de Ubá eram, portanto, descendentes, na sua maioria, de colonos oriundos de Portugal, e haviam dado origem, por sua vez, a algumas das famílias mais distintas e cultas da cidade. Os seus apelidos genuinamente portugueses, tais como Andrade, Gonçalves, Carneiro,

Pacheco e Alvim; o seu viver simples e patriarcal, em harmonia com os nossos antigos costumes; a sua índole extremamente religiosa, tudo concorria para dar às irmãs a ilusão de terem apenas mudado de terra e não de país.

Nesses começos do século vinte, ainda por lá se usava, como cumprimento, a cristianíssima e tão portuguesa saudação:

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Ao pároco de Ubá, Monsenhor Paiva de Campos, — um desbravador de almas inteligente, enérgico e perseverante como os colonizadores da sua terra, — se deve a iniciativa da fundação.

Constando-lhe, pelo Prelado, que havia em Sete Lagoas uma comunidade de religiosas educadoras, que não estavam ali a fazer nada — e ele com tanto que lhes dar para fazer! —, tratou de escrever à Superiora, a propor-lhe a vinda para Ubá.

Mais prático e arguto que os outros três pretendentes, que também haviam escrito a pedi-las, acompanhou a carta duma nota para as despesas da viagem. Dadas as precárias circunstâncias monetárias em que as irmãs se encontravam era um factor importante! E sendo igualmente tentadoras as condições expostas na carta, a Madre Maria de Aquino resolveu ir a Ubá, com a Madre Maria de Assis, ficando decidido que enviaria, dentro de poucas semanas, as cinco religiosas que o Monsenhor queria, para os princípios.

Estava-se no mês de Maria, que lá se fazia com devoção sincera, mas um tanto espectacular. Ia a banda de música buscar a sua casa a «coroadeira»

e esta vinha até à igreja matriz com um séquito de anjinhos e doutras meninas ricamente vestidas de branco.

Na altura própria, subia ao altar, a coroar a Rainha das Virgens. Entretanto, as suas companheiras lançavam flores, os foguetes estralejavam, e os músicos afervoravam a assistência com hinos religiosos.

As duas Madres regressaram à comunidade encantadas com as facilidades, as atenções, a boa vontade que haviam encontrado em Ubá. Depois das amarguras provadas em Mariana e em Sete Lagoas, aquela fundação era um mimo do Céu!

No Rio, as dificuldades seriam maiores, mais lento o progresso; porém já lá tinham alugado uma casinha modesta, na rua Torres Homem. Não era ainda um colégio, mas breve começariam a dar algumas lições particulares a um grupinho de meninas — luzinha de esperança a abrir caminho para o grandioso colégio de Copacabana, com as suas mil e duzentas alunas!³

* * *

Os anais da casa de Ubá abrem com a narração duma *entrada triunfal*, facto inteiramente inédito na história das anteriores fundações do Instituto. Bem a teriam dispensado as religiosas, sobretudo a Madre Maria de Assis, que ia sumida na sua humildade, a esconder-se atrás das suas irmãs, para que ninguém se lembrasse de que era ela a Superiora...

Na vasta «gare», coalhada de pessoas de todas as classes, receberam as religiosas os cumprimentos

das autoridades e personagens gradas da cidade fazendo-se as apresentações ao som do Hino Nacional.

O Presidente da Câmara, Dr. Carlos Peixoto, dirigiu às viajantes um formoso discurso de boas-vindas, em nome de todos os habitantes de Ubá. E tão comovido estava que não continha as lágrimas.

Formou-se o cortejo da estação para a igreja. O percurso — que não era longo, — durou umas duas horas, com frequentes paragens, discursos, aclamações e chuva de flores.

Parecia que um delírio de entusiasmo se havia apossado daquela boa gente, ao contemplar as religiosas! Raros seriam os que já tinham visto um hábito e todos queriam aproximar-se para melhor as ver e cumprimentar.

Um dos oradores que lhes dirigiu a palavra na passagem do cortejo, o coronel Carlos Brandão, encerrou o seu brilhante discurso com este brado ao povo:

— Cobri de flores essas Mensageiras do Bem que o Céu nos envia!

Fácil é de imaginar a explosão de regozijo e a chuva de pétalas que se seguiu ao vibrante convite...

Por fim chegaram à igreja — adornada e iluminada como nos maiores dias de festa —, para assistirem ao solene «Te Deum», em honra da sua chegada. E, na hora da «Bênção», não haveria uma só que, do seu coração, não fizesse subir até Deus todo esse fumo de louvores, como o incenso que viam deitar no turíbulo, em homenagem ao Santíssimo!

Era já noite quando se dirigiram para casa de Monsenhor Paiva, onde teriam de pernoitar, pois só no dia seguinte se faria a inauguração do colégio. Custou a abrir-lhes passagem por entre a multidão apinhada no Largo da Igreja. As janelas do prédio estavam todas iluminadas a balões venezianos e já iam a entrar, quando surgiu na sacada do centro um simpático estudante, a dirigir-lhes novos cumprimentos de boas-vindas — era o *quarto* discurso que ouviam, naquela memorável tarde!...

Regra geral, o mineiro é eloquente e redige com elegância e facilidade. Tem igualmente notável inclinação para a música e a poesia. Estas qualidades viriam as religiosas a notá-las, nas suas educandas, e muito facilitariam os seus progressos nas Artes e nas Letras.

Monsenhor Paiva apresentou às religiosas a irmã e a sobrinha com quem vivia, e conduziu-as, depois, a uma sala onde ia realizar-se mais um *número inédito* dessa recepção toda feita de surpresas: o desfile dos habitantes da cidade que desejavam prestar-lhes as suas homenagens... E tudo ali passou, desde a sociedade mais selecta até às classes mais humildes da cidade e da roça. Quando se sentaram à mesa, para jantar, Monsenhor perguntou:

— Devem estar exaustas, não é verdade?

— A satisfação que nos causa uma recepção tão affectuosa nem nos deixa sentir o cansaço, — respondeu, corajosamente, a Madre Maria de Aquino. Mas, quando o Vigário começou a descrever animadamente o programa do dia seguinte, com novo cortejo da igreja ao colégio, sessão solene e discursos, muito longe de compartilharem do seu entusiasmo,

as cinco *vítimas* olharam-se em silêncio, a custo resignadas ao incruento mas penosíssimo sacrifício...

A um lado da sala de jantar do Vigário, estavam em exposição as primícias da generosidade dos seus paroquianos, para com as irmãs: arroz, feijão, grão de bico, *farofa*, e outros géneros alimentícios. Esta delicadeza sensibilizou-as muito e não tardariam a aperceber-se que, em liberalidade, não seria possível excedê-los.

Desde há muito que a maldita política trazia desavindos os ubaenses. Havia dois partidos rivais, cada um com seu clube e seu jornal. A vinda das irmãs congregou-os. Puseram em comum esforços e ascendente para as auxiliar, e assim dotaram a sua terra com um importante colégio que muito contribuiria para o seu progresso e desenvolvimento.

Foi o Coração de Jesus que trouxe a Ubá o Coração de Maria pois, na sua festa — que, em 1911, caiu a 23 de Junho, — se fez a inauguração do colégio. Às 10 horas, houve missa cantada. No fim, as religiosas seguiram processionalmente para a sua nova residência — um bom prédio, ao rés-do-chão, que lhes fora cedido gratuitamente por um distinto clínico da terra, o Dr. Levindo Coelho.

À chegada, Monsenhor Paiva manda avançar o fotógrafo, para tirar o retrato às irmãs, em frente do edifício. A Madre Maria de Assis tratou logo de se esconder. Dando pela humilde *manobra*, a Madre Maria de Aquino sopra-lhe ao ouvido:

— Tenha paciência, é melhor condescendermos!

Com um sorriso resignado, obedeceu imediatamente e deixou-se colocar como o fotógrafo quis.

A humildade das pobres fundadoras estava ainda longe de chegar ao cabo dos seus tormentos...

Sentadas em lugares de honra, tiveram que aguentar a longa sessão solene, em que se fizeram ouvir alguns dos vultos de maior prestígio e saber que a cidade continha, na época: Dr. Januário Carneiro, Dr. Artur Rodrigues e Dr. Arduíno Bolívar.

Seguiu-se a visita à casa.

Nos quartos, encontraram as camas feitas a primor, com roupa oferecida por várias senhoras da terra. Numa das salas, estavam dez carteiras, — prenda da bondosa Directora dum externato de Ubá, D. Regina Godinho. Ao saber da vinda das religiosas, dissera às alunas:

— Eu fico com os meninos; vão as meninas para o colégio das irmãs, que só têm que ganhar com isso!

Começaram então as visitas e os presentes.

A D. Maria Luisa Pacelli — parenta de Pio XII —, que possuía uma importante fazenda nos arredores de Ubá, mandou duas pretinhas carregadas de queijo, manteiga, fruta, etc.. E como o presente se repetisse de duas em duas semanas, acabaram por chamar às portadoras as *pretinhas quinzenais*.

Sucedeu, em diversas ocasiões, parar um carro à porta, atirarem com um grande saco de café e partirem sem dizer quem era o generoso benfeitor.

O Director do Ginásio de S. José mandou uma carroça com metade dum enorme cevado, sacos de arroz, de batatas, e o mais que julgou útil a uma casa em princípio.

Outras vezes, eram modestas ofertas da boa e inculta gente da roça, que também queria homena-

gear, a seu modo, as irmãs portuguesas. E como viam a irmã Elisa com o seu hábito de coadjutora, tão diferente do hábito azul das outras Madres, tudo era desfazerem-se em atenções com ela, julgando que fosse a Superiora. O mesmo engano se deu, não poucas vezes, com as senhoras que as vinham visitar. A irmã Elisa, perdida de riso — mas sem se dar por achada —, metia as visitas na sala e ia chamar a Madre Maria de Assis...

Logo nos primeiros dias, veio também *cunprimentá-las...* uma graciosa e colorida cobra coral.

Estavam reunidas no pequeno oratório, quando ouviram gritos aflitivos. Era a irmã Elisa, transida de susto à vista da *amável* visitante, que a *saudara* levantando-se, de repente, na cauda, mesmo em frente dela. Ali se deixou generosamente *imolar nas aras da ciência*, tendo a honra de ser a primeira a figurar no museu de ciências naturais da futura Escola Normal de Ubá!

Não se teria assustado tanto a boa irmã se já conhecesse o gracioso episódio passado com o venerando Padre Anchieta — o grande apóstolo do Sertão. Contou-lho depois Monsenhor Paiva: Estava o bom do Jesuíta a rezar o breviário com muita atenção, quando veio por ele acima uma cobra, e o picou na coroa.

— Desce, bichinho, e nunca faças mal aos Missionários, — disse-lhe, sacudindo-a mansamente. E é tradição no Brasil que, até ao dia de hoje, nunca animal algum venenoso foi nocivo a sacerdotes ou religiosos.

A 1 de Julho, abriam as aulas.

Como o ano lectivo já ia adiantado (no Brasil começa no mês de Fevereiro), apenas se matricularam cinco internas e doze externas, e, até às férias grandes, só funcionou o curso primário.

Partira, entretanto, a Madre Maria de Aquino para o Rio, e não tardaria a mandar mais algumas religiosas.

Por agora, além da Superiora, a Comunidade compunha-se apenas de duas mestras — as Madres São Leão e «Sainte-Foy», — e duma coadjutora, a irmã Elisa.

As brasileirinhas, inteligentes e vivas, porém muito dóceis, conquistavam imediatamente o coração das religiosas. E tal foi o esforço dispendido por mestras e alunas que, em fins de Novembro, puderam ser apresentadas a exame de 1.º e 2.º grau. Constituiu-se um júri sob a presidência do Dr. Cândio Prazeres — juiz de direito e um dos homens mais ilustrados de Ubá.

Os resultados foram tão satisfatórios que os membros do júri declararam que as mais adiantadas estavam aptas a seguir, no ano imediato, o 2.º ano do curso normal.

Puseram-se em campo os amigos do colégio, com o fim de obterem do Governo a equiparação a Escola Normal. A propaganda que faziam, ao longe e ao largo, determinou tão grande afluência de alunas para o ano de 1912, que tiveram de alugar duas casas próximas, a fim de as poderem alojar.

A melhor sala do colégio foi destinada para capela e a festa mais bonita do ano foi a da sua inauguração.

Deu esta ensejo a manifestar-se a heróica virtude da Superiora.

Antes de sair de Sete Lagoas para o Rio, a Madre Maria de Aquino havia tratado da repartição dos objectos do culto, roupas de altar e paramentos vindos de Portugal. Pareceu a algumas irmãs que a casa de Ubá tinha ficado prejudicada nessa repartição, e queriam persuadir a Madre Maria de Assis a levar para lá mais algumas coisas além das que estavam destinadas a este colégio.

— Já está tudo determinado pela Madre Maria de Aquino, não se toca em nada, — respondeu, com firmeza. E as malas seguiram para o seu destino tais como as havia deixado a Madre Maria de Aquino.

Alguém deve tê-la informado erradamente acerca do incidente, porque, à chegada a Ubá, quis verificar as alfaias que para ali haviam vindo. Todavia, sempre prudente e caridosa, não disse uma palavra das suspeitas que trazia. Perceberam, contudo, as irmãs de Ubá que, mesmo depois de abertas as malas, persistia no seu espírito a desconfiança de que as suas ordens não tinham sido fielmente cumpridas.

Ver-se assim suspeitada de desobediência foi grande amargura e humilhação para a querida Madre Maria de Assis, mas teve a coragem de tudo sofrer sem dizer uma palavra para sua justificação!

Passado algum tempo, com estranheza de todos, era chamada ao Rio, e deposta do cargo de Superiora, vindo outra religiosa substituí-la em Ubá...

Afinal — bem o diz o Apóstolo! — «tudo é para bem dos que amam a Deus». Da nova Superiora

ia a Providência servir-se para reabilitar a sua antecessora.

Começa a tratar da capela e verifica, com surpresa, como a sacristia estava pobre de alfaias. Escreve para o Rio e para o Porto, a pedir tudo aquilo de que necessitava para a festa que ia realizar-se.

Faz-se a luz sobre a inocência da obediente e humilde Madre Maria de Assis.

Pouco depois, retomava o seu antigo cargo, em Ubá e, com a sua virtude e fervorosas orações não contribuiu menos para a rápida prosperidade do seu colégio, do que os talentos e a zelosa actividade de suas irmãs, como elas próprias testemunham.

Verificava-se, uma vez mais, a verdade do texto da Escritura tão ruim de entender ao nosso humano raciocínio: «as coisas fracas segundo o mundo escolheu-as Deus para confundir os fortes, a fim de que nenhum homem se glorie diante dEle...»⁴

As múltiplas ocupações de Monsenhor Paiva — que acumulava as funções de pároco e de capelão do colégio —, a falta de clero e outras razões que seria fastidioso enumerar, obrigaram a comunidade e as alunas a frequentar a igreja matriz, durante nove anos.

Tinham inconvenientes estas frequentes saídas, mas proporcionavam-lhes ocasião de entrar mais em contacto com o povo e de ficar a conhecer melhor as suas qualidades e os seus defeitos, a sua piedade e as suas superstições.

Da ignorância religiosa que por lá grassava dão-nos uma ideia os factos seguintes:

Uma vez que as irmãs saíam da igreja, chegou-se ao pé delas uma mulherzinha, a meter conversa. Vinha do cemitério, explicou, onde acabava de se baptizar um filhinho que lhe morrera sem baptismo...

Estupefacta, a Madre Maria de Assis pergunta:

— E como é que isso se faz?!

— Uai! A gente tira água benta da pia e bota-a na cova, dizendo as palavras do Sacramento.

É claro que a Madre aproveitou a oportunidade para uma lição de catecismo e fizeram, daí em diante, todos os esforços para destruir o absurdo costume.

No albergue das velhinhas, próximo do colégio, viviam umas pretas, boas criaturas e muito devotas a seu modo. *Dona Silvéria* e *Dona Possidónia* (o *dom* davam-no elas a si próprias) eram das mais assíduas em frequentar a igreja e os Sacramentos. Por fim, os achaques e a idade acabaram por fazer acamar uma delas. E, um dia, notaram as irmãs, com estranheza, que a *Dona Silvéria* saíra porta fora, logo depois de receber a Sagrada Comunhão.

À vinda da Missa, encontram-na na rua, a fazer-lhes as suas medidas e a pedir-lhes a bênção, como era seu costume.

— Está melhor a *Dona Possidónia*? — perguntaram-lhe.

— Está muito ruim, muito ruim! Até fui levar a ela Nosso Pai...

— Que está a dizer?! — exclamou a Madre Superiora. — Então como foi isso?

— Corri a casa e disse a ela: abre a boca depressa! E passei a hóstia com a minha língua para a língua dela... Ficou muito contente, muito contente!

— Mas isso não se faz! — repreendeu, severa, a Madre Maria de Assis.

— Fiz mal?... — admirou-se a preta. — Pois olhe, irmã Superiora, que ela tinha sido mazinha para mim e eu quis fazer bem a ela!

Era tão manifesta a boa intenção, que as irmãs lá a tranquilizaram como puderam, fazendo-lhe, no entanto, as suas recomendações para que o caso não se repetisse.

Pela tarde, a doente entrava em agonia. Chamaram o Vigário, mas estava ausente da cidade.

E lá se foi a pobre pretinha para a Eternidade, sem outro viático a não ser o que, de manhã, lhe administrara a *Dona Silvéria*...

* * *

À semelhança do que sucede com a vegetação daquelas regiões tropicais, foi prodigiosamente rápido o desenvolvimento do Colégio de Ubá.

Menos de dois anos após a sua fundação, o decreto de 13 de Novembro de 1913 elevava-o à categoria de Escola Normal.

A notícia determinou tal afluência de alunas que foi necessário construir imediatamente um edifício apropriado. Evidentemente que as religiosas não tinham recursos para arcar com tal despesa. Os

anigos do colégio constituíram, então, uma sociedade por acções, e trataram da construção do colégio novo.

Segundo os termos da escritura lavrada para a entrega do edificio, a principal proprietária ficava sendo a Madre Maria de Assis, que figurava em todos os documentos officiaes como Directora da Escola. Davam-lhe dez anos para liquidar os seus compromissos, que montavam a *quarenta contos*.

Ficou aterrada! No tempo do *dinheiro forte*—como se dizia antes da Grande Guerra, — era, de facto, uma quantia respeitável.

A obediência, porém, venceu as hesitações da sua humildade e timidez, e assinou a escritura, vindo assistir ao importante acto a Madre Maria de Aquino.

Em seis anos, tinha tudo pago!

A direcção dos estudos ficava entregue à Secretária da Escola, Madre «Sainte-Foy», que os brasileiros, numa tradução simplista, baptizariam de «Santa Fé» (sem atenderem a que se tratava do nome duma mártir e não duma virtude teologal).

Para as religiosas que se habilitavam a professoras do Curso Normal, esse ano que precedeu a abertura da Escola foi muito trabalhoso, muito duro. Se é verdade que os planos de estudos seguidos nos seus colégios de Portugal haviam sido adaptados, pouco antes da República, às necessidades dos tempos, não se tratava ainda por lá de orientar as meninas para carreiras officiaes, nem era esse o desejo das famílias.

Esta reforma só viria a efectuar-se no regresso do exílio, e foi o colégio de Espinho o primeiro a ter o curso liceal. Daí, o esforço de trabalho e de

boa vontade que exigia das jovens professoras a adaptação aos programas oficiais do Brasil.

A Madre «Sainte-Foy» trata de mandar vir livros, aparelhagem para os laboratórios, e todo o material escolar necessário, e atira-se ao estudo das disciplinas em que era menos versada. A sua vasta cultura e natural viveza de espírito permitem-lhe assimilá-las depressa. Impulsionadas pelo seu dinamismo, religiosas e meninas trabalham com afinco.

Chega, por fim, o Inspector do Governo.

É um homem cumpridor e recto. Gosta de fazer o seu dever como deve ser. E vem um tanto desconfiado do saber daquelas freirinhas portuguesas a quem se lhes meteu na cabeça abrir uma Escola Normal, sem nenhuma ter diploma que justifique a pretensão...

A inspecção é feita com o cuidado de quem pretende averiguar se... *o barco mete água*. Mas, por mais voltas que dê, não encontra *fenda*. As matérias que cada professora devia ensinar estavam conscienciosamente preparadas; as alunas sabiam o programa e estavam bem orientadas; da ordem e disciplina nada havia que dizer.

Ao cabo de dez dias de rigorosa vigilância e fiscalização, o Inspector despediu-se com estas palavras: — Já podem mandar escrever na frontaria «Escola Normal do Sagrado Coração de Maria»!

Passam uns anos. Já têm 150 internas e um numeroso externato — a lotação máxima que a casa nova podia conter.

Para se conseguir um lugar no internato, era preciso esperar mais dum ano.

Uma vez, acabou-se a paciência ao pai duma pretendente. A mocinha já era crescida, não tinha jeito nenhum esperar mais tempo... Pega na filha, na mala, e na cama, e apresenta-se com tudo à porta do colégio.

— Olhe que eu não posso receber a menina, não tenho lugar para ela! — protesta, aflita, a Superiora.

Mas o homem, que vinha de longe, não houve meio de desamarrar sem lhe aceitarem a filha.

Apertaram-se as camas, a mala foi para a rouparia, e a mocinha sempre ficou!

A partir de 1915 — o ano em que se formaram as primeiras sete —, as turmas de diplomadas sucediam-se cada vez mais numerosas. Para a *Coação do grau*, solenidade que revestia grande imponência, adoptaram o cerimonial em uso nos estabelecimentos congêneres de Minas Gerais e as diplomandas apresentavam-se de beca de seda branca.

Uma vez saídas da escola, quase todas as suas normalistas aliavam um apostolado intenso à vida profissional, tornando-se preciosas auxiliares dos párocos. Nessas regiões extensas que o zelo do sacerdote não conseguia atingir — o estado de Minas é seis vezes maior do que Portugal Continental! — às professoras primárias incumbia a missão de rezar com o povo e as crianças, e de os catequizar.

De tempos a tempos, aparecia inesperadamente um Inspector. Alguns traziam, das outras escolas, a fama de *terríveis*. E a notícia corria logo a casa,

deixando todas as professoras temerosas da sua visita...

Nesses dias, a Madre Maria de Assis não se tirava da capela, e acabava tudo bem. Isto já era tão notório que Monsenhor Paiva dizia:

— Nem que lá fosse o demónio em pessoa, ela amansava-o!...

Havia em Ubá uma religiosa inteligente e instruída, mas que não podia conformar-se com a ideia de dar aula na presença dos Inspectores. Muito devota de Santa Rita, armou-lhe um altarzinho, na capela. Lembrada de que na sua Vida se narra que passou grandes trabalhos com o marido, mal lhe constava que havia inspecção, ia suplicar-lhe: — Ó Santa Rita, pelo muito que sofrestes com o vosso homem, livrai-me deste homem!...

Pois nem uma só vez entraram os Inspectores na sua aula, em sete anos que leccionou naquela Escola! O facto é extraordinário, visto todos eles se mostrarem extremamente solícitos em verificarem como se fazia o ensino e costumavam visitar todas as aulas.

A um, que era livre-pensador, a Madre «Sainte-Foy» ofereceu uma Imitação de Cristo, com texto latino-português, dizendo-lhe:

— É um excelente tratado de filosofia e, sendo o Snr. Oliveira grande latinista, deve apreciá-lo. Prometa-me que há-de ler de vez em quando um capítulo!

-- Prometo, — respondeu ele. E, mais tarde, soube que tinha cumprido a palavra, e nunca largara uma medalha de Nossa Senhora, oferecida na mesma ocasião, vindo a morrer como crente.

Com o armistício de 1918, acabara a guerra que, durante quatro anos, devastara a Europa e trouxera o mundo agitado pelas suas trágicas consequências.

Foi um alívio enorme para as Superiores do Rio e de Ubá, privadas quase totalmente de relações com a Casa-Mãe, e com as suas irmãs de Portugal. O Capítulo Geral, adiado até ao fim da guerra, pela impossibilidade de se reunirem em França as Superiores do estrangeiro, ia, enfim, realizar-se.

Já narrámos a traços largos a história da fundação de Ubá e afigura-se-nos desnecessário insistir mais nas virtudes e na acção apostólica da Madre Maria de Assis, nos fecundos oito anos que lá passou. «Pelo fruto conhecereis a árvore», disse o Mestre...⁶

Todavia, não deixará de ter o seu interesse este depoimento dum das mais antigas diplomadas da Escola Normal de Ubá, escrito sob a impressão da notícia da sua morte, e que decerto resume o sentir geral:

«Não sei bem se sofri com a partida dela para o Céu. Não seria justo, visto que ela vai para seu Esposo, seu lar, sua verdadeira felicidade. A morte, porém, em sua dura realidade, impõe sentimentos de tão forte emoção que chorei pensando nela.

Desde que a conheci, a venerei, pela bondade com que sempre me tratou, pelos exemplos de santidade que me deu, e que marcaram tão fundas impressões na minha memória.

Jamais esquecerei o que lhe devo e penso que, na terra, não haverá nem houve nunca uma humildade tão perfeita como a sua.»

São da mesma antiga aluna estas linhas em que se descreve no dia da sua entrada para o colégio, dando-nos, através do seu retrato, o da sua saudosa Superiora:

«Tinha eu doze anos que representavam catorze, ou mais, pela minha altura e desenvolvimento de menina da roça, criada numa fazenda; meus modos quase rústicos pela minha infância livre, minha aparência pouco elegante de família pobre. E nada disto impediu que fosse recebida com um carinho e bondade que nunca mais pude esquecer. A boa e santa Madre Maria de Assis abria sempre as portas do seu aprisco à ovelhinha que a procurasse, vendo sempre nela uma alma a salvar.»

* * *

Chegado o mês de Junho de 1919, as duas Superiores das casas brasileiras embarcaram para a Europa.

Para a Madre Maria de Assis, soara a hora de trocar o Brasil pela Espanha, a grande e florescente Escola Normal de Ubá por ela criada com tanto amor e sacrifício, pelo pequenino colégio de Tui, ao qual nenhum laço a prendia ainda.

Que mais se lhe dava?

Ela bem sabia que o Senhor tem um plano lindo para cada um de nós e que a nossa felicidade depende do cuidado em lho realizarmos. Por isso, a luta entre a Natureza e a Graça terminava sempre por uma amorosa aquiescência ao Plano Divino.

Depois do Capítulo Geral, a Madre Maria de Assis regressou a Tui, onde permanecerá cerca dum ano a substituir a Madre Maria da Eucaristia no governo daquela comunidade.

A casa ficava à beira-rio. Não era ainda a Pátria, mas já estava tão pertinho que os campos e os montes que se viam na margem fronteira do Minho, era tudo terras de Portugal.

Bem a pesar seu — pois a sua ausência se fazia sentir muito nas casas do Brasil —, a Madre Maria de Aquino viu-se obrigada a demorar-se uns meses em Tui. A guerra desorganizara os serviços de transportes marítimos, eram raros os vapores, difíceis de obter as passagens.

Ao partir, levava consigo algumas religiosas, entre elas a Madre Inês de Jesus Soares Teixeira — a jovem Mestra do Noviciado aberto em Tui em 1917, para as primeiras vocações desabrochadas em Portugal depois da República. Sucessivamente Superiora nos colégios do Rio, Ubá e Belo Horizonte, e Provincial das casas do Brasil, os vinte e sete anos que lá trabalhou ficaram notavelmente marcados pela bênção de Deus. A Madre Maria de Aquino — uma grande Superiora e uma alma tão santa que pensam em introduzir-lhe a causa

em Roma, — acertara na escolha da sua colaboradora !

Quando a Madre Inês de Jesus regressou à Europa, em 1946, para tomar o governo da Província Portuguesa, deixava a do Brasil em pleno florescimento, com um Noviciado próspero, os cinco colégios instalados em magníficos edifícios, uma população escolar de três mil alunas.

Depois de desenvolver em Portugal a mesma operosa actividade, durante seis anos, ainda lhe sobram energias para empreender a fundação das primeiras *Missões do Sagrado Coração de Maria em África*, partindo para Moçambique, com doze Missionárias, a 16 de Setembro de 1952.

Trinta anos atrás, quem poderia sonhar com tão grandes e consoladoras realizações, se uma fundação religiosa na Metrópole exigia, em certo modo, uma fé tão audaciosa como a abertura duma missão em África?...

Pois a essa audaciosa empresa andavam para meter ombros as religiosas de Tui, quando a Madre Maria de Assis lá chegou, vinda do Capítulo Geral.

Em 1920, já vamos encontrá-la no Porto.

A família ficou satisfeitíssima com o seu regresso, e os sobrinhos que residiam na cidade visitavam-na a miúdo. Ela a todos atendia com bondade, sempre solícita por tudo o que lhes dizia respeito.

— A tia reza por nós?

— Pois não hei-de rezar, meus filhos!

E já se sabia: intenção recomendada, era intenção despachada.

Só não se fazia advogada de causas em que lhe parecesse que as almas dos seus podiam correr perigo de ofender a Deus. O Serafim Nunes tinha regressado do Brasil, e abrira, no Porto, uma casa de negócio que prometia dar fortuna. Um dia, vem ter com a tia, muito ralado porque a senhoria o queria pôr fora. A Madre Maria de Assis informou-se bem do que se tratava e respondeu terminantemente:

— Por esse negócio, não peço. Mas não vos aflijais, meus filhos; muito breve, Deus há-de deparar-vos outra coisa melhor!

«Dentro de quarenta e oito horas,» — testemunham a viúva e as filhas, — «aparecia uma boa casa, onde montaram novo negócio, vendendo-o com tal lucro, daí a um ano, que ficaram resgatados e com dinheiro em caixa.»

Por esta época, já não vivia nenhum dos irmãos da Madre Maria de Assis. O último a partir para a Eternidade, fora o Padre João. Alguns anos antes da sua morte, tinha sido súbitamente atacado por doença mental. Nesse triste estado teve fim a sua vida.

O golpe foi pungente para o coração da irmã religiosa! Recorreu à oração e à penitência. Instou, confiou. Mistérios da divina Misericórdia! Passados dias, escrevia, do Brasil, à sobrinha que lhe dera a dolorosa notícia:

«Bem hajas, querida Eulália, pela esmola que fizeste ao meu irmãozinho. Se não fosses tu, ainda estaria no Purgatório. Assim, a Mãe

de Deus foi tão minha amiga que, logo que comecei a rezar pelo meu querido irmão, tirou-mo do Purgatório e levou-mo para o Céu. Deus te pague!»

Apesar da perseguição, que mal começava a abrandar por essa época, sempre se mantivera no Porto, desde a Revolução, uma pequena comunidade do Sagrado Coração de Maria. Os primeiros tempos haviam-nos passado, numa dependência do colégio do Largo do Coronel Pacheco. Expulsas dali, mudaram para a rua da Cedofeita e, enfim, para a rua dos Bragas.

Era aqui, neste pobre convento improvisado nas imediações do antigo, que ia abrigar-se durante dez anos um grupinho de irmãs, tendo por Superiora a Madre Maria da Ascensão Miranda. Muito conhecida e estimada no Porto, onde viveu mais de trinta anos, — a bondosa Madre viria a falecer santamente, em 1945, no colégio novo da Avenida da Boavista, por cuja fundação muito se sacrificou.

Não se sabe bem se era para sua consolação ou seu tormento, mas, das janelas da casa da rua dos Bragas as irmãs avistavam as traseiras do *seu* antigo colégio, e os muros da *sua* quinta ficavam-lhe mesmo em frente...

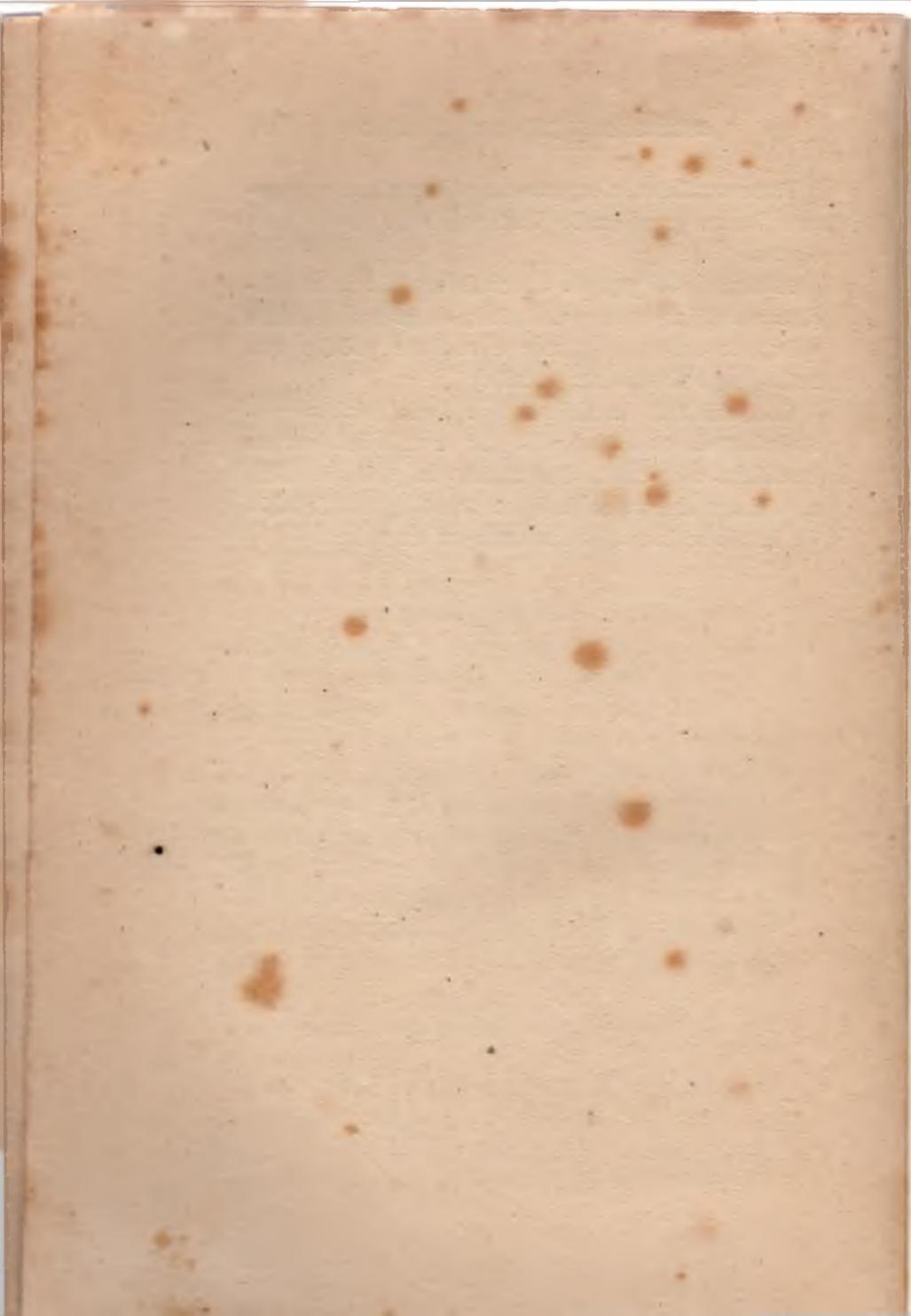
O Governo transformara o vasto edifício em liceu feminino.

Ao ver passar na rua as estudantes que para lá se dirigiam, as religiosas lembravam, com tristeza: «Dantes, aquele portão abria-se na mesma, todas as manhãs, para dar entrada às *nossas meninas...*»

Entre saudades e esperanças, sobressaltos e ameaças, foram germinando lentamente as novas fundações.

A altura não parecia das mais azadas: as revoluções sucediam-se às revoluções; os governos caíam e levantavam-se, conforme a corrente política que mais força tivesse na ocasião!

Ora, em 1920, mandavam os Democráticos — os mais liberais em ideias políticas; os mais intolerantes em ideias religiosas. E é assim, em pleno rescaldo revolucionário que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria se lançam na aventureosa empresa...





1



2

1. LONGA (Alto Douro) — «Encheu os olhos da visão amena da sua Longa, a esconder-se, humilde como ela, num covão da Serra...» (pág. 113)

2. PORTO — «Lá cima, no Bonfim, a igreja paroquial...» (pág. 36)

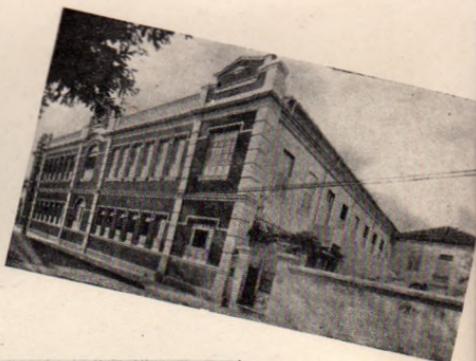
3. BÉZIERS (França) — «A estada no Noviciado de Béziers havia de deixar-lhe a vida perfumada de suaves e persistentes recordações...» (pág. 49)



3



1



3

1. BRAGA, Colégio do Campo da Vinha — «De manhã, lá estavam os dois à porta do «Colégio Inglês», a pedir para falar com a Superiora...» (pág. 44)
2. UBÁ (Brasil), Escola Normal do S. Coração de Maria — «Aperceberam-se logo que tinham, no Brasil, uma Pátria Nova...» (pág. 115)
3. BRAGA, Colégio do L. das Carvalheiras — «Se ali teve o seu Calvário, também ali teve o seu Tabor. Por isso, cobrou tanto amor àquela casa!» (pág. 166)



4

4. GUIMARÃES, Colégio e cerca — «É em Guimarães que vai decorrer o último período da sua vida.» (pág. 188)

13.

ARREGAÇADA DE FLORES

Alguém escreveu um dia esta frase de sentido profundo:

*Onde quer que Deus nos semeie,
aí temos que dar flor.*

Foi o raro mérito da Madre Maria de Assis: soube *dar flor* em todas as circunstâncias em que Deus a colocou.

Sigamos-lhe os passos. E como quem vai de longada por entre campos, e pára a colher umas florinhas silvestres na berma do caminho, tentemos também a colher algumas das que abundam na sua vida. Não destoariam no meio dos «Fioretti» de São Francisco de Assis, seu seráfico padroeiro.

Tal afinidade não é para estranhar. O pai — o bondoso António Gomes, — arrancado por circunstâncias alheias à sua vontade ao convento onde se acolhera, ficara com o coração enraizado na Ordem Franciscana, à qual continuava a pertencer como «Irmão Terceiro»¹.

Nesta escola formou a filha e ela, por devoção, nunca deixará de usar, por debaixo do hábito do Sagrado Coração de Maria, o seu cordão de «Terceira Franciscana».

Faziam as suas delícias as ingénuas narrativas compiladas por mão anónima sob o título *Florinhas, milagres e exemplos devotos do glorioso Pobrezinho de Cristo, o Senhor São Francisco*. E não custa a crer que nessa leitura se começasse a enamorar da «preciosíssima e amadíssima e evangélica pobreza», tão exaltada pelo autor dos «Fioretti»². Descobrimo, mais tarde, que este atractivo se acomodava perfeitamente com o espírito e os costumes do seu Instituto, mais se lhe afeiçãoou ainda, vindo a praticá-la com rara perfeição.

Nisto, não fazia mais do que seguir as pisadas do seu Fundador. Simples seminarista, João Gailhac faz voto de pobreza, e encontram-se nos seus papéis íntimos resoluções como esta:

«Quero fazer por desapegar o meu affecto das coisas da terra, mesmo das que me são úteis mas não necessárias e, destas, tomarei só o que for preciso».

Noutros escritos seus, lê-se:

«Não deverá o padre, mesmo secular, amar e praticar a pobreza? Se o não fizer, como poderá explicar aos fiéis a primeira Bem-aventurança e levá-los ao desapego das coisas que passam?»

Aos vinte e dois anos, tomava resoluções tão minuciosas e perfeitas sobre este ponto, como se tivesse professado na ordem mais austera. A rematá-las, escrevia uma frase que nos põe a descoberto a sua grande alma:

«Contanto que eu tenha a Deus e ao Seu Amor, é quanto me basta!»

No regresso a Portugal, não faltariam à Madre Maria de Assis ocasiões de viver neste espírito de desapego e total abandono a Deus, a que se sentia atraída desde a infância.

Pioneira das fundações após a República, estas iam custar-lhe — e às suas irmãs, — porfiados combates e sacrifícios incontáveis.

Vendo o êxito que tivera o colégio de Espinho, animou-se a Madre Maria da Eucaristia a tentar uma experiência em Braga³.

As primeiras a partir foram a irmã Natividade — de quem se pode dizer que foi a alma daquela fundação, — e algumas irmãs coadjutoras idosas, mas cheias de zelo e de coragem. Naquela altura, não dispunha doutras, a Madre Provincial. O Brasil — onde escasseavam os braços para a vasta messe que se anunciava, — e Espinho — que tivera de entrada grande afluência de alunas, — absorviam todas as irmãs disponíveis.

Era difícil e delicada a missão de que vinham incumbidas: preparar a reabertura do «Colégio Inglês», não já no magnífico edifício do Campo da Vinha (agora adaptado a quartel), mas num

modesto prédio da rua das Carvalheiras, que pouco ou nada se prestava para o fim em vista.

No desamparo, na humilhação e na pobreza principiaram a fundação. É costume do Senhor escavar os alicerces das Suas obras com o pé da Cruz...

As privações que as irmãs ali passaram, nunca a Madre Maria da Eucaristia as suspeitou, nem a bondosa senhora que lhes cedera gratuitamente a casa.

Ocasões houve em que o pão faltou à mesa. Outras vezes, chegada a hora da refeição, não tinham que comer nem lenha para o lume. A irmã Carlota — uma santa e abnegada velhinha, — era a cozinheira. Ia, então, apanhar umas folhas de couve ao quintalzinho da casa, e, com alguns gravetos que por lá encontrava, fazia um mísero caldo cheio de fumo...

Quanto a mobiliário, como não tinham fundos para comprar outro, fora mister remediar com o que escapara ao arrolamento de 1910: uns móveis desemparelhados e velhos, um piano desafinado, umas poucas de carteiras pretas a que se haviam já sentado sete ou oito gerações de educandas...

Alunas, não as havia ainda, nem esperança de as haver: o terceiro período já ia adiantado, quando as irmãs chegaram a Braga...

Contudo, estes e outros obstáculos que pareciam irremovíveis a almas de menos fé, foram-nos deitando abaixo, uns atrás dos outros, as incansáveis diligências da irmã Natividade, ajudadas pelas orações e sacrifícios das feryorosas velhinhas.

Para Directora oficial do colégio apareceu uma jovem normalista acabada de diplomar, e que veio a afeiçoar-se tanto ao Instituto que nele deu entrada, passados três anos.

O Inspector Escolar — exigente e livre-pensador, — depois duma cena tempestuosa, acabou por autorizar a abertura do colégio⁴.

Enfim, a dez de Maio, as aulas começavam com cinco internas e duas externas.

Chegara, entretanto, a Madre Maria de Assis e uma religiosa vinda de Tui — a primeira para Superiora da comunidade, a outra, para mestra das meninas.

O grão estava semeado. Levaria algum tempo a germinar, e havia de ser lento o crescimento da árvore mas, um dia, «viriam abrigar-se muitas avezinhas nos seus ramos!»⁵.

* * *

No ano lectivo de 1921/22, já o colégio funcionou no solar dos Condes de S. Martinho, ao Largo das Carvalheiras — outro obstáculo removido de modo verdadeiramente providencial!

Aqui, estavam as religiosas bem instaladas.

Na sala mais alegre e espaçosa, alinhavam-se umas carteiras novas em folha. Os dormitórios, com as suas caminhas brancas e janelas bem rasgadas, tinham um ar convidativo. Os recreios, era um gosto passá-los na grande varanda de pedra, ou, em baixo, no jardim antigo, com lago de repuxo, canteiros cercados de buxo rasteirinho e carreiros

de laranjeiras a vergar de frutos doirados e apetitosos.

Para além da pitoresca encosta das Carvalheiras, a vista estendia-se até aos montes da Falperra e do Sameiro. Tinha-se a ilusão de estar em pleno campo.

Nos primeiros dias de Outubro vinha a Madre Maria da Eucaristia, para assistir à inauguração, e orientar, com seu saber e experiência, as jovens mestras — uma portuguesa, outra irlandesa —, recentemente chegadas do Noviciado da Casa Mãe.

Aparentemente, ia tudo bem encaminhado.

Na realidade, porém, a ameaça de encerramento punha, no horizonte, uma nuvem bem escura...

Ao cabo dum mês, a Madre Provincial regressava a Tui, entregando o governo do novo colégio à Madre Maria de Assis.

Era instável e delicada a situação. O problema financeiro, devido ao escasso número de alunas, havia de assumir, em certos dias, proporções aflitivas. Que importava?

Se ali teve o seu Calvário, também ali teve o seu Tabor. E a querida Madre daria em Braga, como em nenhuma outra época da sua vida, toda a medida da sua fé, humildade e abnegação.

Talvez por isso, cobrou tanto amor àquela casa! E sendo já velhinha e trôpega, o maior gosto que as Superiores podiam dar-lhe, era mandá-la lá passar umas semanas.

Pela cidade já ia constando o regresso das «Inglezinhas» (era assim que o povo chamava, antes da República, às religiosas do «Colégio Inglês»).

Mas, se havia muito quem lhes quisesse bem, não faltavam também elementos hostis a mover-lhes uma guerra surda e obstinada.

O Inspector Escolar, por vezes, fazia passar horas de aflição à Directora — uma rapariguinha simples e tímida —, que não sabia o que havia de responder aos seus interrogatórios, com receio de comprometer as irmãs.

De cada vez que aparecia, vinha com novas exigências, que nem sempre era possível satisfazer. Não tolerava quadros religiosos nas paredes, nem ensino de doutrina às educandas, e rebuscava-lhes as carteiras, para se certificar se tinham lá catecismos e livros de Missa — *delito* intolerável à face da célebre Lei da Separação...

Não parece, todavia, que aquelas vistorias deixassem muito má impressão ao zeloso Inspector: quando a filhinha chegou à idade de começar os estudos, veio confiá-la às Religiosas do Sagrado Coração de Maria!

Como era costume nos solares dos antigos fidalgos, o palácio dos Siqueiras tinha capela.

No dia 17 de Outubro, festa de Santa Margarida Maria, celebrava-se a primeira Missa no colégio novo e Nosso Senhor lá ficava a residir no lindo sacrário de talha dourada, para conforto da pequenina Comunidade. O celebrante foi o Padre Manuel Marques da Silva. Afeiçoado, desde o início da sua vida sacerdotal, ao Instituto onde professara uma sua irmã, ia ter a seu cargo, por mais de trinta anos, com inigualável zelo e dedicação, a capelania do colégio de Braga.

Neste primeiro ano, porém, não tendo ainda capelão certo, comunidade e meninas continuariam a frequentar as igrejas da cidade, para a Missa e recepção dos Sacramentos. Esta circunstância deu ensejo a que se revelasse — por vezes, até ao heroísmo, — o grande fervor da Madre Maria de Assis.

O quarto da Superiora foi, durante algum tempo, no antigo celeiro da casa: uma loja húmida, onde não entrava o sol. A Madre, que era de saúde delicada, caiu doente com um grave ameaço de congestão pulmonar. Por ordem médica, passaram quase toda a noite a pôr-lhe ventosas e, de manhãzinha, a enfermeira levou-lhe alguma coisa para tomar, recomendando-lhe que descansasse até ela voltar da igreja.

— Deixa ficar, filha, e vai para a Missa.

A irmã pôs-lhe o leite à cabeceira, supondo que a doente desejava que ele arrefecesse um pouco, antes de o tomar.

Ao chegar a casa, encontra a cama vazia e o leite na caneca...

— A minha Madre não devia ter saído; não sabe que está muito mal? — ralhou a enfermeira, muito contrariada com a imprudência.

A doente deu uma risadinha e abraçando a irmã, respondeu:

— Não posso viver sem o meu Jesus. Ele é quem me dá força!

Pela mesma razão, custava-lhe muito que alguma das suas religiosas ficasse sem a Comunhão e, se dependia dela, envidava todos os esforços para que tal não acontecesse.

— Minha filha, vais ficar sem comungar, não é verdade? — foi ela perguntar, um dia, logo de manhã cedo, a certa irmã a quem, na véspera, tinha ralhado severamente por uma desobediência em que a surpreendera.

— Como quer a minha Madre que eu vá comungar, se ontem lhe fiz tanta pena? — respondeu a irmã, confusa e arrependida.

— Não penses mais nisso! — E, dando-lhe um abraço, animou-a muito a ir receber Nosso Senhor.

Em circunstâncias idênticas, ouviram-lhe dizer:

— Como podemos nós levar a nossa cruz e adiantar na vida espiritual sem a ajuda do nosso Jesus?

E à família escreveu, um dia:

«Nestes tempos em que estamos, quem quiser viver sem pecado tem de comungar muitas vezes. Sem a sagrada Comunhão, o inimigo tem mais força para nos vencer e a fé enfraquece nas almas».

Via-se que toda a sua vida se orientava para o Sacrário, onde tinha presente o *seu* Jesus. De manhã, era a primeira a aparecer na capela. Levantava-se às cinco menos um quarto e, mesmo que se sentisse adoentada, ou que tivesse passado mal a noite, não se dispensava de assistir à meditação da Comunidade.

Pelo dia adiante, eram amiudadas as suas visitas ao Santíssimo. Ajoelhada no chão — nunca aceitava genuflexório —, de mãos postas como uma flecha direita ao Céu, ali tomava conselho para as

dificuldades que surgiam, ali obtinha as graças de que precisava, ali combinava os planos de assalto à alma dos seus queridos pecadores.

Quando todo o auxílio humano falhava, vinha Deus em seu auxílio com favores tão singulares e inesperados que, à sua volta (como dantes, no Brasil), tornava a murmurar-se a palavra «milagre».

Pelas virtudes que herôicamente praticaram — e não pelos favores extraordinários que gratuitamente receberam —, avalia a Igreja Católica a santidade dos servos de Deus. Relataremos, contudo, alguns desses episódios para que, neste despretenso esboço, não falte também este traço característico da Madre Maria de Assis.

Quando se fundou o colégio das Carvalheiras, era despenseira a irmã Delfina, religiosa antiga e sensata. Desse tempo — que foi o das maiores dificuldades económicas, — contava ela dois casos que muito a haviam impressionado.

De manhã, antes de sair para a praça, a irmã despenseira ia pedir dinheiro à Madre Superiora. Um dia, percebeu que ela não tinha a quantia precisa.

— Irmã, espere aqui um bocadinho, sim? — pediu, saindo pela porta que dava para a capela.

Tardando a boa Madre, a irmã Delfina, que tinha pressa de sair, começou a impacientar-se. Nisto, ouve vozes na sala contígua e, daí a instantes, a Madre Maria de Assis entrava com uma fisionomia radiante.

— Bendito seja Deus! Ninguém desconfie da Divina Providência, — exclamou, mostrando algumas notas. — Já não contava com este dinheiro e

Nosso Senhor trouxe-mo na hora em que mais precisava dele!

Noutra ocasião, a irmã Delfina viu-se em sérios embaraços porque a despensa estava vazia e não havia dinheiro para ir às compras. A Madre Maria de Assis animou-a à confiança, e foi meter-se na capela.

Pouco depois, a irmã porteira ia lá chamá-la, com o livro dos registos postais na mão. Assinou, e abriu a carta, cheia de fé. Trazia um cheque do Brasil!

Na comunidade, todas atribuíam às suas orações o número crescente das meninas e o bom resultado dos exames. A frequência, poucos anos depois da fundação, já orçava por duzentas alunas e consta que, de todas as propostas a exame pelo colégio, nenhuma reprovou, no seu tempo de Superiora.

Estas graças retribuía-as a boa Madre ao Senhor com rasgos de liberalidade, fazendo quanto bem podia em volta de si.

Em setenta internas, dezassete eram educadas gratuitamente. Para com a pobreza envergonhada, tinha delicadezas encantadoras, socorrendo discretamente várias famílias necessitadas. E para com os outros pobres que vinham pedir à portaria do colégio, era comovente o seu carinho e generosidade.

Além do dinheiro que distribuía todos os dias, as sobras de pão ou de comida, e a fruta que caía das árvores eram para os pobres. As porteiras tinham ordem de não despedir nenhum sem esmola

e, se alguém lhe dizia «aquele não precisa», a sua resposta era logo esta:

— Nós não devemos estar a pensar se precisam ou não; os pobrezinhos são Nosso Senhor a bater-nos à porta!

Apesar das suas recomendações, percebeu, uma vez, que iam mandar embora um homenzinho, sem lhe dar nada. Aproximou-se a saber a razão.

— É que ele cheira a vinho... Se lhe dou dinheiro, vai gastá-lo mal.

— Deixa lá, filha! A gente dá a esmola por Deus; o resto é lá com ele.

A esta generosidade cheia de espírito de fé se deve atribuir este interessante episódio:

Estava uma quadrilha de ladrões a combinar onde haviam de ir roubar, nessa noite. Um deles lembrou:

— Vamos ao Colégio da Torre.

— Alto! aí não se toca, — saltou um outro. — Nunca lá vou que não me dêem esmola.

O certo é que havendo, seguidamente, vários assaltos a casas e quintais da vizinhança, ao colégio nunca foram, enquanto lá esteve a Madre Maria de Assis. Porém, depois da sua partida para Tui, as irmãs não escaparam à visita dos ladrões...

Ainda que não fosse mais que uma simples coincidência, o facto não deixa de ter a sua graça.

Quando se tratasse de pobres, a Madre Superiora gostava muito de fazer de porteira. Entrava muito sorrateira na despensa, e vinha de lá carregada para os seus amigos...

— *O que se dá aos pobres, nunca faz falta*, — era um dito seu.

Temos de concordar que o *sistema* deu-lhe muito bom resultado: ao cabo de poucos anos, estava o equilíbrio económico estabelecido na casa de Braga!

Admirava-se a Madre Provincial daquele permanente «milagre» financeiro. Nunca faltando à comunidade com o necessário, nem às doentes com os cuidados mais solícitos, a Superiora de Braga tinha sempre dinheiro em caixa e ainda lhe chegava para auxiliar a casa de Tui.

Uma vez, compadecida das graves preocupações que consumiam a querida Madre Maria da Eucaristia, pegou no dinheiro todo que havia em casa e deu-lho, abandonando-se à Providência.

No dia seguinte, aparece um cavalheiro muito distinto, a indagar se era aquele o antigo colégio do Campo da Vinha.

— Tenho três filhas para matricular, mas só as confio às Religiosas do Sagrado Coração de Maria; se não for este o colégio delas, vou ver se o encontro.

Falou com a Madre Maria de Assis, matriculou as filhas e partiu para a estação. Verificando que era muito cedo, resolveu voltar ao colégio.

— Para que hei-de levar este dinheiro todo para casa? — pensou lá consigo (viera a Braga com o fim de o receber), e foi entregar à Superiora a pensão antecipada das três filhas...

Outro caso sucedido pela mesma época, parece indicar que a Madre Superiora terá sido favorecida com uma luz especial:

Numa ocasião em que se achava doente de cama, vieram dizer-lhe que estava lá um sujeito para meter duas meninas. Eram já crescidas e pretendia interná-las durante uns anos, até regressar da África, com a esposa.

Temendo assumir tão grande responsabilidade, recusou recebê-las. Apesar disso, vendo a insistência do pai, que ficara desolado com a resposta, a religiosa que o atendera volta ao quarto da doente, a referir-lhe tudo.

— Diga-lhe que sim, — responde esta, depois duns minutos de reflexão. — Quem sabe se não serão duas religiosas que Nosso Senhor nos manda?

Nenhuma das meninas pensava em tal ao entrar para o colégio — se até haviam pedido ao pai para *não as pôr nas freiras!* Todavia, uma e outra entrariam para o Instituto, finda a sua educação, mas só depois da morte da Madre Maria de Assis viriam a saber do presentimento que, a seu respeito, havia tido.

Para as educandas, tinha o carinho duma mãe. Se alguma caía doente, ia fazer-lhe companhia e tinha um variadíssimo repertório de histórias para a distrair e consolar. Se a doença era grave, assediava o Céu com as suas orações, até a ver livre de perigo.

Uma ocasião, o médico declarou, depois de examinar uma menina:

— Está irremediavelmente perdida!

Ao saber da sentença, a Mãe — que só tinha aquela filha, — agarra-se à Madre Maria de Assis,

a chorar convulsivamente. Muito comovida, a Madre animou-a com estas palavras:

— Não se aflija, minha senhora, que a menina não morre!

A doentinha passou muito bem a noite e melhorou tão depressa que ainda pôde fazer exame, nesse trimestre.

Uma manhã, a enfermeira chegou muito afita ao quarto da Superiora. Acabara de pôr o termómetro a uma menina e constatava que tinha muita febre. A Madre Maria de Assis mete-se logo na capela, a desabafar o seu cuidado com Nosso Senhor.

Daí a uma hora, chega ao pé da enfermeira e diz-lhe:

— Vá tirar a temperatura à menina; já não deve ter febre.

De facto, a doente estava completamente bem.

Era também inexcédível de caridade para com as doentes da comunidade. Visitava-as muitas vezes e fazia quanto podia por lhes dar alívio.

Um ano, adoeceu uma religiosa logo ao chegar do Noviciado e esteve semanas de cama, numa casa que tinham alugado perto do colégio, para dormitórios e enfermaria.

Nessa altura, a boa Madre andava também adoentada. Pesarosa por não poder ir visitar a sua irmãzinha, teve esta ideia delicada: entretê-la e consolá-la, ao mesmo tempo, enviando-lhe os «santinhos» mais bonitos e sugestivos que podia arranjar.

Como a Madre Superiora andasse muito fraca e em dieta rigorosa, a enfermeira tinha o cuidado de lhe pôr, à noite, no quarto, uma cafeteira com leite. Ordinariamente, a Madre Maria de Assis só tomava uns golos (para não mentir se acaso lhe perguntassem se o tinha tomado...) e, pela calada, ia levá-lo a alguma irmã que lhe parecesse mais fraca do que ela.

Uma noite, sabendo que a enfermeira ia ficar a velar uma doente até uma hora tardia, foi-lhe pôr a cafeteira, à cabeceira da cama. De manhã, esta foi-lhe pedir contas:

— Minha Madre, porque não tomou o leite e mo foi levar?...

— Tu precisavas mais dele do que eu... — desculpou-se, a sorrir!

Daí por diante, a irmã começou a tomar as suas precauções para esse facto não se repetir, e era verdadeiramente edificante a humildade com que ela obedecia à enfermeira.

Durante uma enfermidade que teve em Braga, o seu alimento ordinário eram maçãs cozidas. Um dia, acabaram-se as maçãs que havia em casa e não apareciam à venda, porque não era o tempo delas. A enfermeira, muito consumida, lamentou-se à Madre Maria de Assis de não ter que lhe dar, e ela respondeu:

— Diz a São José que a sua serva já não tem maçãs.

A irmã Francisca — que era uma alma de fé, — tomou a ordem à letra e dirigiu-se à capela, a dar o recado ao Santo.

Passado pouco tempo, veio bater à porta um menino trazendo um cestinho com umas maçãs muito ape-

titosas. Quando as viu, a boa Madre, lança-se de joelhos e começa a rezar o «Deus seja bendito».

Entretanto, a irmã Francisca — que era também porteira, — volta lá abaixo, para entregar o cesto, mas... o menino tinha desaparecido!

Mostrava também uma grande paciência e mortificação nas suas doenças. Uma vez que teve uma infecção num braço e a febre subiu a 40°, o médico veio abrir-lhe um golpe profundo, sem anestesia. Durante a operação e o curativo — que tantas dores lhe haviam de causar, a doente não deu um gemido. Só dizia, com um sorriso nos lábios:

— É preciso... Nosso Senhor quer assim!

À saída, o Dr. Jacinto Torres, exprimiu, nestes termos, a sua admiração:

— Que santa! Não sabem a reliquia que têm em casa: venerem-na!

Não obstante a pouca saúde, levava vida de grande austeridade. A enfermeira via-se obrigada a esconder-lhe os instrumentos de penitência, mas ela arranjava sempre meio de se mortificar secretamente.

Por muito cuidado que tivesse em não dar a entender essas práticas que a Graça lhe inspirava para saciar os desejos de imolação que a devoravam, aos olhos de suas irmãs, sempre transparecia o bastante para que elas ficassem a ter uma alta ideia da sua virtude.

Era sobretudo às sextas-feiras que ela mais se traía. Percebia-se que redobrava, nesses dias, as suas penitências, em união com a Paixão de Jesus. E quando chegava a Sexta-feira Santa, impressionava o ar de

abatimento e de tristeza que se lhe via no semblante.

As meninas de Braga tinham pela Madre Maria de Assis a mesma veneração que as suas companheiras de Viseu ou de Ubá, e o mesmo gosto em ouvi-la nos catecismos. Quando a viam passar nos corredores, de terço na mão, diziam, umas para as outras: «Lá vem a santa!» E iam ao seu encontro, cheias de alegria.

Aí pelo segundo ano depois da abertura do colégio, já havia um grupinho regular de internas e de semi-internas. O externato também ia aumentando, de mês para mês. É desse tempo o seguinte episódio:

Ao toque do meio-dia, as meninas foram, como de costume, para o refeitório. A irmã de serviço, notando que lhe tinham trazido uma terrina pequena, corre à cozinha a dizer:

— A sopa não chega!

— Essa agora?! — exclama a cozinheira, estupefacta.

— É que também estão cá hoje as semi-internas.

— Valha-me Deus! Julgava que era feriado e só fiz sopa para as internas...

Muito arrelhiada, a mestra que fazia a vigilância do refeitório foi dar conta do sucedido à Superiora, que respondeu sem se perturbar:

— Eu vou lá! — E dirigiu-se para o refeitório, seguida da outra religiosa, que ia a pensar lá consigo: «Sempre quero ver o que ela vai fazer! É capaz de deitar água na sopa...»

A Madre Maria de Assis pega na concha e começa a servir as meninas. De vez em quando, murmura:

— Santo António, há-de chegar! — E vai enchendo os pratos e rezando baixinho.

Ao chegar à última, a irmã informa, aliviada:

— Já estão todas servidas! — E lançando um olhar à terrina, verifica que estava vazia...

Na cidade, já corria fama da sua santidade. Mesmo os que a não conheciam, vinham pedir-lhe conselhos e orações.

Um caixeiro de certo armazém onde se forneciam as religiosas, vivia com a mãe, que era muito pobre e idosa, e só tinha aquele filho para a amparar. Ora ele andava para ser «chamado às sortes» e como era um rapagão alto e saudável, não havia esperanças de o livrarem na inspecção médica. Ouvindo falar com entusiasmo e admiração da Superiora do «Colégio da Torre», disse para consigo: «se é santa, vou lá pedir-lhe para rezar por mim».

Chegou à porta e expõe o seu caso à irmã que o atendeu.

— Eu vou chamar a Madre Superiora, — responde-lhe esta.

— Não é preciso incomodá-la, basta transmitir-lhe o que eu disse, — pediu o rapaz, intimidado com a ideia de falar com uma *Directora dum colégio*.

— Olhe que é melhor! — insistiu a irmã. — Espere um instantinho, se faz favor.

Vem a Madre Maria de Assis. Cativado pelo seu ar de familiar bondade, conta-lhe a aflicção que ali o trazia.

— Vá sossegado, que não há-de ser preciso deixar a sua mãezinha!

Passado o dia da inspecção, volta o rapaz ao colégio a agradecer e a dar a notícia de que *não fora apurado para a vida militar!*

Os pais das alunas tinham uma elevada consideração pela Superiora. Encantava-os aquela virtude afável que torna tão apazível o convívio dos santos.

Com as suas religiosas, era a mesma benignidade e igualdade de trato.

Achava a Madre Maria de Assis que se devia «servir ao Senhor na alegria»^b. Quando chegava a hora do recreio, o seu gosto era ver a todas bem dispostas e animadas, e sabia muito bem meter na conversa o seu dito espirituoso.

Conta-se que a irmã Afonsina — ainda hoje lembrada com simpatia e veneração pelas alunas dessa época, — manifestou um dia, ao recreio, o desejo de ver a «Dança do Rei David», um dos números mais típicos das Festas de São João, que se estavam a celebrar na cidade.

Três irmãs muito alegres combinaram fazer-lhe uma partida. À hora da procissão, mandaram chamar toda a comunidade, para ver passar a «Dança do Rei David»... Apareceram, então, com os trajos e os instrumentos mais fantasistas que puderam descobrir, a imitar com muito espírito os figurantes da famosa «Dança».

A Madre Maria de Assis riu com muito gosto da engraçada brincadeira, e a irmã Afonsina declarou-lhe que não se teria divertido tanto se a tivessem deixado ir assistir à verdadeira função!

Por ocasião da Semana Santa, uma irmã pediu à Madre Superiora para ir com outra à igreja do Pópulo, ao «Sermão das Sete Palavras».

— Pois sim, minha filha, mas antes de ires, anda cá ao meu quarto, ouvir algumas das minhas!

Não consta se a irmã ainda ficaria com vontade de *ouvir mais palavras* depois do substancioso *sermão* que a boa Madre lhe fez, naquela tarde de Sexta-feira Santa...

Numa das suas apóstolicas digressões pelo país, o «santo Padre Cruz» veio ao Colégio de Nossa Senhora da Torre.

Não se descreve a consolação que esta visita deu à Madre Superiora! Quis mostrar-lhe o colégio e mandou reunir a comunidade para o cumprimentar e receber a sua bênção.

À despedida, seguiram os dois pela varanda, em direcção às escadas da portaria. A cena era enternecedora e as religiosas sorriam ao contemplá-la: ele, absorto em Deus; ela, de mãos postas, em atitude de profunda veneração.

Então uma das irmãs mais novas saiu-se com esta, a meia-voz:

— Acudam-lhes, senão fogem-nos os dois em êxtase, pelo ar fora!...



É tempo de parar para aspirarmos a fragrância desta arregaçada de flores que andámos a colher, em companhia da Madre Maria de Assis.

Estamos no verão de 1929. A Madre Provincial acaba de a chamar a Tui, para lhe confiar o governo da casa que ainda mantinham além fronteiras.

Na hora da despedida, ao ver o seu colégio em situação desafogada, com setenta internas, cento e vinte externas e uma comunidade numerosa, terá perguntado, talvez, às suas irmãs, como dantes, nas horas difíceis da fundação:

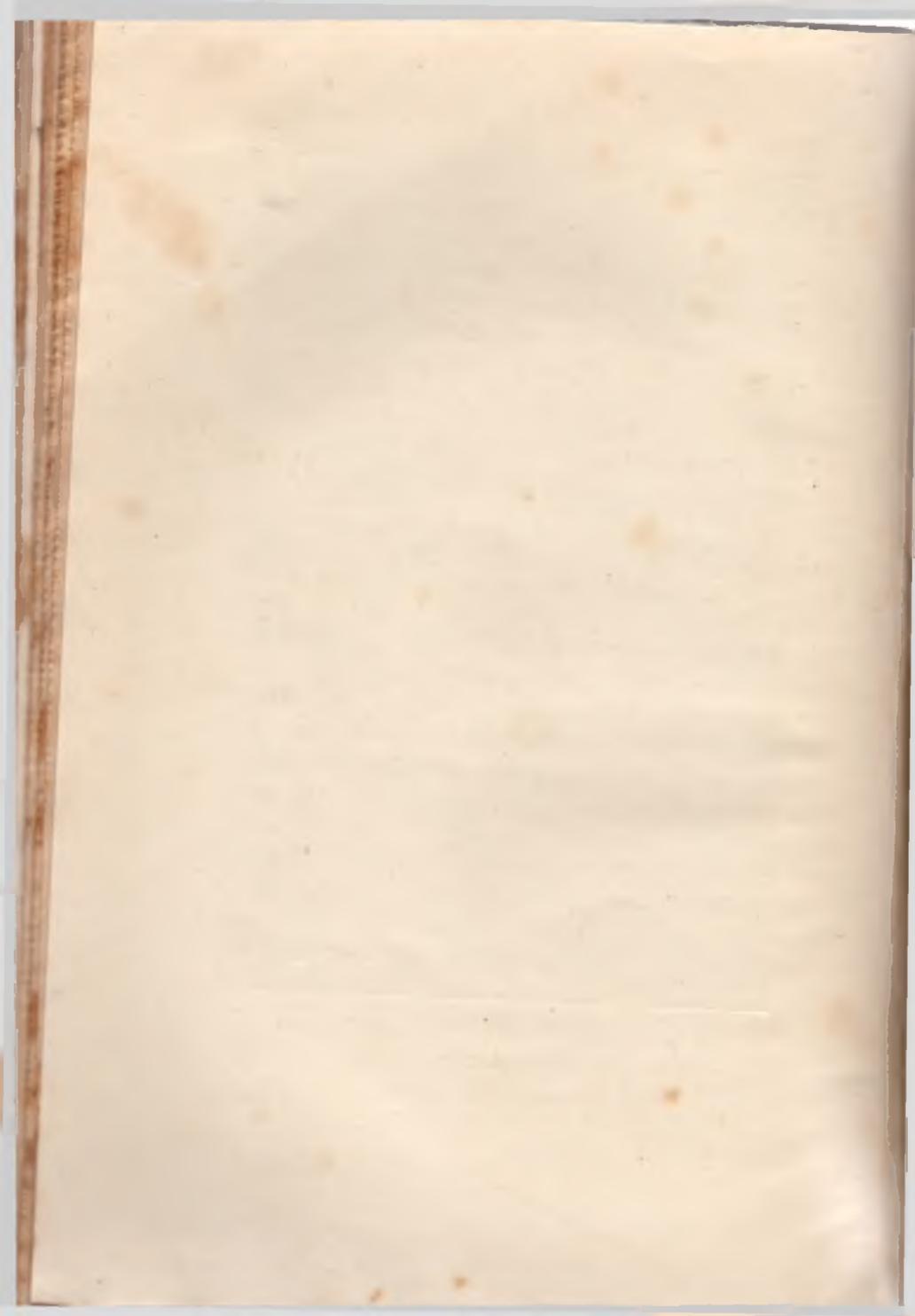
— *Não tenho eu razão para agradecer e confiar sempre na Divina Providência?*



Madre Maria de Assis Gomes da Fonseca

R. S. C. M.

aos oitenta anos



14.

LUZ AO ALTO

«Dê cada um a sua oferta como propôs no seu coração, não com tristeza e constrangimento, porque Deus ama o que dá com alegria.»¹

Este conselho de São Paulo aos seus cristãos de Corinto, viveu-o bem a Madre Maria de Assis. E o *ar de suave contentamento*, que um dos seus últimos retratos nos deixa entrever, era precisamente o que mais encantava nela, constituindo, só por si — palavras não diriam tanto! — o mais eloquente convite a *dar ao Senhor com alegria*.

Já vai agora a caminho dos setenta. Continua, não obstante, a seguir a Regra sem a mínima dispensa, e a dar-se à penitência como se não fora justo conceder algum alívio ao pobre corpo alquebrado pela idade e pela doença.

Esta heróica perseverança no caminho austero a que se sentiu chamada logo ao entrar para o convento é, sem dúvida, o traço mais admirável duma existência que, pela sua uniformidade e singeleza, parecia não dar assunto para um livro.

Tui ia ser a última *etapa* da sua vida de Superiora. Atravéssemos com ela a ponte de Valença e entremos no velho burgo galego.

Da «Corredera», desçamos em direcção ao rio. Aquela casa à esquerda, com um jardim na frente e as sacadas engrinaldadas de trepadeiras é das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

O portão que abre para a «Calle del Obispo Lago» tem a encimá-lo esta saudação tão cara à piedade dos espanhóis:

AVE, MARIA PURÍSSIMA!

É severa a entrada, com a sua portaria de lajes frias, mas, lá dentro, a velha casa tem um ar simpático e acolhedor, e a quinta é grande, toda aos socalcos pela encosta acima, com latadas de parreira a ensombrar os carreiros que a cruzam de alto abaixo.

Com a abertura dos colégios em Portugal, foi-se extinguindo o florescente internato ali fundado em seguida à República, que chegara a ter, em alguns anos, para cima de setenta alunas portuguesas.

Ora, em 1929, de todo esse movimento, apenas restava um pequeno externato para meninas espanholas. E o que dava ainda vida à casa e à quinta era o Noviciado, com a sua juventude estuante de fervor e de alegria.

Num modesto prédio contíguo ao edifício principal, estavam as irmãs velhinhas, e as doentes incuráveis — «vidas a queimar-se como a gotinha de azeite na lâmpada, ardendo até ao fim...»²

A umas e outras, vai dar a Madre Maria de Assis o melhor da sua alma e coração, durante os quatro anos de permanência em Tui.

Visitava a miúdo o Noviciado, onde a sua presença era muito apreciada e estava sempre à disposição das suas irmãzinhas mais novas, para lhes resolver as dificuldades e as estimular no caminho da perfeição.

Com as irmãs velhinhas ou doentes era dum carinho e generosidade inexcedíveis e as suas frequentes e longas visitas deixavam-nas sempre reconfortadas e desejosas de a ver, de novo, aparecer.

Os pobres continuavam a ser objecto da sua terna compaixão e voltou a repetir em Tui as *partidas* de que era useira e vezeira...

A irmã roupeira tinha de andar alerta e, mesmo assim, a sua roupa e os seus agasalhos iam desaparecendo sem se saber para onde. No Brasil, por ocasião da epidemia da «espanhola», até os colchões foram passando, pela janela, sem a porteira dar conta disso!

Como era dada a reumático, ressentia-se muito com o frio. Fizeram-lhe, então, um saiote de lã. Um dia de inverno, viram-lhe uns *penduricalhos* a aparecer por debaixo do hábito.

— Isso que é, minha Madre?

— Deixa lá, filha... — E sorriu, embaraçada.

Eram as franjas dum chaile velhíssimo, que trazia à guisa de saiote: o novo fora agasalhar uma pobrezinha!...

Para o regresso à Europa, em 1919, foi preciso renovar-lhe todo o enxoval: não tinha nada capaz

de levar para a viagem! Trouxe-o numa mala emprestada. E, como ficava em Tui, combinou-se que a mala iria com as religiosas que partiam para o Rio. Vão a esvasiá-la, e ficam espantadas: uns pobres trapos, era o que lá tinha...

— Francamente! Como é que a comunidade de Ubá deixou vir a Madre Maria de Assis com a roupa neste estado? — pensou, escandalizada, uma das religiosas presentes. Só anos depois é que veio a saber que ela distribuía o enxoval novo pelas irmãs de Tui, compadecida da pobreza em que lá estavam a viver.

Em 1929, a casa de Tui continuava a manter-se com grande dificuldade. Pois, nem por isso, deixou de recomendar, como era seu costume, que nunca se recusasse a esmola, à porta. — Era o seu modo de atrair graças espirituais e temporais sobre as comunidades que lhe estavam entregues! Mas o pão não abundava. E a despenseira resolveu guardá-lo numa prateleira muito alta, para não lhe tirarem o que destinava às refeições das irmãs.

Não serviu de nada! A Madre Superiora descobriu o esconderijo e, daí por diante, quando não tinha que dar, puxava um escadote para ao pé da prateleira, e toca a roubar pão para os seus pobrezinhos, na ausência da despenseira...

Nos apertos económicos em que por lá se viu, numa casa sem rendimentos suficientes e com a peseta exageradamente cara, o seu fiador era São José. Costumava dizer como Santa Teresa: — «nunca lhe pedi nada que me não fizesse». E tinha-lhe, por isso, uma terna devoção.

Durante a sua estada em Tui, passou-se um caso interessante: Deu um ataque à irmã Josefina — muito estimada por sua grande virtude —, ficando paralytica e impossibilitada de se alimentar. Assim esteve alguns dias, e tão abatida que nem os olhos abria. O confessor, vendo que a doente não dava acôrdo de si, resolveu administrar-lhe apenas a Extrema-Unção. Mas a Madre Maria de Assis, que não se conformava com a ideia dela morrer sem confissão, aproxima-se, toca-lhe ao de leve no rosto, e diz com autoridade tão sobrenatural que impressionou os circunstantes:

— Minha filha, está aqui o Senhor Padre Redondo, confesse-se, vá!

Apressaram-se todas a sair do quarto.

Algum tempo depois, o sacerdote retirava e, ao passar pelas irmãs, que esperavam no corredor, disse-lhes, como vido:

— Podem ficar sossegadas; confessou-se muito bem. Foi uma santa a mandar, outra a obedecer.

A Madre Maria de Assis tinha o costume de se levantar de noite, para ir ver se a lâmpada do Santíssimo estava acesa. Algumas vezes, deixava-se ficar na capela, tempo esquecido, a fazer companhia a Nosso Senhor. Depois duma dessas *noitadas santas*, foram dar com ela estendida no chão. Andava a percorrer as estações da «Via-Sacra» e — confessou-o ela, depois, — caíra por três vezes *como o seu Jesus*, mas, na última, já não tivera forças para se levantar...

Como tinha uma grande devoção à Paixão de Cristo, era-lhe muito querida a prática da «Via-Sacra», nunca

a omitindo enquanto lhe foi possível fazê-la. E, quando já estava muito velhinha e trôpega, era impressionante vê-la arrastar-se, de joelhos, de estação para estação, agarrando-se aos bancos, para não cair.

A contemplação dos mistérios dolorosos lançava-a em transportes de gratidão:

— Ó minhas filhas, o que Nosso Senhor fez por nós, e como lhe estamos caras!! Que amor tão grande por *estes farrapinhos* que nós somos!...

Pelos anos de 1932/1933, começou a viver-se, na Galiza, um ambiente de ameaças e de terror. Sabia-se que, em localidades não muito distantes da pacata cidade de Tui, ardiam igrejas e conventos, e que os «vermelhos» perseguiram com inaudita crueldade todos os frades e freiras a que deitassem a mão.

Continuar ali seria imprudente. Tanto mais que era gravíssimo o estado da veneranda Madre Maria da Eucaristia, e urgia pô-la a salvo³.

As Religiosas do Sagrado Coração de Maria dispersaram, então, pelas suas comunidades de Portugal; as noviças partiram para Guimarães; a residência de Tui fechou.

Não foi sem saudades que deixaram a velha casa da «Calle del Obispo Lago», que tanta virtude e heroísmo tinha presenciado, em vinte anos de exílio!

* * *

A partir de 1933, é entre Guimarães — sua residência habitual, — e Braga — onde passará várias temporadas, — que vai decorrer o último período da vida da Madre Maria de Assis.

Enquanto as forças lho permitiram, repartia os dias entre a acção e o trabalho. Ensinava catecismo, fazia a vigilância do estudo, ponteava a sua roupa e a das meninas.

As horas livres gastava-as a um cantinho da capela, absorta em tão profundo recolhimento que nem dava pelo que se passava em torno de si.

Quando o Santíssimo estava exposto, quase não saía da capela e prolongava as suas adorações pela noite fora. Sempre de joelhos, mãos erguidas e olhos fitos na Sagrada Hóstia, parecia arrebatada de amor.

Às vezes murmurava, com uma expressão inefável: — Meu doce Jesus!

O alimento para a oração vai colhê-lo ordinariamente à *Sagrada Escritura* — livro que preferia a todos, e que leu vezes sem conto. Também se lhe viam nas mãos os *Sermões do Padre António Vieira* e as *Obras do Padre Manuel Bernardes*. Em livros de autores modernos, raras vezes pegava. Se, porém, os liam alto, na leitura espiritual da comunidade, escutava, atenta, e também os apreciava.

A 8 de Dezembro de 1939, inaugurava-se no colégio de Guimarães, a campanha promotora da *Entronização do Imaculado Coração de Maria nas famílias*. Dali, se propagou a toda a arquidiocese de Braga e às dioceses onde as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estavam estabelecidas.

A Madre Maria de Assis, que tinha uma ardente e filial devoção a Nossa Senhora, deu todo o apoio das suas orações e da sua colaboração a essa entusiástica campanha.

A uma sobrinha, escreve:

«Mando esse Coração de Maria para meteres no teu livrinho de Missa. Lê tudo bem, consagra-te a esse Sagrado Coração e consagra toda a nossa família.

Todo o mundo foi consagrado pelo Santo Padre ao Coração de Maria. Eu estou muito contente porque a congregação aonde entrei é do Sagrado Coração de Maria!»

Depois de explicar o cerimonial das entronizações e de fazer votos para que todas as famílias da sua terra se consagrem a este Imaculado Coração, diz:

«Vamos empurrando almas para o Céu... para não irem tantas para o inferno, que não terá fim!!»

Noutra carta de 21 de Setembro de 1940, volta a insistir no assunto, tendo o cuidado de recomendar, como preparação para o piedoso acto:

«Todas as famílias se devem confessar e receber o Senhor.»

E remata assim a exortação:

«Depois, fica a Mãe do Céu a governar. É a nossa Rainha! Pede-se-lhe a bênção de manhã, como a Mãe e Senhora.»

Em Guimarães, as fervorosas propagandistas — na sua maioria colegiais ou elementos da J.O.C.F. ou da O.P.F.C., — não se contentavam com a cerimónia exterior, mas esforçavam-se por levar todos os membros da família à recepção dos Sacramentos. A instrução catequística preparatória era ministrada, quer pelas propagandistas, quer pelas religiosas, no colégio. À Madre Maria de Assis cabia, em geral a preparação dos homens, trabalho a que se dava com grande consolação e maravilhosos resultados.⁴

Aois oitenta anos, ainda não se julgava dispensada de trabalhar. Já lhe custa a mexer-se, mas vai sempre andando. Como as crianças, a tentar os primeiros passos, apoia-se às costas duma cadeirinha a que haviam adaptado umas rodas, e, empurrando-a, devagarinho, andava por tóda a casa.

Mal ouviam o rodar da cadeirinha, as meninas corriam para ela, a contar-lhe os seus gostos e arrelias, a pedir-lhe orações e conselhos, a dar-lhe os seus presentinhos. E, quantas noites, ao tirar o pobre hábito, não o via retalhado pela indiscreta veneração das suas amiguinhas, que desejavam ficar com uma *reliquia*...

— A Madre Maria de Assis enche-nos o coração. Hoje, sim, hoje foi dia grande! — Ouviram dizer às meninas, num dia feriado, em que haviam passado muito tempo junto da querida Madre.

Se, às vezes, as coisas não corriam muito bem, entre mestras e alunas, intervinha como mediadora, e tudo se arranjava a contento de todas.

Conta uma das educandas desse tempo que, na proximidade dos exames, costumavam as religiosas tirar à sorte os nomes das meninas, para mais especialmente rezarem por aquela que lhes tivesse saído. «Quando eu tinha a sorte de cair à Madre Maria de Assis — diz ela, — já não me preocupava nada: estava certa a minha passagem!»

Nem sempre, porém, era este o resultado da intercessão da bondosa Madre. Se, por qualquer razão de ordem moral, previsse que era melhor para a aluna continuar mais algum tempo no colégio, respondia, como fez, uma vez, a uma do 6.º ano:

— Ó minha filha, eu não peço para que tu passes, peço para que seja feita a vontade de Deus.

Foi a aluna a exame e... reprovou.

Também sentia grande repugnância em rezar por intenções em que se tivesse unicamente em vista arranjar dinheiro, e desculpava-se, dizendo:

— Para isso, nunca tive jeito.

Era uma verdadeira loucura que as alunas tinham pela doce velhinha, e morriam porque fosse ela a fazer as vigilâncias do estudo.

— Vem aí a Madre Maria de Assis! — anunciava, a meia-voz, a primeira que a visse.

— Que bom! — exclamavam as demais.

Nessas tardes, toda a gente se portava com juízo e o silêncio era mais bem guardado.

Os próprios professores que vinham leccionar ao colégio de Guimarães estimavam-na muito e gostavam de a ver nas suas aulas, a tomar conta nas meninas. Estas, por sua vez, também tinham

uma *razão especial* para gostarem de a lá ver: é que, influenciados, decerto, pela irradiação de serenidade que se desprendia de toda a sua pessoa, os professores eram mais comedidos no ralar, na presença da Madre Maria de Assis...

Dizia um deles, ao regressar do enterro da veneranda Madre:

— Lá se nos foi uma grande santa! — e ajuntava, impressionado até às lágrimas: — Não posso pensar que vamos ficar sem ela... Nas outras religiosas, admira-se uma ou outra virtude; nesta, encontravam-se todas.

O seu médico de Braga professava por ela igual veneração. Interrogado sobre o que pensava da saudosa Madre, e qual o motivo da atracção que exercia sobre todos, respondeu, com uma convicção impressionante:

— Era a sua bondade que lhe dava um poder de sedução irresistível. — E, depois duma pausa comovida: — Sim, era a estátua da bondade!

No dia 30 de Setembro de 1941 comemoraram-se, em Guimarães, as BODAS DE OIRO DE PROFISSÃO da Madre Maria de Assis e da Madre Maria da Assunção de Brito, com a pompa litúrgica de um PONTIFICAL de rito bracarense.

Encontram-se, na sua correspondência para a família, interessantes referências a essa encantadora e comovente festa de homenagem às duas venerandas velhinhas. E vem lá tão fielmente retratada a querida Madre que não hesitámos em preferir a uma correcta e banal descrição jornalís-

tica o estilo descuidado — mas tão espontâneo, — da carta para a sua *Aninhas*.

Guimarães, 13-10-941.

«Minha saudosa e querida sobrinha

De todo o coração agradeço a ti e à nossa família a carta de parabéns pelos meus 50 anos de vida religiosa, isto é, do dia em que fiz os meus votos, porque já entrei há 52, Deus seja sempre bendito!!!

Eu não queria estas festas, porque gosto das festas para as minhas Irmãs em Nosso Senhor mas, para mim, são, ou foram um grande sacrifício, ou mesmo uma grande penitência, que ofereci pelos pecadores. Se não fosse a minha companheira, eu teria pedido *tanto* que conseguiria que se não fizessem. Mas, realmente, foram *lindas* as festas!!!

Foram as primeiras Bodas de Oiro que se fizeram nas nossas casas de Portugal.

Aqui nesta casa, que é muito linda, tiveram muito, muito trabalho para a enfeitarem e prepararem. A minha santa Superiora⁵ não olhou a despesa. A casa encheu-se de gente... Superiores e Irmãs minhas.

De todas as terras minhas conhecidas me vinham cartas ou telegramas. Nosso Senhor, na Sua infinita misericórdia, tenha aceitado

tudo por mim e por quem eu nesse dia Lhe pedi. Longa foi bem lembrada... os justos e os pecadores!»

Estas palavras, escritas à mesma sobrinha, a 18 de Setembro de 1943, ainda parecem um eco das suas Bodas de Ouro:

«Graças a Deus, continuo bem e sempre feliz. *Não me arrependo do Esposo que escolhi... Ele é a minha felicidade, o meu único Amor!!*»

Por volta de 1946, observa-se na Madre Maria de Assis um constante declinar de forças. As do corpo, que as da alma nunca afrouxaram e dava até a impressão de que a «luzinha» acesa, há oitenta anos, na pia baptismal da igreja de Longa, espargia mais brilho do que nunca.

Nos anos seguintes, a paralisia vai-lhe tomando, gradualmente, as pernas e o braço esquerdo.

E, por fim, cerca de ano e meio antes da sua morte, já não pode andar. Continua, apesar de tudo, a ir à capela, nos braços de suas irmãs, e assiste todos os dias à meditação e à Missa da comunidade. Do seu fervor tira energias que, humanamente, não se explicam em corpo tão gasto.

Ainda o dia vem longe e já ela está a rezar, à espera que *os seus anjinhos* a levem (era o nome que dava às duas irmãs que lhe prestavam, cari-

nhosamente, este serviço). Sentada o mais perto possível do altar, ali recebia a Sagrada Comunhão.

E, por muito que as irmãs tardassem em vir buscá-la, depois da Missa, ela achava sempre cedo de mais e queixava-se docemente:

— Deixar tão depressa este cantinho do Céu!...

Por lamentável equívoco, aconteceu, uma vez, ninguém a vir buscar, à hora habitual. Nesse dia, consolou-se! Pelo meio da manhã, entra uma religiosa na capela e exclama, surpreendida:

— Ainda aqui está!

E ela, muito admirada:

— Então já são horas do almoço?

Durara mais de duas horas a sua acção de graças depois da Comunhão, sem que disso se apercebesse a fervorosa velhinha!

Nos últimos meses de vida, quando já não saía do quarto, se acaso demoravam a levar-lhe a Comunhão, gemia, baixinho:

— O meu Jesus tarda tanto em vir... tenho-Lhe tantas saudades!...

Quando entrevou, nenhum sacrifício lhe custou tanto como a privação da Missa e das longas visitas ao Santíssimo.

— Vais para o Jesus? — perguntava às irmãs que iam vê-la. — Dá-lhe muitas, muitas saudades! — E seguia-as, com os olhos rasos de lágrimas, a invejar-lhes a sorte...

— Está a descansar? — diziam-lhe às vezes, em voz baixa, julgando-a a dormir. Mas ela abanava a cabeça, a sorrir, e respondia: — Não, estou a conversar com Ele...

A uma religiosa que a interrogava affectuosamente «então está com os olhos fechadinhos?», respondeu:

— É para *ver* melhor!

Eximia em todas as virtudes, não podia deixar de o ser também na obediência.

— A autoridade é a vontade de Nosso Senhor, — repetia, muitas vezes. — E eram, de facto, impregnados de espírito de fé e de affectuosa veneração o seu respeito pela autoridade e o seu acatamento das ordens das Superiores.

Estando já paralítica, sempre que a Superiora entrasse no quarto, havia de fazer menção de se levantar. Esforço vão, pois estava tolhida das pernas.

— Perdoe-me, minha Madre! Olhe, não posso levantar-me... — desculpava-se, de cada vez.

Durante a visita da sua Superiora, que expansões de alegria, por a ter junto de si, que terna solidicidade por tudo o que lhe desse cuidado, que empenho em a distrair!

— A cruz de governar é pesada, — dizia-lhe, — mas não esteja triste, minha Mãe! — E, com a promessa das suas orações, o carinho e compreensão que lhe manifestava, conseguia sempre consolá-la.

O mesmo acontecia com as religiosas que a visitavam. Ordinariamente, vão ver-se os doentes para os confortar e distrair. Não assim junto da Madre Maria de Assis: esquecida de si e dos próprios sofrimentos, só o bem dos outros parecia interessar-lhe. Tinha rara habilidade para desviar a conversa do

que lhe dizia respeito e pôr a falar de si os que dela se abeiravam, podendo, desta forma, meter a propósito, uma palavrinha de ânimo ou de conselho, que deixava as almas reconfortadas e bem dispostas.

São o transbordar da sua vida interior os pensamentos que as irmãs recolhiam àvidamente dos lábios da querida doentinha — e que algumas escreviam para não mais os esquecerem —, como se vê por estes que transcrevemos:

«Quanto mais conhecimento nos dá Nosso Senhor da nossa pobreza espiritual, mais obrigação temos de trabalhar, para nos enriquecermos com as virtudes d'Ele.»

«A mais humilde, será aquela que menos se lembrar de si mesma.»

«Quanto mais escondido for o sofrimento aos olhos das criaturas, mais eficaz junto de Deus.»

«Desejemos a completa imolação pelos interesses do Divino Rei. Tenhamos uma só ambição: o martírio de cada dia!»

«O espírito de renúncia e de sacrificio é um vasto campo de batalha, onde há muito que combater, tanto mais que nos encontramos em frente do maior inimigo que temos: o nosso eu!»

«Se abraçássemos a prática da caridade para com o próximo, logo as riquezas de Deus se apoderavam da nossa miséria.»

Da sua predilecção pela virtude da pobreza, deu contínuas provas, na última doença. A enfermeira via-se embaraçada porque a Madre Maria de Assis tinha pouquíssima roupa e muito velhinha. Mas fossem lá falar-lhe em roupa nova! Ficava numa tristeza tal que ninguém — nem mesmo a Superiora, — se atrevia a contrariá-la.

A este respeito, dizia-lhe uma irmã.

— A minha Madre não leva bagagem nenhuma para o Céu.

— Não, que se eu levasse bagagem, São Pedro não me abria a porta!...

E, à enfermeira, que tentava persuadi-la a aceitar um hábito em melhor estado de que o seu (o que tinha nem para levar no caixão serviu!), deu esta resposta engraçada:

— Quando chegar ao Céu, não quero que o meu São Francisco me diga: foste muito vaidosa lá em baixo, tens de ficar aí num cantinho, e não te chegues para mim, porque o brilho da terra ofusca o do Céu!...

A sua humildade exprimia-se por forma igualmente encantadora.

Quem a quisesse ver aflita, era fazer-lhe elogios.

— Mas eu não fiz nada! Tenho as mãos vazias...
— respondia, com vivacidade.

Sucedia, não raro, que as pessoas com quem tratava, se saíssem com expansões como esta:

— Reze por mim, minha Madre. Nosso Senhor não pode deixar de a ouvir: é uma santa!

Saltavam-lhe logo as lágrimas e suplicava:

— Não diga isso, que me faz muita pena! Para se ir para o Céu, é preciso estar muito purinha, e eu tenho muitos pecados...



No dia 27 de Maio de 1951, a Madre Maria de Assis completava oitenta e sete anos.

Dois meses, é o que lhe resta de vida.

O final desta existência tão cheia de Deus faz lembrar, não um pôr do sol de Inverno a afogar-se no mar, em mergulho fugitivo, mas um belo ocaso de Estio, a abrasar o horizonte com feixes de luz irisada.

Já não sai do quarto desde os princípios de Abril, mas gosta que a levantem para uma cadeira de braços, e ali passa o dia.

Observante como era, e amiga de seguir em tudo a comunidade, queria, ao menos, acompanhá-la em espírito, na fidelidade aos seus exercícios de piedade. Se chegavam as nove horas da manhã e a enfermeira não aparecia, começava a chamar, meigamente:

— Vem-me levantar! Olha que tenho a meditação para fazer e já é tão tarde... Faço tudo fora de horas e estou sempre na cama... Que Nosso Senhor se compadeça desta grande pecadora!

A 10 de Maio, dá-lhe a primeira crise grave da enfermidade que a levaria para Deus. Das seis da tarde até à meia-noite, fica numa grande prostração, sem dar acordo de si.

Parecendo iminente o desenlace, chamam um sacerdote, para lhe administrar a Extrema-Unção.

Horas depois, desperta, a sorrir. E ao ver a comunidade reunida em volta do leito, exclama:

— Ah! como estão todas aqui?

Chovem as perguntas das religiosas:

— Minha Madre, por onde andou?

Com o seu modo alegre, responde:

— Lá por cima!...

Daí por diante, o declínio é rápido. O padecimento, crescente. Nunca, porém, a viram cansada de sofrer ou de viver.

— Só quero a vontade do meu Deus! — era a resposta que dava, se lhe perguntavam se queria ir já para o Céu.

E, se alguém interrogava «sofre muito?», a resposta era logo:

— Ah! não, só um pequeno mal-estar. — E mudava de conversa.

Um dia, deu esta linda resposta a uma religiosa que lhe perguntava «se lhe doíam as chagas»:

— São muito *mimosas*, preciso de as acolher com amor. A natureza que vá sofrendo e... caladinha!

Era uma doente ideal. Para ela, tudo estava bem e, se lhe levavam algum mimo ou lhe proporcionavam algum pequeno alívio, vinha imediatamente com frases como esta:

— Isto é mal empregado para mim! A *velhinha* não precisa disto, não faz nada...

O médico admirava-se da sua inalterável boa disposição e do sorriso de contentamento com que respondia:—«estou bem, senhor Doutor, estou bem!», quando indagava do seu estado.

Bem sabia ele o sofrimento que a apoquentava, com o corpo retalhado por feridas profundas, e todos os achaques próprios da doença e da idade!

Os curativos eram longos e dolorosos. Não se assistia de olhos enxutos àquele suplicio, mas vinha-se de lá com a alma cheia de consolação, ao presenciar a coragem e a alegria com que a santa doentinha aguentava o seu calvário.

— Dói muito? — perguntou, uma vez, a enfermeira, consternada por tanto a torturar.

— Dói, dói... mas sabes porquê? Por eu não ter castigado bastante o corpo. Agora, Nosso Senhor está a dar-me o que eu lhe poupei!

Não queria que se afligissem por causa dela e só gemia quando se julgava sózinha. Se, porém, a força da dor lhe arrancava palavras que exteriorizassem sofrimento, acudia logo com expressões como esta:

— Perdoai-me, isto foi um desabafo... Não é porque eu não esteja muito contente com o que Nosso Senhor me dá!

À vista de tão generosa expiação, uma irmã não se teve que não lhe dissesse, na sua simplicidade:

— A minha Madre há-de ter pouco purgatório.

— Isso não se diz! — respondeu, enérgica e triste.

— Não é o que os homens vêem que vale; mas só o que Deus vê. Andais com essas coisas e, quando eu morrer, não rezais por mim, e lá tem de estar este *carvãozinho*, muito tempo, a arder na fogueira...

A 18 de Junho, sobreveio nova crise, com os mesmos sintomas da primeira, o mesmo alarme na comunidade. Não era, todavia, a hora da partida.

Daí por diante, sente cada vez maior dificuldade em receber a Sagrada Comunhão. A muito custo consegue engolir a quarta parte duma partícula, e só tomando alguns golos de água. Isto causava-lhe um verdadeiro martírio: parecia-lhe que a culpa era dela e que não se esforçava bastante, e suspirava:

— É com tanto jeitinho que o Senhor Padre Cape-lão me dá Nosso Senhor, e nem assim... Meu Jesus, perdoai a esta grande pecadora, que não vos sabe amar!

A 24 de Junho, o seu estado agrava-se sensivelmente. Vai perdendo, pouco a pouco, o uso dos sentidos. Todavia, às nove horas da noite, ainda diz, com grande fervor:

— «Ó MEU DEUS, EU SOU TODA VOSSA»!

Foram as suas últimas palavras...

Passa a noite serenamente, a respiração funda e alta, mas sem estertor.

Na manhã seguinte, — uma quarta-feira, dia em que sempre honrava com mais devoção o *seu* São José —, veio o sacerdote, logo ao fim da Missa, para a encomendação da alma.

Rodeiam-na a Madre Provincial, a sua Superiora, e toda a comunidade.

Profundamente emocionadas, as suas irmãs rezam e choram. Lágrimas de saudade — quem mais as merece do que a santa velhinha? —; lágrimas de consolação, sobretudo, ao contemplar aquele rosto sereno e lindo, imagem da paz dulcíssima que lhe inunda a alma.

Enfim, às onze da manhã do dia 25 de Junho de 1952, num suspiro quase imperceptível, extinguiu-se-lhe a vida, em suave calmaria.

.....
Ao dar de rosto com o *seu* querido Jesus, as primeiras palavras a sair-lhe do coração que outras podiam ser senão as derradeiras que pronunciou na terra:

— Ó MEU DEUS, EU SOU TODA VOSSA!!

É que não morrem os que vão para Deus.

Nem se apaga a sua lâmpada ardente.

Deus tira-os da nossa vista, a fim de erguer aquela luz ao alto!

NOTAS

INTRODUÇÃO

¹ Fontes de informação que serviram para elaborar esta obra:

a) *Testemunho verbal* da Madre Maria de Assis, à autora.

b) *Cartas e documentos* da família Gomes da Fonseca, cedidos por Ana Gomes da Fonseca Lopes e José Correia Gomes da Fonseca.

c) *Testemunhos verbais* dos sobrinhos da Madre Maria de Assis e de Ana Gonçalves, sua antiga criada, à autora.

d) *Memorial* de Maria Jerónima Nunes de Carvalho, filha de Serafim Gomes Nunes, sobrinho direito da Madre Maria de Assis (manuscrito de 29 págs.).

e) *Testemunhos verbais e escritos* de Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

f) *Memorial* da Madre «Sainte-Foy» Conde, R.S.C.M., contemporânea da Madre Maria de Assis, e co-fundadora das Casas do Brasil (2 cadernos de 56 págs.). *Notas* (fls. soltas, 10 págs.).

g) *Crônicas manuscritas* da Província Portuguesa do Sagrado Coração de Maria.

1. O LOBO E O CORDEIRO

¹ O corpo da Virgem Mártir Santa Clara, que se venera na Igreja do Senhor do Bonfim, foi trazido de Roma, em 1798, sendo muito popular o seu culto e a sua festa, na cidade e arredores do Porto.

² As cenas mais dramáticas deste capítulo vêm pormenorizadamente descritas no *Memorial* de Maria Jerónima Nunes de Carvalho, e constam da tradição existente na família. Ao testemunho verbal de Ana Gonçalves, afilhada de Aires Gomes da Fonseca, se devem muitos outros pormenores interessantes.

2. ACENDEU-SE UMA LUZINHA

¹ Acerca da fundação do *Mosteiro de Tarouca*, lêem-se, em antigas crónicas, estas curiosas informações: «Dizem que São João Baptista em seu dia, no ano de 1119, depois de matinas apparecera a São Bernardo em Claraval de França, declarando ser vontade de Deus que enviasse alguns monges a Portugal aonde a luz do Céu mostraria o lugar destinado ao Mosteiro aonde nunca faltaria o rigor da ordem. Com a bênção de São Bernardo vieram seus discipulos Boemundo e outros seis buscar a São João Cirita que vivia solitário não longe de Viseu, a quem deram a carta de São Bernardo; foram a Guimarães pedir licença para a fundação ao santo Rei D. Afonso Henriques, que lha deu ampla de escolher o sítio que quisessem, e ninguém os impedisse da obra de Deus, em Março de 1126.»

² No seu *Memorial*, Maria Jerónima Nunes de Carvalho dá-nos interessante e pormenorizada descrição de Longa e seus arredores.

³ PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno*, t. IX, pág. 468.

⁴ Licença dada pelo Governador do Bispado de Lamego, Dr. Diogo de Macedo Pereira, aos 19 de Março de 1849.

3. PASSOS DA MOCIDADE

¹ GÉNESIS, XXII, 1-13.

² DANIEL, III, 8-95.

³ Termo usado no sentido de *melodia*, na linguagem popular de várias das nossas províncias.

4. CADEIAS QUEBRADAS

¹ 2.^a Ep. a Timóteo, III, 12.

² Fundado por D. João I, em princípios do século xv, com o título de *Real Mosteiro de Santa Clara*, ficava este famoso convento junto às muralhas da cidade. Habitavam-no as Franciscanas da Observância e, em tempos idos, chegara a contar mais de cem religiosas.

³ Primitivamente destinado a receber leprosos (como o nome o indica), e de fundação muito antiga, havia neste hospital, além das secções para «Lázarus» e «Lázaras», acomodações para entrevados de ambos os sexos.

⁴ Bernardina Tavares Santos era natural de Sandim (Gaia). Entrou em 1884 para as «Lázaras», e, ali, faleceu, em odor de santidade, a 9 de Outubro de 1898. Existe, num corredor

do cartório da igreja do Bonfim, um quadro a óleo representando-a na hora da morte. A devoção do povo portuense edificou-lhe um artístico mausoléu, no cemitério da Irmandade do Senhor do Bonfim, onde há, permanentemente, flores, velas ou lâmpadas acesas.

⁵ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, caps. 4, 5 e 6 (história desta fundação).

⁶ *Salmo*, cxv, 16 e 17.

⁷ *Carta* à sobrinha Ana Lopes (sem data).

5. EM DEMANDA DOUTRO NINHO

¹ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, caps. 10, 11 e 18 (fundação do colégio de Braga; vida e virtudes da Madre São Ligório, que ali foi Superiora muitos anos).

² *Carta* à sobrinha Ana Lopes (sem data).

³ *Idem*.

⁴ SÃO JOÃO, xvii, 4.

⁵ Cfr. R.S.C.M., *Apóstolo e Fundador*, Porto, 1939 (resumo da vida do Padre João Gailhac).

⁶ Cfr. *Cerimonial* do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

⁷ Cfr. ABBÉ F. LERAY, *Un apôtre — le Père Jean Gailhac*, Paris, 1939; HELENE MAGARET, *Gailhac of B'ziers*, New-York, 1946; R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948.

⁸ Cfr. R.S.C.M., *A obra mais bela*, Lisboa, 1945, pág. 5.

⁹ A Madre Santa Cruz Vidal foi religiosa de eminente virtude e uma das fundadoras do Instituto. Devia suceder à Madre São João Cure no cargo de Superiora Geral, de 1869 a 1878.

¹⁰ A Madre São João Cure faleceu a 4 de Março de 1869, com 60 anos de idade.

6. DE DEGRAU EM DEGRAU

¹ As casas do Porto, Braga e Chaves foram fundadas, respectivamente, em 1871, 1876 e 1885.

² PÈRE JEAN GAILHAC, *La vie religieuse*, Lille, 1892, t. I, págs. 15 a 19.

³ Em virtude dos decretos promulgados pelo governo liberal, em 1834, o convento das Capuchas de Chaves achava-se despovoado pela morte sucessiva das suas professoras — das quais só restava a Abadessa —, e em risco de ser encerrado, logo que ela faltasse.

⁴ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 12, pág. 139. Neste capítulo se descreve a história desta fundação e dos seus frutos. Apesar de efémera, pois não chegou a durar dez anos, foi consoladoramente fecunda.

⁵ A Madre «Marie de l'Annonciation Lynch» foi uma das primeiras religiosas irlandesas que vieram para Portugal.

⁶ PÈRE JEAN GAILHAC, *La vie religieuse*, Lille, 1892, t. II, pág. 80; t. I, pág. 340.

⁷ Há cerca de vinte anos, o cerimonial da Profissão foi ligeiramente modificado: não está o Santíssimo exposto quando se pronunciam os votos, e é branco o véu com que a noviça se apresenta ao altar.

⁸ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, págs. 3 a 100 (vida da Madre São Tomás Hennessey, fundadora das casas de Portugal).

⁹ Cfr. SALMO LXXXIII.

7. SEGREDO DUMA VIDA

¹ Até ficar concluída a linha da Régua a Chaves, a viagem para esta cidade fazia-se de comboio até Mirandela e, dali para cima, de carro ou diligência. Este trajecto devia levar umas boas seis horas.

² *Carta* de 7 de Outubro de 1891.

³ *Carta* de 26 de Maio de 1895.

⁴ *Memorial* da Madre «Sainte-Foy». Decorridos uns 60 anos, ainda esta boa Madre (que era uma das três postulantes), recordava comovidamente «a ternura e efusão com que a Madre Maria de Assis as abraçou e lhes falou».

⁵ A revolução de 1910 obrigara a transferir o Noviciado para Espanha, ficando em Tui até 1933.

⁶ Era costume da Madre Maria de Assis tratar por tu, na intimidade, as suas irmãs mais novas.

⁷ Valença é a cidade fronteira a Tui, onde costumavam despachar a bagagem que seguia para Portugal.

8. OBRA DE AMOR

¹ PÈRE JEAN GAILHAC, *La vie religieuse*, Lille, 1937, t. II, pág. 335.

² *Idem*, op. cit., t. II, pág. 124.

³ Sem a valiosa colaboração da veneranda e culta Madre «Sainte-Foy», dificilmente se poderia reconstituir o longo período que vai desde 1893 a 1919. Em páginas escritas com naturalidade e graça, narrou as suas lembranças pessoais, e coligiu interessantes testemunhos, verbais ou escritos, de diversas religiosas, e de antigas alunas.

⁴ PÈRE JEAN GAILHAC, *La vie religieuse*, Lille, 1937, t. II, pág. 125.

⁵ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 14 (referências ao colégio de Viseu).

⁶ No regresso a Portugal, era frequente usarem as religiosas o nome francês recebido no Noviciado de Béziers. Nos casos em que as religiosas citadas forem mais conhecidas por esse nome, mantém-se a forma francesa.

⁷ Em 1914, D. Manuel Damasceno da Costa, era sagrado Bispo da diocese de Angra.

⁸ A Madre Maria da Eucaristia Lencastre (Alentém), primeira «Provincial» do Instituto do Sagrado Coração de Maria, em Portugal, morreu santamente, em Braga, a 21 de Junho de 1931. «Esta grande Superiora — grande pela virtude bem mais do que pela nobreza do sangue» —, era uma alma de profunda vida interior e um modelo de todas as virtudes religiosas. (Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, caps. 14, 17 e 20).

⁹ SÃO LUCAS, XII, 50.

¹⁰ SÃO JOÃO, XII, 27.

9. O TEMPO DAS SEMENTEIRAS

¹ 1.^a Ep. Cor., xv, 36.

² SÃO MATEUS, xvi, 24.

10. SOB O LÁTEGO DA REVOLUÇÃO

¹ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 20, pág. 337.

² SÃO MARCOS, x, 29 e 30.

³ Cfr. R. DA CUNHA, *Luz ao alto*, Coimbra, 1952, cap. 3, pág. 25.

⁴ Idem, op. cit., cap. 1, pág. 2; cap. 4, pág. 34.

⁵ SÃO MATEUS, x, 23.

⁶ *Convidar* é expressão usada em algumas das nossas províncias, no sentido de presentear ou obsequiar.

11. PÁTRIA NOVA

¹ ARTUR RODRIGUES, *Alocução*, Ubá — Minas Gerais 1917, pág. 11.

² Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 21, pág. 354 (fundações do Brasil).

12. BRASIL, MISSÃO DE BÊNÇÃOS

¹ Informação de Maria Amália Azevedo Seno, Ubá — Minas Gerais.

² DAMIÃO PERES, *História de Portugal*, Barcelos, 1934, t. vi, pág. 735.

³ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 21, págs. 354 a 357 e Fundações, pág. 436.

⁴ 3.^a Ep. Cor., I, 27 e 29.

⁵ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 17, págs. 261 a 263.

⁶ SÃO LUCAS, VI, 44.

⁷ A Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, fundadora da «Província Brasileira» do Sagrado Coração de Maria, faleceu em Belo Horizonte, Brasil, a 19 de Dezembro de 1937, deixando memória de santa religiosa (Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 12, págs. 148 a 150; cap. 18, pág. 279; cap. 19, págs. 305 a 322; cap. 20, págs. 339 a 344).

13. ARREGAÇADA DE FLORES

¹ A carta de admissão de António Gomes da Fonseca na Venerável Ordem Terceira da Penitência, tem a data de 16 de Maio de 1848.

² *I Fioretti di Santo Francesco*, Bologna, 1926, cap. 13, pág. 87.

³ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 22, págs. 378 a 387 (fundação do colégio de Espinho).

⁴ *Idem*, op. cit., cap. 22, págs. 387 a 393 (reabertura do colégio de Braga, após a República).

⁵ SÃO LUCAS, XIII, 19.

⁶ *Salmo* XCIX, 2.

14. LUZ AO ALTO

¹ 2.^a *Ep. Cor.* IX, 7.

² Rev.^o Dr. Luís Lopes de Melo (dos seus escritos).

³ Cfr. R.S.C.M., *Vidas Vivas*, Coimbra, 1948, cap. 21, págs. 373 e 374.

⁴ *Idem*, op. cit., cap. 22, págs. 402 a 404.

⁵ A Madre Maria da Conceição Osório era, na altura, a Superiora da casa de Guimarães.

ESTE LIVRO
ACABOU DE IMPRIMIR-SE
A
21 DE NOVEMBRO
DE 1952
— FESTA DA APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA —
NAS OFICINAS DA
IMPRESA DE COIMBRA, LIMITADA
EM
COIMBRA
*
LAUS DEO
ET
MARIAE .